1954

DEZEMBRO - N. 451

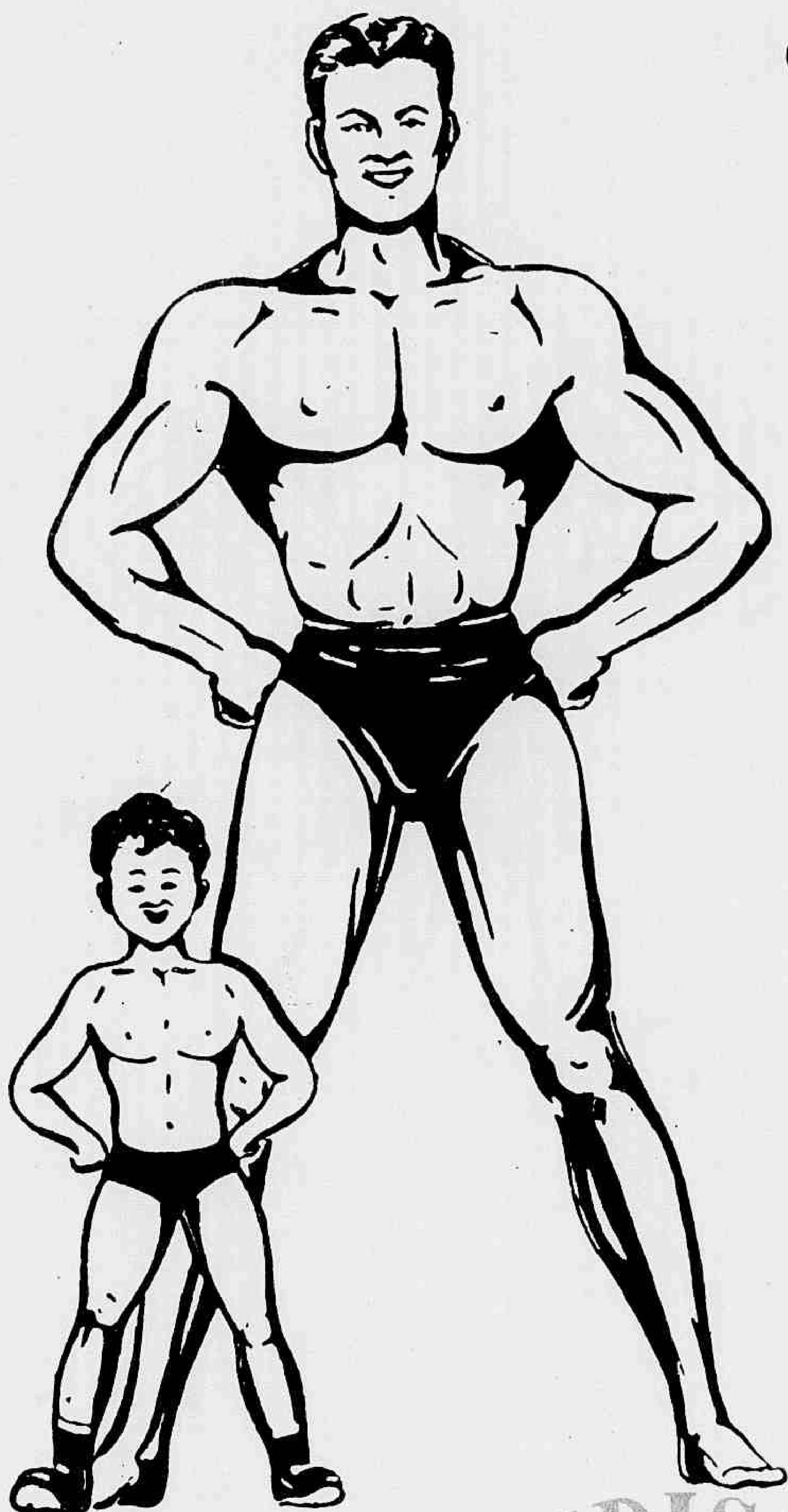
EU SEI TUDO



A VIDA HUMANA VEIO DE OUTROS PLANETAS? ★ A VOZ HUMANA JÁ NÃO TEM SEGREDOS. ★ O CORAÇÃO ARTIFICIAL.



ARROZINA



O alimento ideal dos bebês



JÁ ALIMENTOU DUAS GERAÇÕES DE CAMPEÕES



Encontra-se ARROZINA em tôdas as farmácias e drogarias do Brasil



Instituto Dietético Infantil S.L.

FÁBRICA: AV. ODILA, 1549 - Cx. Postal, 4334 - ESCRITÓRIO: R. MARIA PAULA, 136
FONE: 33-4263 - SÃO PAULO ★ FILIAIS NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL

REPRESENTANTES:

RIO DE JANEIRO
Rua do Lavradio, 178-A

BAHIA — SERGIPE
Rua Júlio Adolfo, 3 — 2.º (Salvador)

PERNAMBUCO — PARAÍBA — R. G. NORTE
ALAGOAS
Rua Velha, 56 (Recife)

CEARÁ
Rua General Sampaio, 1.075 (Fortaleza)

PIAUÍ — MARANHÃO
Rua General Sampaio, 1.301 (Fortaleza)

PARÁ
Rua 28 de Setembro, 63 (Belém do Pará)

AMAZONAS
Rua Marcílio Dias, 226 (Manáus)

RIO G. DO SUL
Rua Luiz Afonso, 300 (Pôrto Alegre)

MINAS GERAIS
Rua Acre, 114 (Belo Horizonte)

NOTAVEL!

O ANUÁRIO do ESPORTE Ilustrado

Cr.$ 20,00











1951

1952

1953

1954

A VENDA EM TODO O BRASIL

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aquistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aquista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

★

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

★

RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Aguas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelos telefones 20, 4 e 29. Aguas da Prata é servida pelas magníficas emprêsas de ônibus EXPRESSO BRASILEIRO VIAÇÃO LTDA. e VIAÇÃO COMETA S. A.

DESCONTO ESPECIAL DURANTE OS MESES DE MAIO A DEZEMBRO



EXCELENTE BAR



AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES

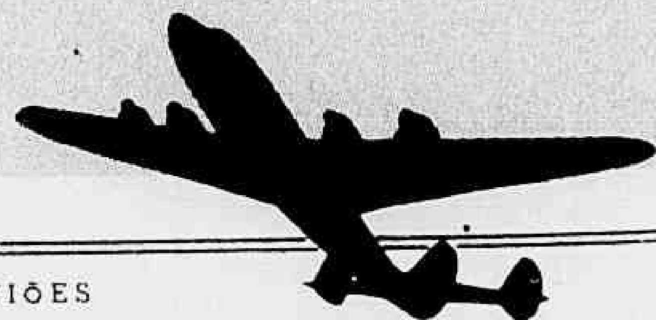




ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"



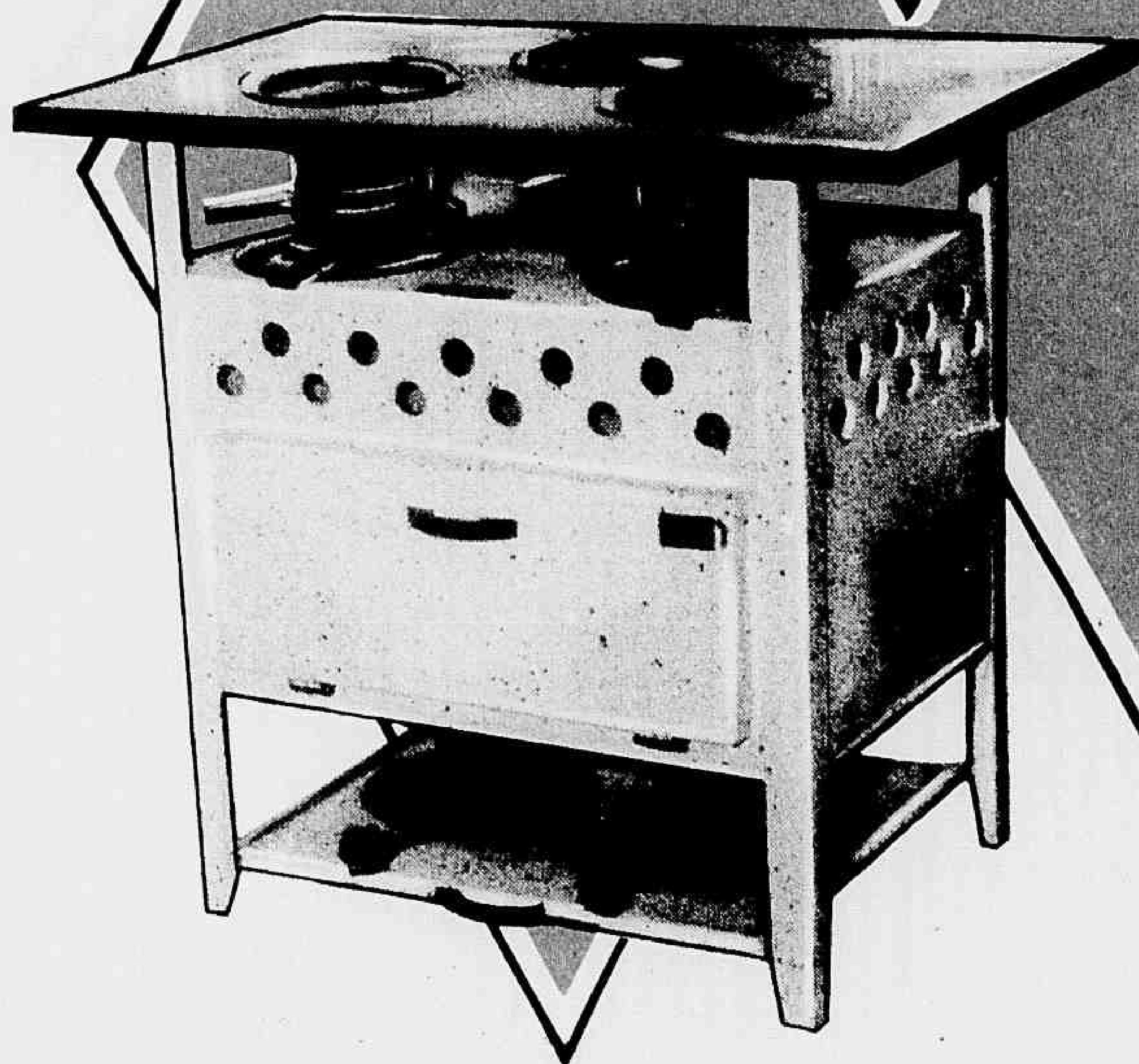
AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Paulo

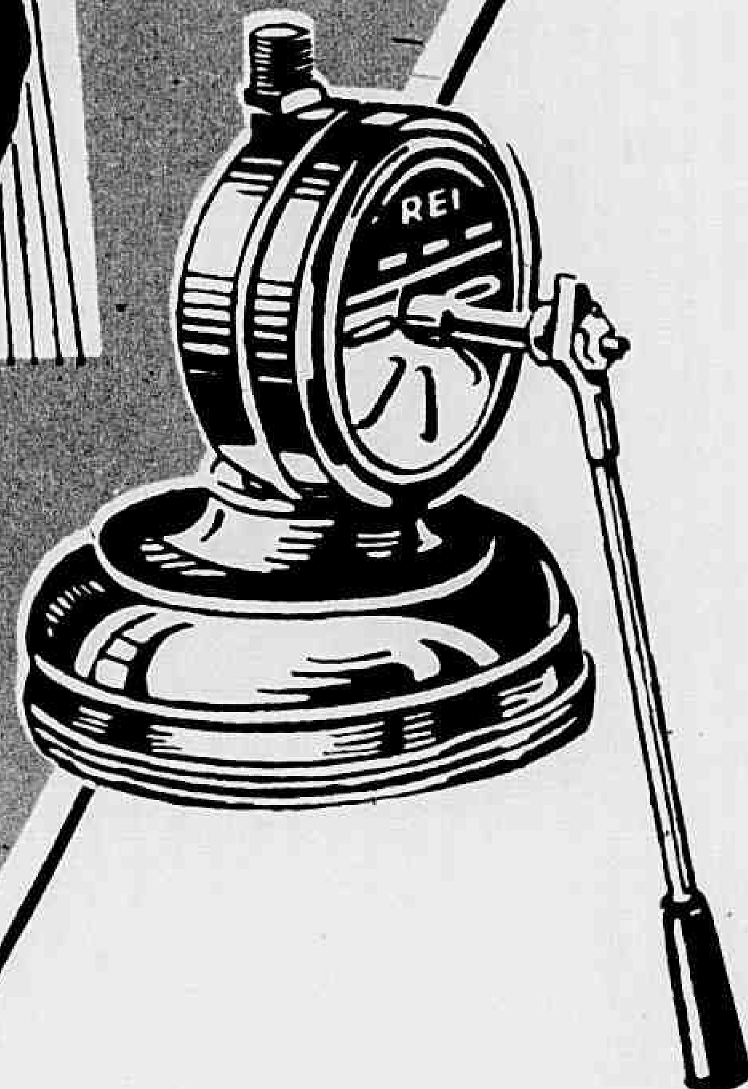
★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte

(do aeroporto a Aguas da Prata em 30 minutos de automóvel)

REI







Industrias Rei

H. WACKER S. A.

Chuveiro elétrico «REI»

Fogões a gás de querosene ou óleo «REI»

MATRIZ:

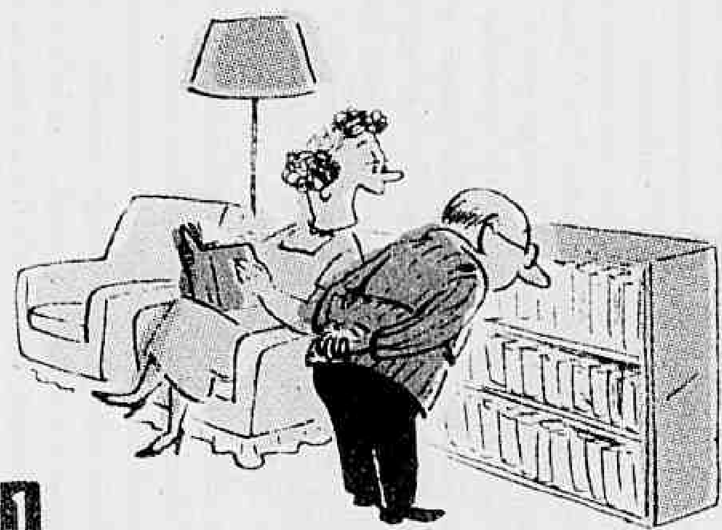
Rio de Janeiro
Rua das Marrecas, 5

FILIAIS:

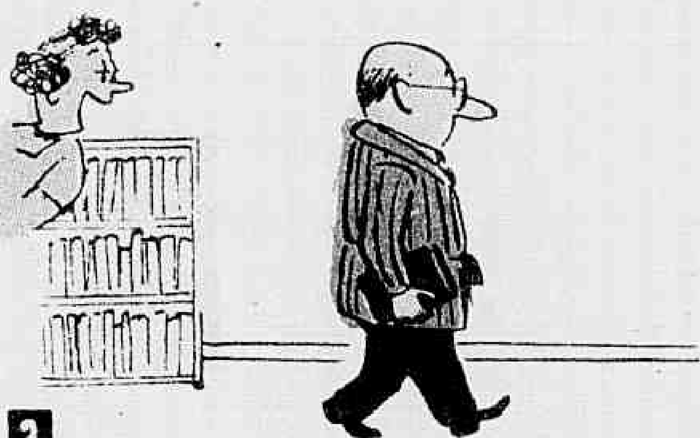
São Paulo: Rua 7 de Abril, 172
Niterói: Rua José Clemente, 70
Recife: Rua São João, 311

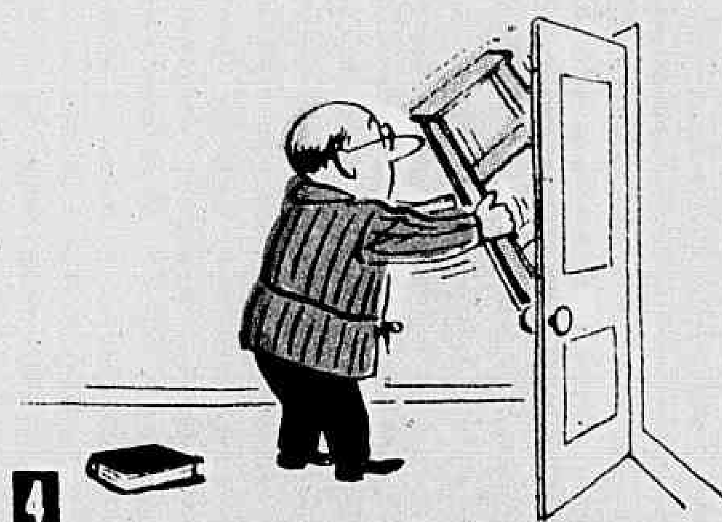
PARA LER SOSSEGADO...

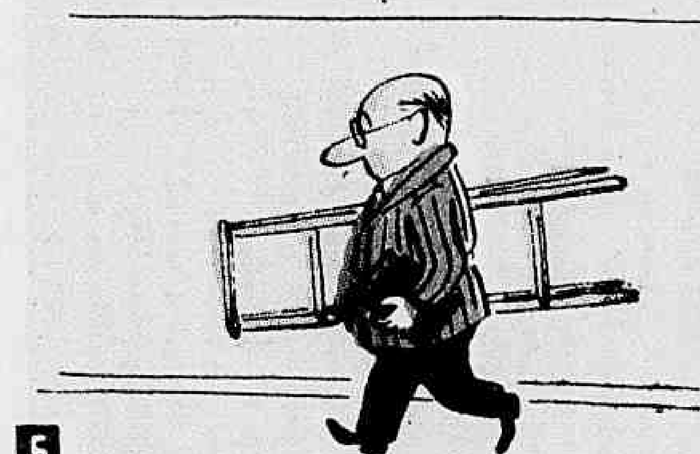
por HENRY SYVERSON







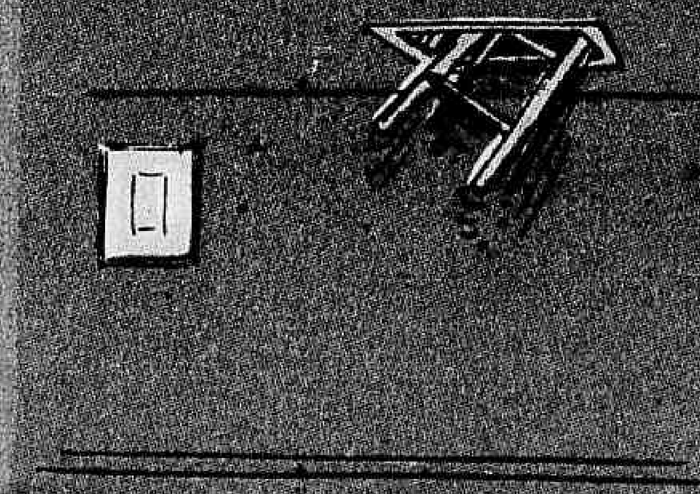


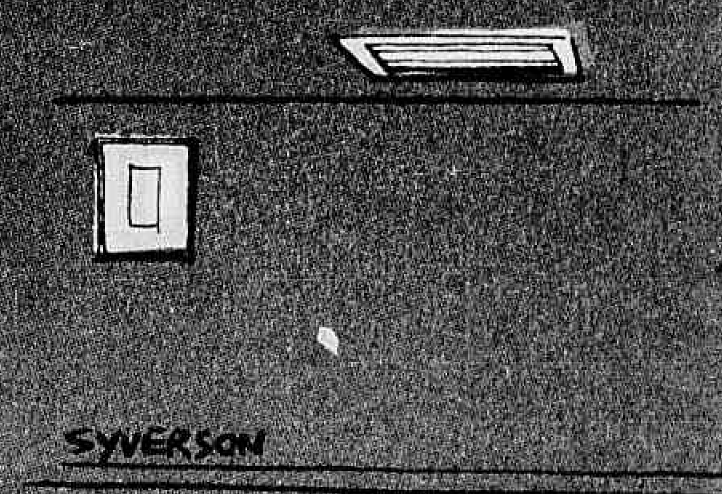












A ARTE DE ESQUIVAR

UMA famosa atriz do teatro francês havia sido citada como testemunha num processo de perdas e danos. Para enfraquecer o valor de seu depoimento, o advogado da parte contrária tratou de provar que ela mentia constantemente, a propósito de sua idade. Tinha 52 anos, mas só admitia- ter 40. Além do mais, recusava prestar juramento.

— Que idade tem a senhora? — perguntou o advogado.

— Não sei — disse ela, vivamente.

— Como! Não sabe?...

— Não. Jamais tirei certidão de nascimento e, também, jamais tive curiosidade de verificar meu estadò civil.

— Mas, senhorita — protestou o advogado com voz suave. — Os seus pais- sem dúvida, devem ter dito, ao menos, que idade era a sua. Quando disseram êles que a senhora nasceu?

— Isto — respondeu a atriz, com firmeza — é um simples "ouvi dizer", e espero que os senhores não admitam num tribunal.

— Mas... mas... — gaguejou o advogado.

A atriz se voltou, então, para o presidente:

— Tenho ou não razão, sr. presidente?

O presidente, com uma ligeira careta, foi obrigado a responder que, de fato, a atriz tinha razão.



— Sempre mais alto devo subir, sempre mais alto devo olhar. — *Goethe*

— Amor é a primeira condição da felicidade do homem. — *C. Castelo Branco*

— O maior prazer é esperar êsse prazer. — *Lessing*



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO, ARTISTICO, HISTÓRICO E LITERARIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Publicidade: — J. M. Costa Júnior, L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega. Publicidade em S. Paulo: W. Farinello, Rua S. Bento, 220 — 3º andar — Telefone: 2-1512. Distribuição e venda em São Paulo: Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 50,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

A Mentira

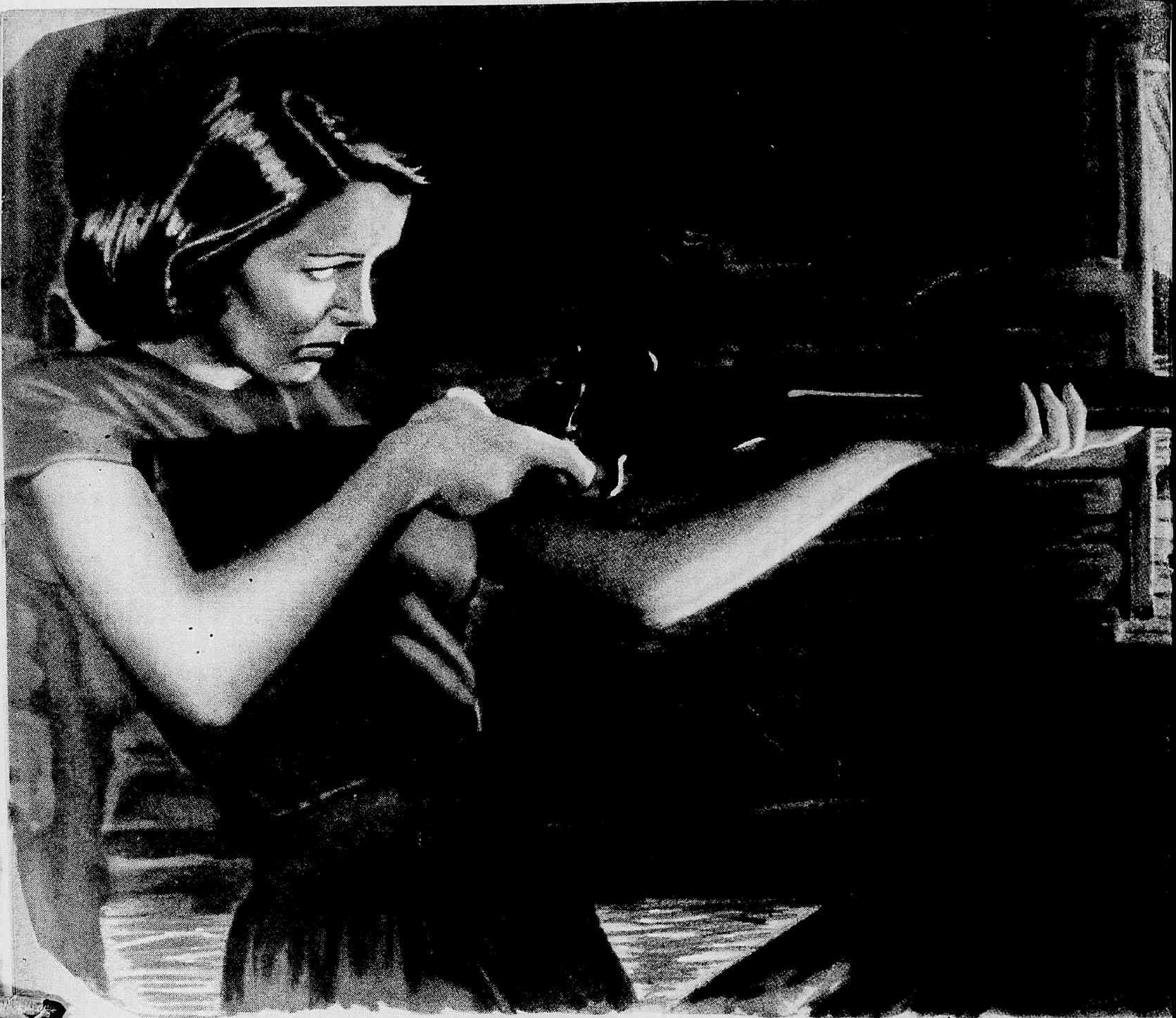
QUANDO o automóvel atingiu o alto da colina e o horizonte se descortinou à sua frente, com prados verdes — como uma peça de linho verde — cercados de terra escura, Raoul Daguet encostou para o lado da estrada e deixou que o motor silenciasse.

Aquela quietude, aquela imensidão silenciosa o envolveram completamente.

A viagem que fizera, da França aos Estados Unidos, fôra a serviço da firma "Lyons", porém tinha que admitir, tambem, que um outro fim, metade consciente e metade inconsciente, *como correntes ocultas*, o havia levado até ali.

Desde aquela noite, nos Pirineus, quase oito anos atrás, até agora — junho de 1948 (se êstes detalhes interessam) — mais fortes do que os fios de sêda que agora tinham tanta importância no seu meio de vida, na fábrica "Lyons", a teia do destino, que liga tantos acontecimentos e lembranças, finalmente o trouxera até aquela colina, no Connecticut, de onde já lhe era possível ver a casa de Mara, branca e solitária no meio da fazenda situada dentro do vale. Sentia-se meio entorpecido pelas longas horas de viagem.





Só se ouvia o ruído do rio, lá fora. Marta fêz pontaria, e, com a respiração suspensa, esperou que

Acendeu um cigarro, semicerrou os olhos, como que tentando concentrar-se melhor e também procurando acalmar um pouco as batidas aceleradas do coração.

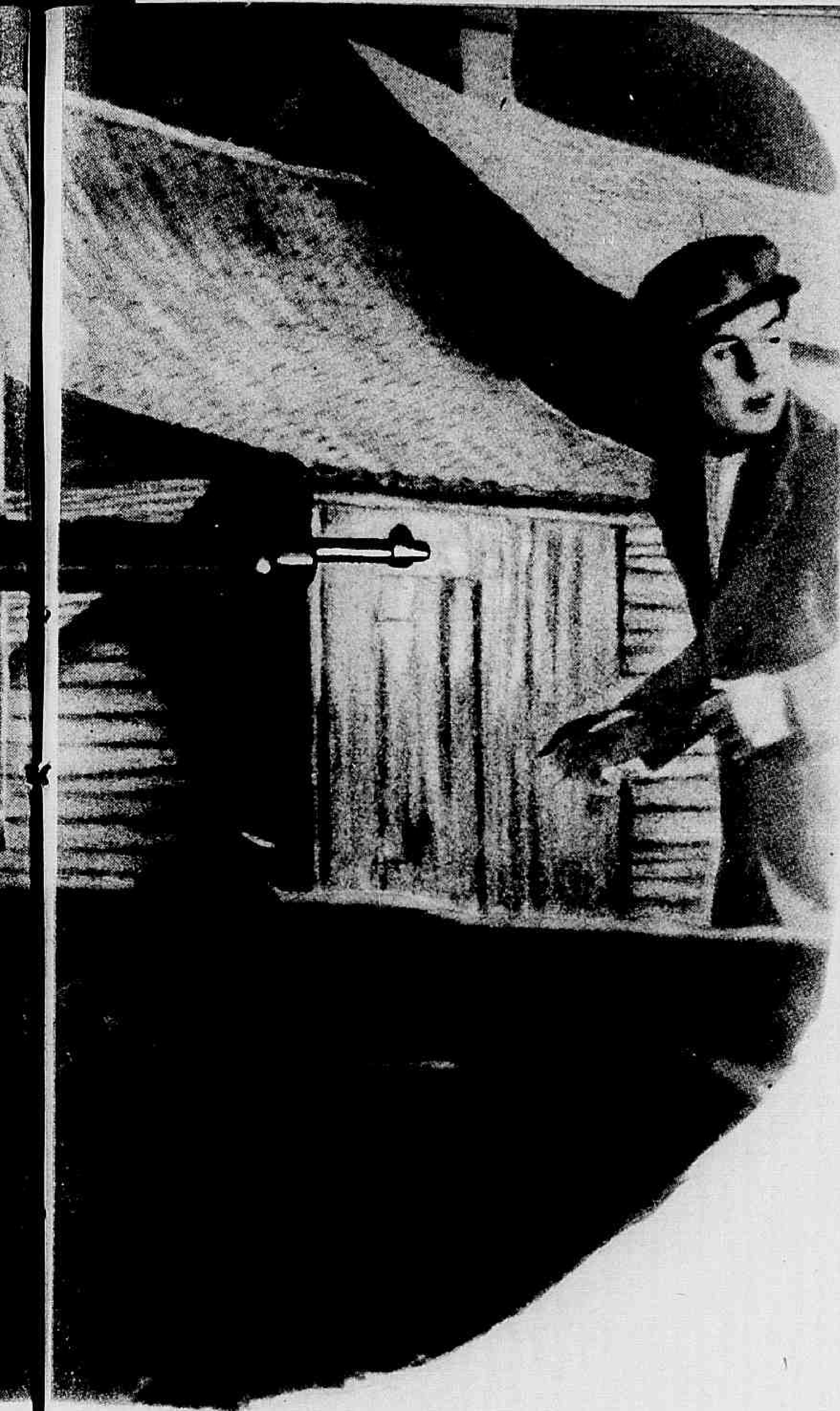
Esqueçamos a guerra — diziam todos. Mas como esquecer o que estava tão ligado à sua vida, às lembranças de emoções profundas, tão profundas quanto o amor que as provocara — lembranças de coragem, lealdade e sofrimento. E também — pensou amargamente — de traição e falsidade!

Mas... lá em baixo, no vale, morava Mara, tal como vivera, certa vez, num outro vale perto da fronteira, na França.

Ali, Clent Hammond, o norte-americano, se havia enamorado dela; e depois da queda da França havia conseguido escapar. Mara e Clent não guardavam memórias amargas de traição. Apenas lembranças de tradições, vitais e vibrantes como a própria Mara e os seus propósitos de bravura.

Sentia que devia vê-la, novamente, para relembrar os momentos de perigo que haviam enfrentado juntos. E quando o encontro se efetuasse e êle houvesse transformado em palavras a sua imensa gratidão, então, sim, poderia começar novamente; livrar-se do passado e caminhar para o amanhã.

Deixou que o veículo deslizasse com o motor desligado, na descida, e quando avistou a caixa postal com o nome Hammond, dobrou para a estradinha à esquerda; então ligou o motor e foi em direção à fazenda.



êle se aproximasse. Depois, então, calcou o gatilho...

Ela devia ter ouvido o ruído do motor à distância, pois abriu a porta da varanda e saiu para o pátio... Mara! Esbelta e morena, delicada e pequenina. A mesma criaturinha adorável que oito anos atrás havia não só possibilitado o cumprimento da sua missão como também tornado possível que êle continuasse a viver, realmente!

E lá estava ela, de pé na varanda de madeira com três crianças, juntinhas, a sua volta.

Ela o observou enquanto abria a porta, saltava do automóvel e caminhava em sua direção e, quando o reconheceu, seus olhos castanhos ficaram mais escuros com a sombra das lembranças despertadas e Raoul sentiu uma barreira de acanhamento e reserva cair entre êles, como se uma lufada vinda do desconhecido tivesse quase apagado a chama dos seus radiantes propósitos.

Certamente, o futuro nasce das sementes do passado... Como poderia então ser explicada a atitude de Mara? Entre êles havia cortesia, uma fria polidez, rígida como uma parede.

Os estranhos se podem encontrar assim, mas *êles*? Depois dos momentos de perigo que haviam compartilhado? Como tentar apagar assim, de repente, aquelas horas tôdas?

Para aquela recepção êle não estava preparado!

Ela chamou Clente, que estava nos campos. Grandalhão, pesado e amistoso — com aquêle mesmo jeitão que cativara a confiança dos enfermos, enquanto servira com o Corpo Americano até à queda de França. A seguir, apresentou as crianças:

— Esta é Annette — nossa primogênita; alta e forte como o pai. Marie é a mais travêssa. E Raymond — ainda de colo.

Depois pediu notícias das pessoas amigas, lá das montanhas, na vila onde nascera, oito milhas distante da vila dêle, mais perto da fronteira espanhola; porém repeliu com delicadeza e determinação qualquer comentário, direto ou indireto, àquela noite tenebrosa e arriscada.

Em volta de Mara tudo lembrava um lar, a atmosfera aconchegada do lar se expandia à sua volta como a videira. Ela, Clent e as crianças tinham aquêle ar de tranqüilidade doméstica. Mas... *onde*? — pensou Raoul — onde estava a marca da bravura, da coragem, em sua fronte altiva? Onde estava aquela estrêla que devia brilhar ali para sempre?

A tarde foi morrendo dentro de um crepúsculo sereno.

As crianças tomaram banho e foram dormir. O jantar foi preparado e servido, compartilhado por aquelas três criaturas. Aquelas três pessoas que se haviam acomodado juntas sôbre a palha de um celeiro, escondidas, unidas, amedrontadas, não ousando falar ou mover-se enquanto não caísse a sombra da noite — estavam sentadas, agora, serenamente, em redor da mesa de jantar, neste outro país, conversando sôbre banalidades!

Êle viu os olhos de Clent e sentiu que Mara — que uma vez tomara atitude tão decisiva — ainda guardava o mesmo temperamento altivo.

O jantar terminou e foram para a sala, onde ela sentou à sua frente, tendo as mãos ocupadas no serzido de peças da família.

Clent levantou-se e falou:

— Vou guardar os animais e fechar as porteiras. — E saiu.

Raoul o observou quando êle caminhava, descia os degraus, tirava a lanterna do gancho, acendia-a e seus passos se apagavam na distância.

Lá, nos Pirineus, havia uma casa de fazenda também — uma casa baixa, no fundo do vale, ao som das águas do Rio batendo nas pedras. Por trás, as montanhas cobertas de vegetação, ciprestes, arbustos e árvores de altura suficiente para proteger a fuga de um homem ou de uma mulher em noite sem lua, saltando de árvore para pedra, de pedra para árvore, montanha acima até à fronteira da Espanha!

As mãos de Mara continuavam ocupadas na costura, fazendo um ruidozinho, monótono e irritante. Finalmente, ela falou:

— Temos duas vaquinhas...

— Havia vaquinhas também naquela fazenda onde nós...

Ela parou com as mãos e olhou para êle. Raoul sentiu que a barreira não mais estava ali entre êles. Nada os separava agora! Ela sentira por certo que não poderia evitá-lo.

Êle tomou fôlego, para começar o que planejara.

Queria expressar sua gratidão pelo muito que devia a ela e começou ternamente:

— Mara...

Porém, a voz dela atalhou-o, ríspida como um chicote:

— Não torne a me falar naquela noite!

Tinha as mãos crispadas e a expressão de horror que êle viu em seus olhos o deixou gelado. Ela continuou:

— Nunca mais quero lembrar...

— Mara! Devemos tudo à sua coragem...

Ela tornou a falar:

— Eu matei! (O relógio da sala marcava alto os minutos). Matei com um rifle, mas as minhas mãos estão tintas de sangue, Raoul, *como se eu o fizesse com elas*! Tenha piedade de mim e não me faça mais lembrar aquela noite tenebrosa...

— Mas se você deve tudo isso (e num gesto largo êle abrangeu a segurança do lar) àquela noite, àquela fuga, à coragem que você e Clent tiveram em ser os primeiros a experimentar aquela nova estrada de liberdade!

Ela estava sentada, tensa, e suas palavras chegaram aos ouvidos dêle duras, eletrizantes e em tôda sua clareza:

— Cada minuto de minha vida é uma luta, tentando esquecer! Quando tomo Annette nos braços, relembro minhas mãos na coronha do rifle assassino; vejo aquela noite escura e em minha cabeça ressoam novamente as ordens.

— "Quem quer que venha neste ângulo você deve atirar... Não espere! Atire! Atire para matar! Será o traidor que vem para atraiçoá-nos!" — E sinto o aço frio do rifle em meus dedos... Chego a sentir o gatilho! Minha cabeça se curva quando me lembro. E você estava, da janela, cobrindo a retirada para o caso de eu falhar. E Clent também tinha uma área a vigiar e as portas para proteger. Eu sabia as instruções: quando o tiro soasse eu devia deixar cair o rifle, correr e reunir-me a Clent para, juntos, escalarmos a montanha, enquanto as atenções estivessem prêsas em volta do homem morto por mim! Enquanto isso você fugiria pelo outro lado, levando a mensagem a seu destino. Eu sabia que a nossa liberdade e a sua missão eram mais importantes, na guerra, do que a vida daquele homem...

— Êle era um traidor e não sòmente as nossas vidas como centenas de outras vidas dependiam da sua coragem!

Ela moveu a cabeça negativamente e continuou:

— Havia silêncio em volta, e só se ouvia o ruído do rio. De repente senti que êle se aproximava. Fiz pontaria e esperei até que êle estivesse na mira. Então puxei o gatilho e o vi rolar por terra, contorcendo-se. Porém mesmo na noite escura eu vi o rosto dêle!

Enxugou as mãos nervosas num lenço.

— Não era um soldado alemão! E os soldados vão para a guerra para matar ou morrer — mas não era um soldado!

Era um rapazola — e era francês! Pouco mais do que uma criança!

Raoul perguntou preocupado:

— E você o conhecia?

— Não sei como se chamava, mas já o havia visto por ali, embora eu não soubesse quem era nem onde morava. Não posso acreditar que fôsse meu dever matá-lo. Deve ter havido um engano!...

— Não houve engano.

Mara, porém, não parecia ouvi-lo, e continuou:

— Pensei que meus filhinhos me ajudassem a esquecer, mas a lembrança sinistra está entre êles e eu!

— Aquêle rapazinho, quem quer tenha sido — disse Raoul, era um traidor. Nós, do "underground", tínhamos nosso grupo conhecido, e tínhamos senha para quem quisesse passar com mensagens ou material; portanto, aquêle rapaz veio para nos trair naquela noite! Se êle não morresse, nossas vidas e nosso trabalho estariam perdido. Êle era um traidor. Isto não a tranqüiliza?

— Não! Tenho tentado convencer-me, mas não adianta. Não sinto bravura em mim. Não consigo livrar-me do pêso dêste remorso e livrar-me disso era tudo o que eu queria!

Ao longe, junto com o ruído do relógio, ouviram os passos de Clent, que voltava.

Raoul compreendeu de que maneira poderia pagar a sua dívida de gratidão e então falou:

— Querida Mara... se isto é tudo que você deseja...

— Tudo?... Tudo? — repetiu ela, amarga e desesperançada.

E Raoul falou:

— Nossa resistência, nossa organização era recente e composta de jovens; mas, mesmo assim, não era possível deixar que dependesse de uma jovem mulher tanto quanto parecia que estava dependendo de você. Da minha janela cobri o mesmo ângulo que você. O que acabo de ouvir sôbre o tiro que você deu pode ser exato, mas sei que atirei, *eu mesmo*, naquele rapaz! Nós não poderíamos ter a certeza de que você *não falharia*... Enfim, o que quer que tenha acontecido com a sua bala, você cumpriu o seu dever, *mas fui eu que atirei no rapaz!*

NÃO VERÁ PUBLICADO O SEU LIVRO



VARLY W. Chessman, prêso na cela da morte, da prisão de Saint Quentin, na Califórnia, será executado na câmara de gás, em 14 de maio de 1955. É réu de homicídio e roubo e depois do julgamento está na cela da morte há cinco anos, lutando com os últimos recursos contra a sentença máxima. Logo depois de prêso, iniciou um livro, no qual relata a sua vida de encarcerado e de provàvelmente condenado à morte. O livro não poderá ser publicado antes da primeira quinzena de julho. Não o verá, portanto, impresso.

— Você... você atirou também?

— Sim; eu o matei!

Continuou sentado, fitando-a e sentindo ao mesmo tempo o pêso da carga que

acabara de tirar dos ombros dela. Agora estava feito. Nada mais lhe restava fazer. Amanhã, quando lhe pedissem para ficar — porque agora Mara iria insistir — êle recusaria. E iria precisar de tempo para se acostumar à idéia da solidão eterna em que teria de viver — sòzinho e triste, longe da felicidade dourada que ela acabara de recuperar!

Viu a alegria nova que a envolvia.

Baixou os olhos para as mãos cruzadas sôbre os joelhos e murmurou baixinho: "Que Deus me perdoe! Sim; as ordens haviam sido tal como Mara dissera: êle ficara na janela, para o caso dela falhar — não havia lugar para enganos. Fôsse quem fôsse o intruso, teria que morrer!

E êle ficara no seu pôsto, na janela, vigiando, tenso como em tôdas as outras ocasiões em que fôra obrigado a matar para viver. Era a guerra! Já se havia acostumado à escuridão, de forma que naquele segundo em que o jovem rolara por terra com o tiro de Mara êle ficara parado como uma estátua, pois ao vê-lo aproximar-se havia visto o seu rosto.

Seu rifle estava armado e a mira feita, mas êle não atirou. Falhou no seu dever. Ouviu, porém, o tiro, disparado por Mara. Ela, uma mulher, havia coberto a área por êle. E êle ficara parado, vendo o rapaz rolar por terra, mortalmente ferido. Ouvira o ruído agitado por trás do celeiro e continuara parado, sem conseguir mover-se, como que pregado ao solo. De repente, despertando, assim como de um pesadelo, desandara a correr, a correr em cumprimento de sua missão.

Pois no jovem traidor que passara diante de sua mira e que tombara sob o tiro disparado por Mara, êle reconhecera o próprio irmão!

★ ★

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA



GRACIELA ELIZALDE

AS famílias das outras Américas conhecem as batedeiras elétricas? — perguntou-me, há dias, uma amiga. Eis uma pergunta que me fêz rir, embora, evidentemente, minha amiga não quisesse insinuar que sòmente nos Estados Unidos existem êsses aparelhos.

Embora não dispusesse de estatísticas, respondi que tinha a certeza de que muitas famílias dos outros países americanos possuíam batedeiras elétricas, e mesmo as do último tipo, denominado Triple-Whip, que dispõe de três dispositivos para bater os alimentos, assegurando um funcionamento muito mais eficiente; além disso, como os dispositivos não possuem eixo central, a limpeza é muito fácil.

Outra vantagem do novo modêlo é possuir uma luz, que ilumina a tijela, de maneira que podemos ver o que está sendo batido e quando fica batido. O aparelho tem doze velocidades diferentes e possui um dispositivo para extrair o caldo das frutas.

Se a leitora já possui um dêsses aparelhos, poderá experimentar a seguinte receita:

SOUFFLÉ DE QUEIJO

1/4 de xícara de farinha de trigo
1/4 de xícara de manteiga
1 1/2 xícara de leite
1 colherinha de sal
250 gramas de queijo ralado
6 gemas de ôvo
6 gemas de ôvo
6 claras de ôvo
1 pitada de pimenta

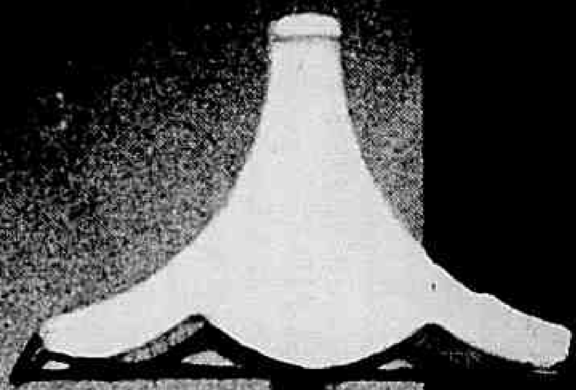
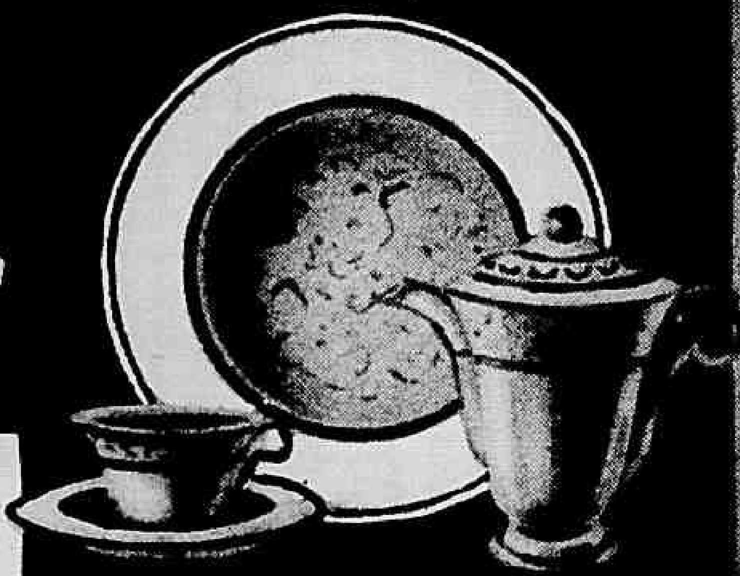
Derrete-se a manteiga, numa frigideira, e junta-se a farinha de trigo. Em seguida, junta-se, pouco a pouco, o leite e depois o sal e a pimenta. Cozinha-se em fogo brando, até que a mistura tome uma consistência espêssa e macia. Tira-se do fogo, junta-se o queijo, mexendo até que o mesmo se derreta.

Coloca-se a gema de ôvo na batedeira e bate-se com os dois batedores da frente na velocidade 12, durante um minuto. Mistura-se com a outra massa, mexendo-se bem e, finalmente, deixa-se esfriar um pouco.

Bate-se a clara de ôvo, com os três batedores, velocidade 12, até que fique dura, mas não sêca. Coloca-se, devagar, a mistura das gemas sôbre a clara.

Coloca-se a nova massa numa panela de dois litros, não untada, e leva-se a forno quente, durante uma hora e um quarto. Serve-se imediatamente.

LOJAS DA PERFUMARIA MEYER

LOJA 2

LOUÇAS
CRISTAIS
PORCELANAS
PRATARIAS
ARTIGOS PARA NATAL




LOJA 1

PERFUMARIA E SALÃO DE CABELEIREIROS



LOJA 3 - Sapataria

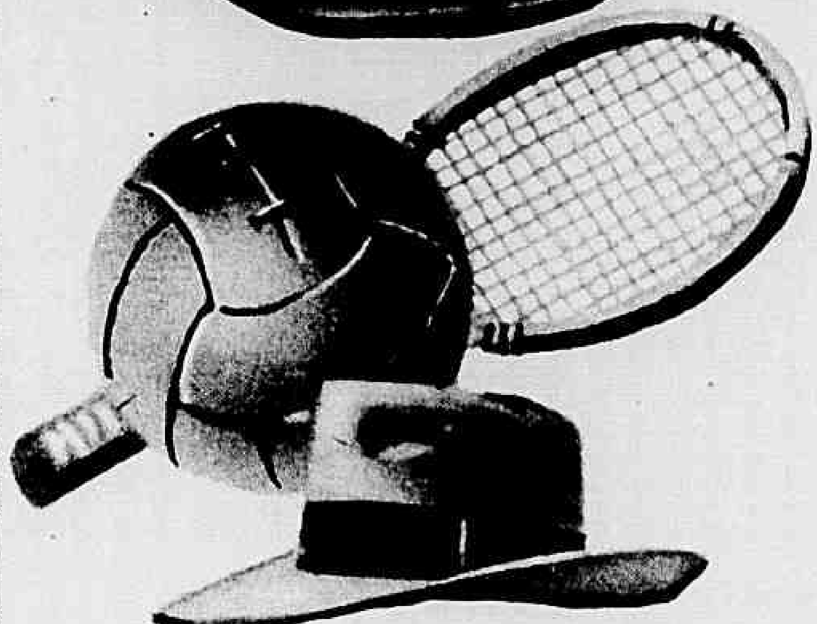
SAPATOS PARA HOMENS SENHORAS E CRIANÇAS





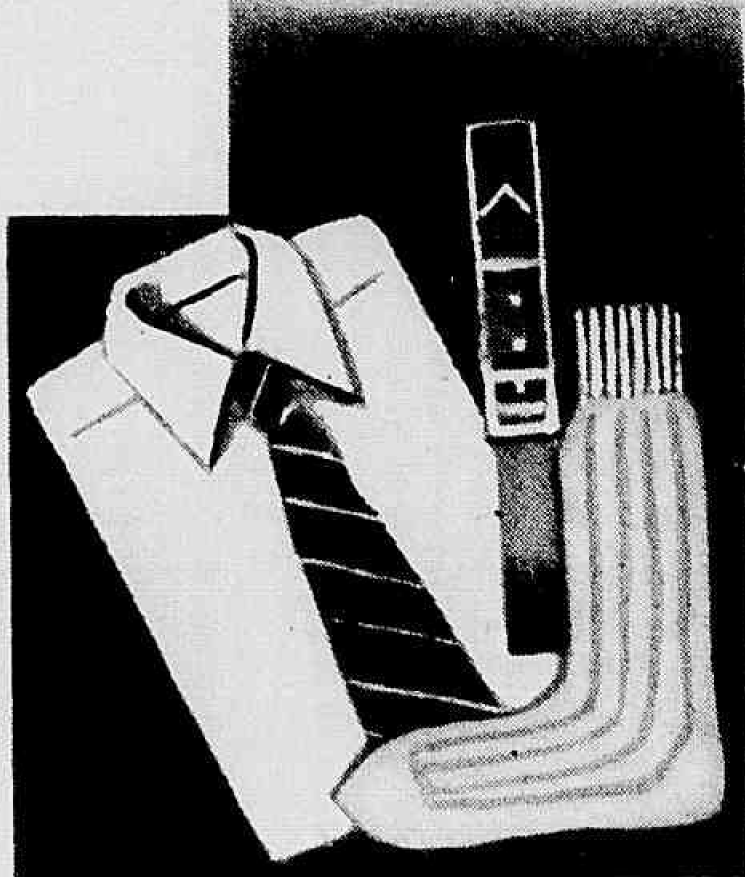
LOJA 5 - Camisaria

CAMISAS
GRAVATAS
PIJAMAS
MEIAS
LENÇOS
CINTOS ETC.



LOJA 4 - Chapelaria

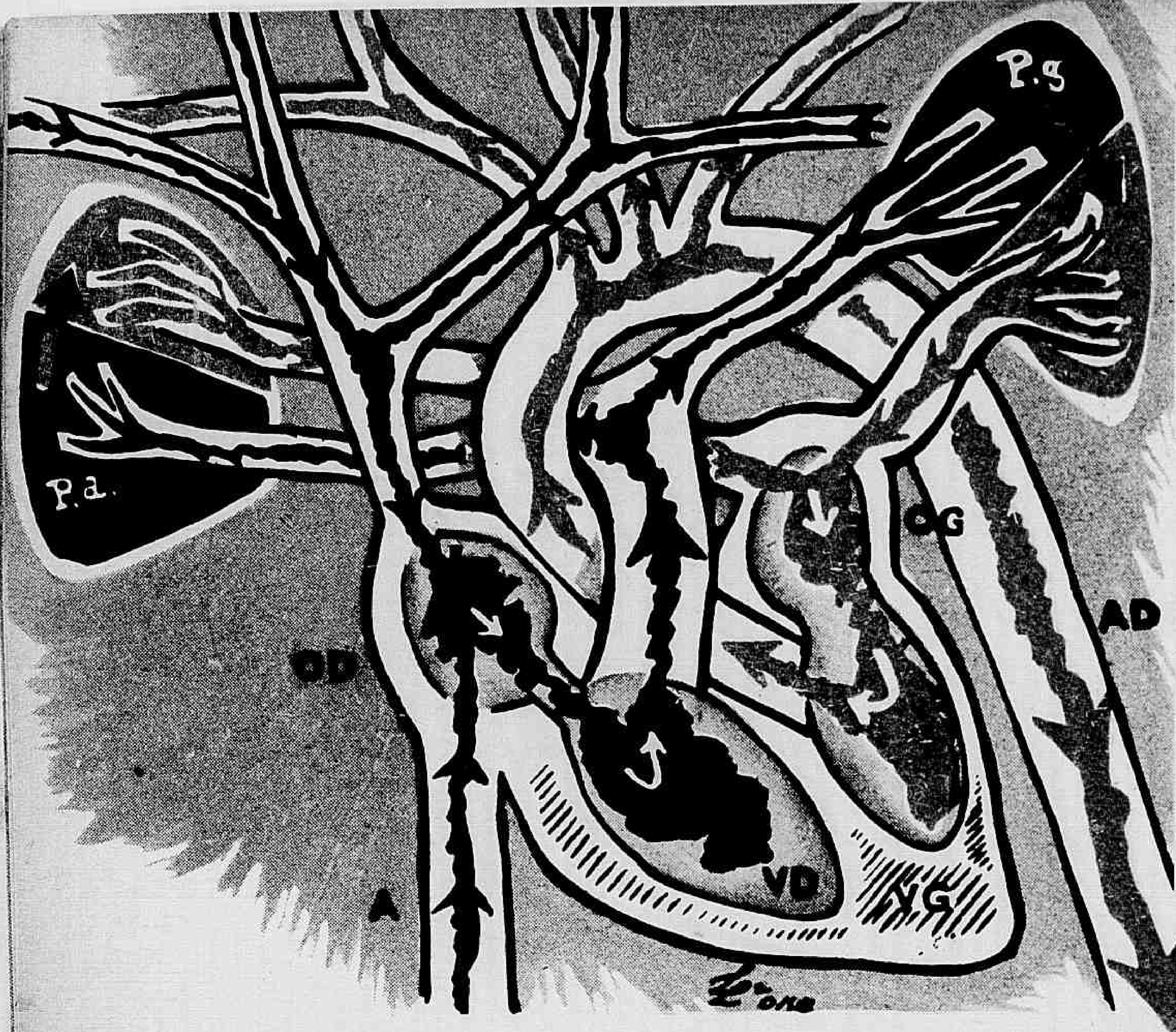
CHAPÉUS E ARTIGOS PARA ESPORTES



VIEIRAS DE CASTRO & CIA. LTDA.

RUA ARQUIAS CORDEIRO, 275 a 279 e 285 a 293
MEYER — Tels. 29-0968 — — 29-1850 — 29-1479 — 29-1786

FÁBRICA de Bibelots MITAC - Perfumes MIMO - Tintas TIC-TAC
RUA DOIS DE MAIO, 534-A — Telefones: 29-0756



COMO O SANGUE CIRCULA NO INTERIOR DO CORAÇÃO — Chegando em A, na aurícula direita do coração (OD), o sangue passa para o ventrículo direito (VD) e, dali, para os pulmões (esquematizados no desenho em Pa e Ps), onde recebe oxigênio. Dali, volta pela aurícula esquerda (VG) e sai, finalmente, pela aorta (AO). É êsse trajeto completo que o «coração-pulmão artificial» deve realizar inteiramente.

O

VER NA PÁGINA

OPERAR O CORAÇÃO — Há muito tempo, essa intervenção ousada parecia colocar o cirurgião diante de um problema insolúvel. Como operar um órgão incessantemente em movimento? E como interromper êsse movimento, pôsto que, com êle, seria detida também a circulação e, fatalmente, a vida?

Imaginem uma espécie de enorme pêra, que se enche e esvazia sem cessar, ao ritmo de 72 pulsações por minuto. E é êsse órgão, *que não pára nunca*, que o cirurgião tem que operar!

De fato, as únicas intervenções praticadas sôbre o coração — em casos desesperados (ferimento com lesão dêsse órgão, por exemplo) tiveram que ser feitas num coração *em atividade*. Cada golpe do bisturi ou cada ponto de sutura foi executado no espaço de uma batida, isto é: *em menos de um segundo*! Entretanto, certas intervenções, que teriam salvado a vida de um enfêrmo, exigiam um tempo operatório de cêrca de uma hora e, às vêzes, muito mais!

Junte-se a isso a impossibilidade de abrir o coração. Abrir o coração seria permitir a saída brutal do sangue sob pressão. Significaria provocar a hemorragia imediata e fulminante... E, no entanto, certas moléstias graves — e operáveis — têm sua causa *no interior do coração*!

A PRIMEIRA DIFICULDADE: OXIGENAR O SANGUE

COM os progressos da técnica, os cirurgiões chegaram a indagar entre si se não seria possível imaginar (como para o rim e o pulmão) um aparelho que pudesse substituir, *provisòriamente*, o coração. De posse de um tal aparelho seria possível, sem interromper a circulação, abrir o coração e efetuar nas cavidades cardíacas as intervenções necessárias.

Mas quantas dificuldades eram criadas por uma tal busca! As duas principais estavam, de um lado, na necessidade de assegurar a circulação do sangue no corpo inteiro; por outro lado *na de permitir* a êste sangue renovar constantemente sua provisão de oxigênio.

O primeiro dêsses problemas era, relativamente, o mais fácil. Podia-se, realmente, conceber o princípio de colocar o coração fora do circuito sanguíneo, substituindo-o, momentâneamente, por uma bomba. Mas seria preciso que essa mesma bomba não arruinasse o sangue que movimentava e, acima de tudo, não provocasse a sua coagulação e a formação de "cascalhos", pois sabemos que o sangue, fora dos vasos, coagula com extrema facilidade. Teria, além do mais, que substituir o coração com meticulosa *exatidão*, a fim de assegurar um fluxo de sangue suficiente e uma pressão arterial normal.

Tudo isso, como qualquer leigo poderá conceber, apresentava uma "*mise au point*", um *acêrto* muito delicado.

O segundo problema consistia em assegurar a oxigenação do sangue, saindo da bomba (isto é: a renovação de seu oxigênio, que é, normalmente, o papel desempenhado pelos pulmões, nos quais o sangue é projetado pelo coração). Êsse,

CORAÇÃO ARTIFICIAL

16 A FOTOGRAFIA DETALHADA DE UM CORAÇÃO ARTIFICIAL

realmente, era o ponto *espinhoso*. Era necessário, de fato, dar ao sangue o oxigênio em demasia, pois isso poderia provocar o acidente mortal chamado "embolia gasosa", que tem como causa um excesso de gás no sangue.

CORAÇÃO E PULMÕES "FORA DE CIRCUITO"

HÁ muito tempo, um grande biologista francês, o dr. Carrel, em colaboração com o célebre aviador norte-americano Charles Lindbergh, havia estudado os problemas impostos pela sobrevivência de um órgão isolado do organismo, notadamente o coração de galinha.

Outras experiências, realizadas na França, utilizavam os próprios pulmões para reoxigenar o sangue. Mas tratava-se, bem entendido, de processos experimentados ùnicamente em animais e não utilizáveis no homem.

O aparelho a ser construído deveria, pois, desempenhar a um só tempo o papel de coração e o de pulmão. Como coração, deveria imitar o coração em todos os pontos, lançando por conseqüência o sangue *por meio de batidas* e não *de maneira contínua*, pois é êsse, de fato, o único modo de respeitar a onda cardíaca, que rege a pressão arterial.

Como pulmão, deveria ter um consumo suficiente, e, acima de tudo, não destruir os glóbulos vermelhos, que são os transportadores de oxigênio.

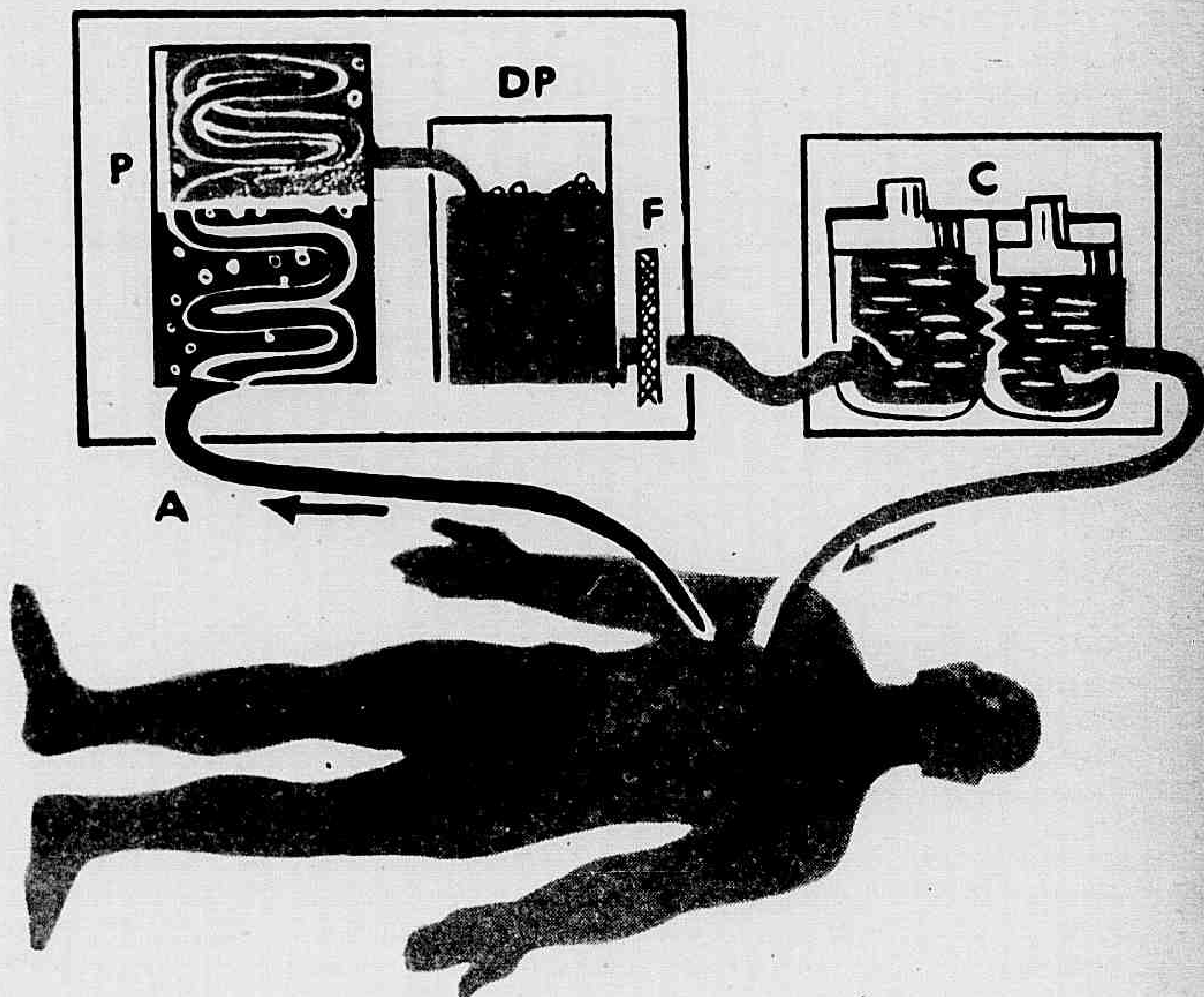
O aparelho deveria estar, finalmente, munido de um filtro, de maneira a reter as finas partículas e as raras bôlhas de ar que pudessem ser lançadas na circulação.

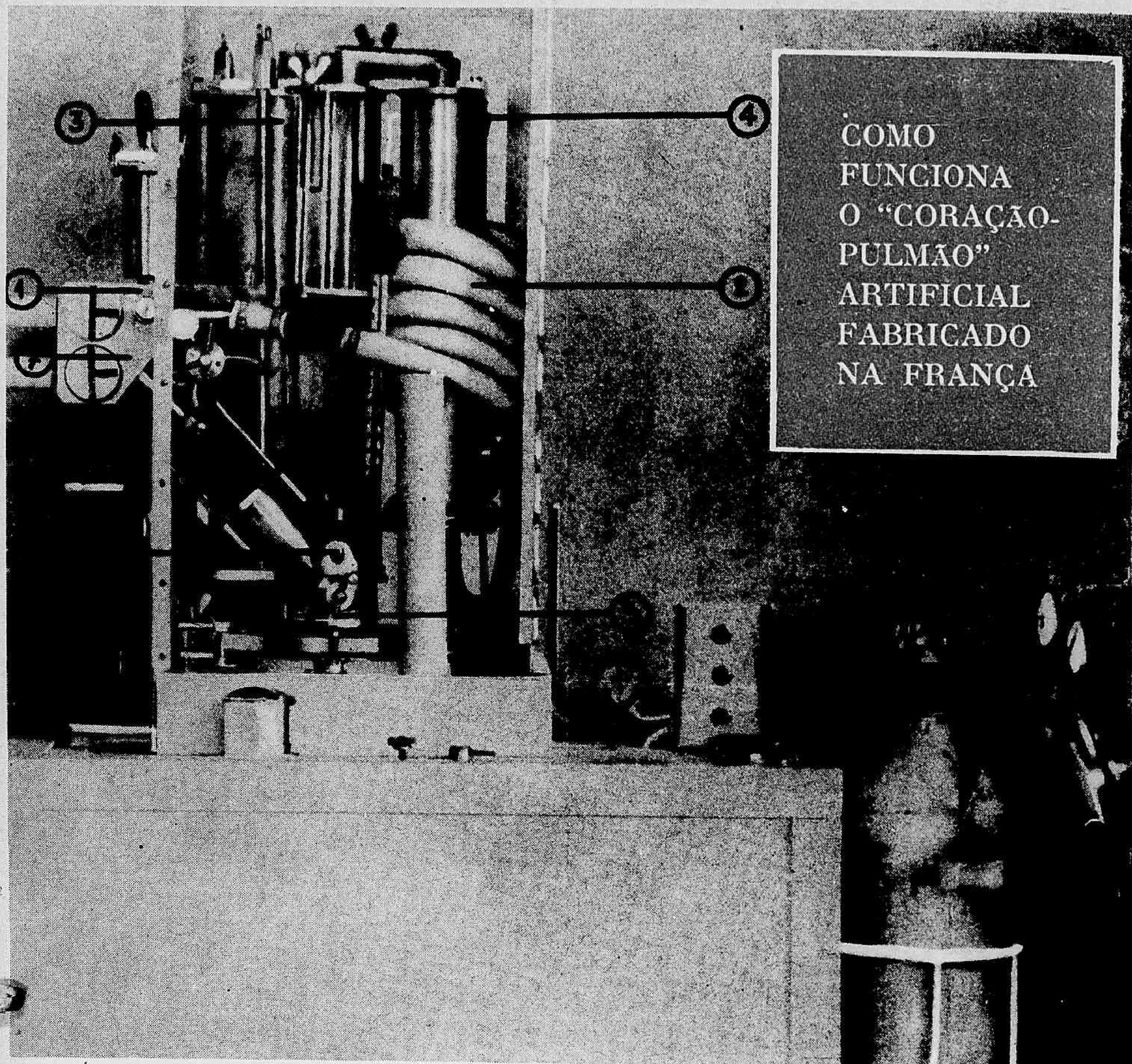
E, para terminar (condição igualmente indispensável!) o aparelho teria que ser esterilizado como qualquer outro instrumento de cirurgia!

Mas, apesar de tôdas essas dificuldades, os sábios mais eminentes se impuseram a tarefa de realizar êsse aparelho. E hoje existem vários "corações artificiais", sendo os mais notáveis os seguintes: o francês, realizado pelo professor André Thomas e M. P. Beaudoin; o italiano, construído pelo professor Dogliotti; o holandês, realizado pelo prof. Jongbloed.

O coração artificial, mau grado tôdas as dificuldades que implicava o seu ajustamento ao órgão verdadeiro, apresenta o aspecto de um aparelho relativamente simples, segundo a fotografia detalhada que apresentamos e pela qual os leitores podem seguir minuciosamente o seu funcionamento.

ESQUEMA DO CORAÇÃO-PULMÃO ARTIFICIAL — O sangue do operador, cujo coração, como o pulmão, tem que ser pôsto momentâneamente fora de circuito, chega em A. Passa primeiro pelo «pulmão tubular» P, onde borbulha com oxigênio e, a seguir, no desescumador pneumático DP, que o liberta das escumas. Após passar pelo filtro F, entra no coração artificial, pròpriamente dito, C, que o torna a enviar para o corpo do operado.





O "coração-pulmão", último grito da técnica cirúrgica, permite substituir, durante uma operação do coração, não apenas o coração (encarregado de lançar o sangue nas artérias), como o pulmão (encarregado de renovar o oxigênio).

Chegando em 1, o sangue passa para o tubo enrolado, situado à direita, e que tem o nome de pulmão tubular, 2. Neste "pulmão", o sangue é oxigenado por pressão com o oxigênio proveniente das garrafas 8. À saída do "pulmão", é libertado das bôlhas ao passar num desescumador pneumático, 3, que suprime a escuma, submetendo o sangue oxigenado a uma corrente de ar vivo.

O sangue é, em seguida, filtrado em 4, a fim de se libertar das últimas bôlhas ou dos pequeninos "cascalhos" que nêle possam ter sido criados.

Dali, passa para o coração artificial pròpriamente dito, 5, e constituído por uma bomba que o lança através de um filtro — 6 — até à saída do aparelho, 7.

Para seu emprêgo, a entrada do aparelho é colocado em comunicação com uma grossa veia, enquanto que a saída é colocada em comunicação com uma grossa artéria.

O coração-pulmão artificial, do professor André Thomas e do dr. Beaudoin permite oxigenar, isto é: revificar, cinco litros e meio de sangue por minuto, o que vem a ser um pouco mais que o trabalho realizado aproximadamente pelo coração humano (cinco litros).

A CEIA DE NATAL

Conto de

JOÃO LUSO



GUSTAVO e Marina tinham jurado manter, durante a ceia do Natal, uma atitude perfeita. O caso era realmente sério. No momento de assumirem tal compromisso, sua mãe fizera-lhes compreender o desgôsto imenso que sofreria, à menor transgressão; e os olhos que o pai abria desmesuradamente, fitando-os ora num ora noutro, fuzilavam de ameaça... Entre aquêle receio e esta severidade, os pequenos haviam chegado a hesitar... Valeria realmente a pena, por umas fatias de peru e uns doces que, de mais a mais, sempre haviam de sobrar para o dia seguinte, correr tão pavoroso risco? Sim, porque, se a sua conduta à mesa fôsse irrepreensível, passariam dali por diante a tomar parte em todos os chás e festins noturnos da casa; se, porém, cedessem à tentação duma travessura, uma única que fôsse, não haveria para êles punições bastantes: nunca mais se deitariam depois das nove horas; perderiam todos os brinquedos; iriam para o colégio, internos; não estreariam os vestuários novos, no dia de Ano-Bom...

Tantos castigos eram, tantos desastres, que o pai, enumerando-os, a contar pelos dedos, gastara ambas as mãos e ainda tivera que acrescentar: etc., etc., etc. E quem sabe se aquêles etc., etc., não eram justamente os piores!

Marina, mais velha um ano e, portanto, mais avisada, quisera conhecer por miúdo as condições que lhes competia observar. Deviam — explicara ainda mamãe — portar-se exatamente como pessoas grandes, com a diferença de só se meterem na conversa quando a ela fôssem chamados, não rirem alto, não repetirem nehum prato nem tampouco rejeitarem os que lhes fôssem servidos, não pedirem vinho, nem licores, nem café — em suma,

com a diferença de não fazerem coisa alguma que as pessoas grandes fizessem. Por fim, a mãe declarara que respondia por êles; e a cerimônia do compromisso terminara, com esta recomendação suprema:

— E não se esqueçam de que há gente de fora!

A gente de fora era realmente numerosa e compunha, à mesa, uma assembléia de respeito. Não se contavam as duas velhas tias, uma viúva, outra solteira, ambas com o mesmo ar triste de viuvez... Mas havia um militar, de enormes bigodes grisalhos e com uma porção de tiras douradas na manga; o sr. Rubens, também chamado "maestro", que tocava ao piano umas coisas compridíssimas, e sua senhora que, quando êle tocava coisas menores, cantava; a família Lustosa, pai, mãe e duas filhas muito esquisitas, a quem Gustavo, uma vez, perguntara se tinham nascido já "assim", com os lábios tão vermelhos, as covas dos olhos tão negras e as unhas tão côr-de-rosa; o dr. Encarnação que, falando de si próprio, nunca deixara de dizer: "um pobre celibatário" e o dizia, aliás, com evidente satisfação e orgulho; um velhote muito aprumado, esticado, envernizado, que tratava papei de "colega" e a quem papai chamava respeitosamente "mestre"; e outras pessoas, quantas outras que nem Gustavo nem Marina conheciam!

Todos os convidados — inclusivamente as duas tias, tão simples e íntimas da casa — faziam grande etiquêta. Gustavo, sentado, com sua irmã, a uma das cabeceiras da mesa, começara por achar curiosíssimas aquelas formalidades, a que, pela primeira vez, assistia tão de perto e à sua vontade. Interessavam-lhe sobremaneira as cortesias obrigatórias do banquete, os modos de recusar ou aceitar um prato oferecido, os agradecimentos, os sorrisos, as frases complicadas com que se pede o sal a um vizinho ou se pergunta a uma senhora se prefere vinho ou água mineral... Impressionava-o a figura de papai, na outra cabeceira, de gravata branca, muito sério e calado, dando uma atenção exagerada à conversação das outras pessoas; o ar excitado, meio assustado, de mamãe, a dirigir com o olhar todo o serviço; a superior compostura do copeiro, que viera da confeitaria e parecia andar ali, por favor... Sim, muito divertido tudo aquilo... ao princípio. Mas bem depressa o encanto do espetáculo se lhe desfez. Entrou a impacientar-se; sentia uma coisa nas pernas que lh'as não deixava estar quietas; e uma vontade de fazer perguntas, a êste e àquele conviva, uma ânsia de falar!... O pior, porém, era a morosidade com que o programa do banquete se ia desenvolvendo. Quanto tempo para se mudarem os pratos, para se servir a nova iguaria... De vez em quando, generalizava-se a conversa, todos sôbre o mesmo assunto davam a sua opinião — que era, com ligeiríssimas variantes, a mesma; e se alguém ria, os outros desejavam saber de que e todos riam, cerimoniosamente. Gustavo queria achar graça também, para fazer como as pessoas grandes; não podia; e já a irmã o tinha acotovelado duas vêzes, por que bocejara. Pobre Gustavo! Como invejava a fôrça-de-vontade da maninha, tão sossegada e séria no meio daquele suplício, tão senhora! Como quem pede socorro, perguntava-lhe baixinho: "Ainda faltará muito?" e a um olhar de Marina, querendo animá-lo, metê-lo em brios: "Mas está tão cacete!..."

Veio o peru. À sua entrada na sala correspondeu clàssicamente o estouro duma garrafa de champanha. Gustavo teria batido palmas, se a irmã lhe não segurasse o braço. Mesmo, porém, sem êsse elemento festivo, a mesa, de repente, se animou. Todos os convivas, diante das taças espumantes, sorriam, vibravam de júbilo. A conversação assumiu um tom vivaz, desembaraçado, que até então lhe faltara. O velho militar declarou francamente que sentia calor; várias pessoas ousaram falar para o outro lado da mesa... A alegria do festim tocava o auge. O dr. Encarnação tirou o guardanapo de sôbre os joelhos, passou-o longamente pela bôca, enquanto, com um ar grave e concentrado, refletia as primeiras palavras do brinde. Os vizinhos repararam na solenidade dêsses preparativos, calaram-se, olharam significativamente para as pessoas imediatas; Encarnação largou o guardanapo, levou os dedos à borda da taça... Nisto, alguém, lá fora, tocou a campainha.

Surprêsa, alvorôço gerais. Quem poderia ser, àquela hora? Os convivas faziam

mentalmente a pergunta uns aos outros, olhando-se ainda atônitos, como diante do mais estranho fenômeno. Não era só a circunstância do repique, à uma e meia da madrugada, mas também e principalmente a coincidência: no momento exato em que o brinde ia começar!... O dono da casa quis tranqüilizar os ânimos: "Algum notívago de mau-gôsto que passará"... A explicação pareceu satisfatória e o dr. Encarnação tornou a pegar na taça. Outro repique e mais longo que o primeiro. Gustavo levantou-se dum salto e já à porta da varanda:

— Mamãe, vou ver?

— Não, senhor, não vai tal! — bradou o pai, lá do fundo.

Mas Gustavo não chegara a ouvir essa proibição formal. Escapara-se tão depressa, talvez justamente para a não ouvir. Uma criada atravessou, correndo, a sala, saiu atrás do menino, para o jardim. As fatias de peru jaziam abandonadas nos pratos; tôda a gente, com a atenção suspensa, numa expectativa de maravilha, espreitava para o lado da porta. Dali a instantes, ouviram-se as vozes da criada e de Gustavo, discutindo:

— Não faça isso, menino!

— Que é que tem? Que é que tem?

— Olhe, mamãe...

— Você que se importa? Vá embora!

Um oh! de assombro correu por tôda a sala. Gustavo entrava triunfalmente, arrastando pelo braço outro pequeno, da altura dêle, mais ou menos, que puxava para trás, tentava resistir... Era



um pobre mulatinho, descalço, maltrapilho, com os calções cheios de remendos, a camisa desbotada, o peito ao léu. Com a mão livre, arranhava medrosamente a cabeça; e não tirava os olhos do chão. Gustavo apresentou-o:

— Veio pedir esmola, coitadinho! Tem muita fome... — e voltando-se para o seu protegido: — Não tem fome? Hein? Não fique envergonhado. Diga!

O pai, lá no fundo, devia estar sôbre brasas... Tomou, entretanto, o partido de se não zangar, pôr têrmo, o mais depressa possível, ao incidente:

— Está bem... A Luísa que o leve para a cozinha. E você sente-se imediatamente!

Mas Gustavo insurgiu-se. Era como se da longa permanência à mesa, contrafeito, oprimido, prêso ao seu juramento e ao terror das conseqüências de qualquer infração, lhe viesse agora uma revolta violenta, uma espécie de fúria de independência, desobediência, travessura...

— Não! Não quero! Há de ficar ao pé de mim! Agora para a cozinha... Por quê? Faz algum mal ficar aqui?

Agarrava-se ao mulatinho com as mãos ambas, sem atentar na contrariedade crescente da mãe, tôda ruborizada, do "velho" que, lá ao fundo, empalidecia...

— Gustavo, Gustavo...

Mas Gustavo, decididamente, "estava com ela ferrada":

— Que mal faz, meu Deus! Então êle não é também gente? E não está tão sujo assim... Olhem só. Está até bem limpinho! Pode ir para a mesa, como os outros. — E dirigindo-se ao doutor Encarnação que, ficava ali mais perto: — Diga, doutor, não pode?

Risos gerais. O escândalo tomava uma feição, em todo o caso, menos grave do que aos donos da casa se afigurava... Ambos pediam desculpa para a direita e para a esquerda, vexadíssimos... Os convidados declaravam "que não tinha importância aquilo, nada mais natural"... Gustavo, voltado para Encarnação, ampliou a pergunta:

— Por que não há de poder, hein?

— Eu lhe digo, Gustavo... — balbuciou, por não ter outro remédio, o interpelado — sendo eu um pobre celibatário, não sei bem...

Então, o pequeno deu por encerrada a discussão:

— Sim, mas eu que não sou celibatário, sei! — E foi por tôda a sala uma estridente, abaladora gargalhada. — Vá, sente-se na minha cadeira! — continuou êle, empurrando o molequinho. — Ninguém corre com você. Coma. Isso aí é peru. Não gosta? Então, que espera? Coma! — E mais baixo, ràpidamente, para os outros não perceberem. — Mas coma com modos, porque há gente de fora!

Levantou-se, então, por tôda a mesa, um movimento em favor de Gustavo. O pai resistia ainda, pedindo licença para usar da severidade que o caso exigia... Mas ninguém participava dessa maneira de ver. Ao contrário. Até tinha graça, dava o seu "chic" à festa! — opinava um. E aquilo, afinal, o que demonstrava — dizia outro — era o excelente coração de Gustavo, os seus sentimentos generosos. As Lustosas torciam o nariz, mas tôdas as outras senhoras se enterneciam. Então, que tinha? Deixá-lo lá satisfazer o seu capricho... A intenção era tão boa... Coitadinho! — Veio outra cadeira para Gustavo e o mulatinho lá ficou, entre êle e Marina, tasquinhando, vexado, desajeitadamente, a fatia de peru. Encarnação levou a mão, pela terceira vez, à borda da taça, ergueu-se, rompeu no brinde:

"Senhores, embora seja, como sou, um pobre celibatário, ninguém melhor do que eu compreende e respeita as sagradas tradições da religião e da família. Esta noite de Natal..."

Mas, pela primeira vez, de certo, o estilo do orador, tão apropriado àqueles atos, tão de sobremesa, deixava de produzir o seu efeito de inspiração superior e empolgante. Encarnação sentia êsse desastre e tartamudeava, encaroçava... Tôdas as atenções se voltavam, disfarçada mas irresistìvelmente, para o hóspede de última hora, que, julgando-se esquecido, engolia agora o mais possível, com as bochechas inchadas, a farofa a escapar-se-lhe por entre os beiços lambuzados. O maestro, êsse, parecia fascinado por aquela cena de criança faminta, a tirar o

ventre de misérias; a comoção punha-lhe na testa, que a cabeleira, tôda atirada para trás, tornava mais vasta e abaulada, dois vincos profundos; comovia-se gradualmente, recordava talvez... E enchiam-se-lhe os olhos de água. As senhoras faziam sinaizinhos umas às outras ,indicando o regozijo, a voracidade do moleque; e uma, que estava mais próxima, passou-lhe subrepticiamente a fatia de pão em que não tocara... Encarnação, aflito, precipitou o fecho do discurso. Os convivas aplaudiram, sem saber bem o que, beberam à saúde dos donos da casa. E então, abandonadas tôdas as etiquêtas, o mulatinho dominou, monopolizou o interêsse da ceia. Gustavo queria por fôrça saber quem êle era, como ali fôra parar:

— Ande, responda. Não se faça bôbo. A gente deve responder a tudo o que nos perguntem. Alguém disse a você que havia aqui coisas boas, que tocasse a campainha? Quem foi, hein?

O mulatinho, já saciado, muito menos envergonhado, explicou:

— Ninguém. Nem eu vim por causa da comida...

Gustavo pulou, assombrado.

— Então, por que foi? — E como o outro hesitasse, num derradeiro acanhamento: — Fale! Não há de ser coisa feia. P'ra que esconder? Não é, papai?

O pai, cujo sobrecenho continuava franzido, não respondeu. Mas Gustavo, vitoriosamente:

— Viu? Papai também acha que você deve contar tudo, explicar. Fale duma vez!

— Vim — começou o outro, com os olhos no prato vazio — para ver se me davam algum dinheiro... — Os risos da sala fizeram-no interromper-se, desnorteado, assustado. Gustavo fêz um gesto, significando: "Deixe, não tem nada"; e o mulatinho prosseguiu: — Não vê que mamãe me botou a pedir esmola. E tenho que levar para casa, todos os dias, dez tostões, senão... Hoje, um menino me desencaminhou, para irmos soltar papagaios. Esqueci-me. Quando nos separamos, era quase noite e eu não tinha um níquel. Comecei a pedir mais depressa do que o costume, mas ninguém me dava, logo hoje, que era tão preciso... Foi passando o tempo, foram-se fechando as casas. Eu, cada vez com mais mêdo da surra... Sentei-me a uma porta e dormi; acordei, agarrado por um guarda que me queria levar... Tanto chorei que êle me largou outra vez e vim andando... Ia para casa, fôsse o que Deus quisesse. Ao passar por aqui, vi tudo iluminado; era uma casa rica, havia festa... E toquei a campainha.

Gustavo, que cruzara os braços, se concentrara todo, para bem ouvir e bem compreender a narrativa, gritou arrebatadamente:

— Mamãe! Eu vou dar-lhe todo o dinheiro do meu cofre!

NOVAS TÉCNICAS, NOVOS INCIDENTES



O campo de aviação de Melbourne, na Austrália, o inspetor aeronáutico Raymond Fantos, de 44 anos, foi sugado para um tubo aspirador de um caça a reação, tipo «Sabre». Quando seus companheiros conseguiram libertá-lo, Fantos tinha sofrido arrancamento parcial do couro cabeludo, perda de três dentes e escoriações generalizadas.

— Gustavo! — interveio ainda, lá do fundo, a voz repreensiva do pai.

— Eu bem sei o que faço! — Não havia meio de se ter mão nêle; parecia endemoninhado, o pequeno. — Dou-lhe tudo agora mesmo; e a Marina também dá o dinheiro dela.

— Mas não é preciso! — alvitrou o maestro, com uma generosidade sincera. — Todos nós daremos um pouco, arranja-se-lhe aqui uma fortuna. Meus senhores, proponho uma "quête"...

O café tinha sido servido há que tempos... A dona da casa arredou um pouco a cadeira, tôda a gente se levantou. Foi o maestro que andou, de grupo em grupo, recolhendo no lenço, como numa colcha de bando precatório, o dinheiro miúdo de cada conviva. E dali a pouco, o mulatinho, sempre acompanhado do seu protetor, partia, com os bolsos dos calções literalmente atulhados.

Passou-se para o salão. Quando Gustavo reapareceu, exultante ainda, glorioso da sua ação, o pai julgou dever observar-lhe:

— Agradeça a estas senhoras e êstes senhores o ter levado avante o seu capricho e não apanhar, agora mesmo, duas boas palmadas... Seu maroto!

Mas Gustavo levou o dedo aos lábios, muito sério:

— Cala a bôca, papai! Nem diga isso!...

— Que! Pois você...

— Papai nunca ouviu aquela história da tia Bá? Fique quieto... — E no meio do geral espanto: — Quem sabe se não era o Menino Jesus, disfarçado?

★ ★

A ARTE DE ESCREVER

DISSE François de Mauriac: — «Depois de escrever durante meio século, passamos a escrever com enorme facilidade; tanta, mesmo, que a própria facilidade se converte em grave perigo.»

Por sua vez, Azorin afirma: — «Cada vez descubro mais que não sei escrever. É tão difícil! O melhor que vocês poderiam fazer seria atirar êste artigo à cesta dos papéis imprestáveis!»

★

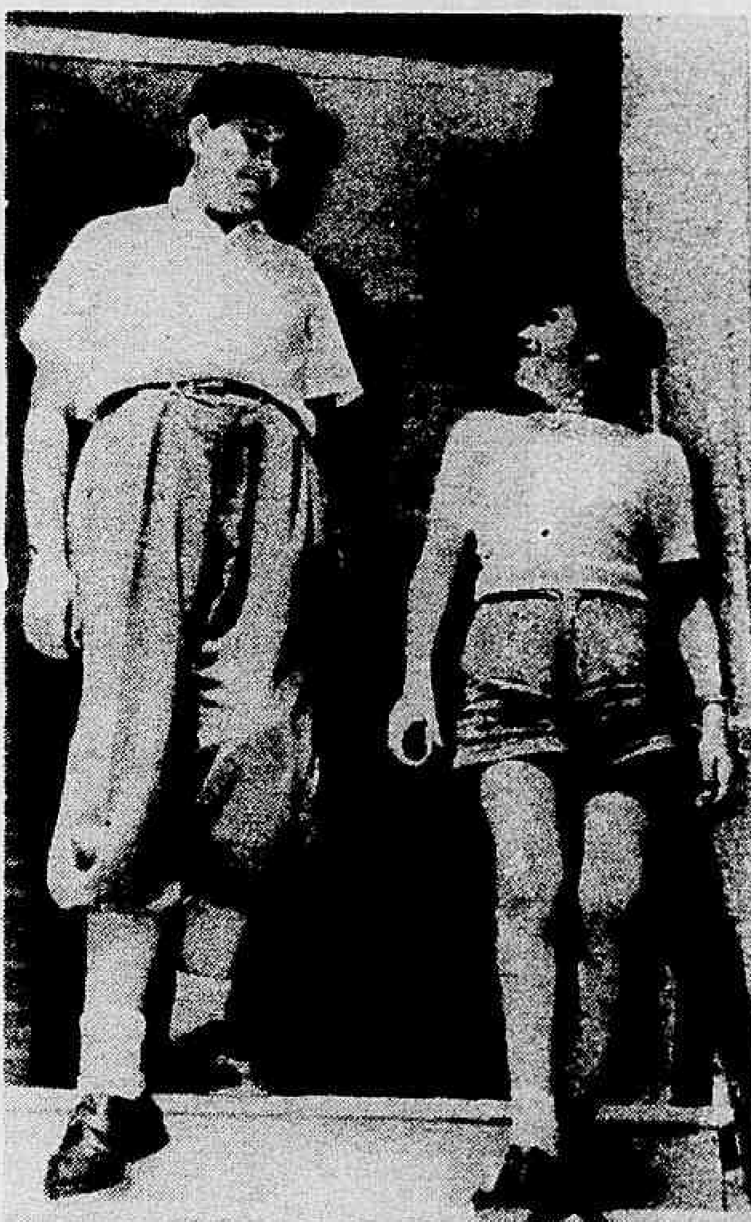
CONTRÔLE DO NASCIMENTO

O instituto Doxa, de Roma, completou uma sondagem da opinião pública para estabelecer a posição dos italianos diante da lei Ogino Kraus, que regula o sistema de contrôle permitido dos nascimentos.

De cem pessoas interrogadas, só 19 disseram conhecer exatamente a lei, 28 tinham da mesma uma idéia muito vaga e 53 nem sequer tinham ouvido falar nela.

Estabeleceu mais a Doxa que apenas 21 por cento dessas pessoas estavam convencidas de sua eficácia, 32 por cento não lhe depositavam fé e 47 por cento responderam «não sei».

GIGANTE DE 11 ANOS



O menino da esquerda, Robin Catalano, de San Francisco, tem apenas onze anos (menos um que o seu companheiro da direita, considerado um menino normal e sadio). Robin começou a crescer desde os cinco anos, quando já aparentava ser um menino de dez. Pesa, atualmente, cento e dezenove quilos, sendo, entretanto, bem proporcionado.

VANTAGENS DO MÉTODO ANTIGO

QUANDO o cavalheiro levava seu cavalo para que lhe pregassem novas ferraduras, o ferreiro não sugeria inumeráveis mudanças internas, como hoje aconselham os mecânicos, quando lhes levamos o automóvel para que injetem mais ar nos pneus.

★

PARA GAVETAS QUE EMPERRAM

QUANDO uma gaveta rincha, ao ser aberta ou fechada, «pegando» em certos trechos da madeira, antes de pensar em passar a lixa, que além de retirar o envernizado pode deixar, ao contrário, a gaveta «bamba», melhor é apelar para o remédio da parafina, que se passa sôbre o trecho defeituoso, tanto na gaveta quanto no caixilho da mesma.

Caso não dê o resultado desejado, em razão da qualidade da madeira, podem usar outro grande remédio, que é o do grafite comum, passando várias vêzes a ponta do lápis sôbre a parte defeituosa ou raspando o lápis com uma lâmina de barbear e passando, com a ponta do dedo, o pó de grafite na madeira.

TRABALHO MACIO



EM 1953, uma das indústrias do Canadá — talvez a menos conhecida — sofreu uma severa crise. A penugem, retirada das penas dos gansos e patos selvagens, sofreu uma queda jamais registrada, com um rendimento de pouco mais de 100 quilos, do total colhido nos ninhos.

Os exploradores se espalham pelas regiões do extremo norte do Canadá e ali, onde abundam essas aves selvagens, colhem essa plumagem macia nos ninhos espalhados pelas encostas e ribeiras.

Apesar de tudo, 100 quilos dessa plumagem ainda significam uma colheita interessante, sabendo-se que apenas 350 gramas chegam para tornar confortável um traveseiro, dos maiores.

Cem quilos dão para encher um quarto com 30 metros quadrados por outros tantos de altura!



RELÍQUIA



ISTO foi contado por um leitor do «Times Week Magazine», de New York, e que transcrevemos para delícia dos que nos lêem: Relatou o leitor referido, que reside no Estado do Maine, que uma sua filhinha, uma bela manhã, correu para onde estava sua avó para relatar um fato que considerava surpreendente. Entre as páginas da velha Bíblia familial... encontrara uma fôlha de parreira, sêca e amarelada.

— Veja o que encontrei, vovó! — exclamou, ofegante.

E concluiu, convencida:

— Aposto como pertenceu a Eva!

NUNCA DESESPERE, mas...



SE ISTO ACONTECER...

TRABALHE DESESPERADAMENTE!



Por EDMUND BURKE

FOI justamente quando tinha motivos para julgar-se infeliz e sofrer terrivelmente, que essas palavras saíram, como uma clarinada dos lábios de Burke. Seu coração estava esmagado pela morte de seu adorado filho; tôda sua alma mergulhara em sombras, como se visse tôda a civilização ruindo em seu redor. Muitos outros grandes pensadores nos legaram palavras assim, cheias de coragem. Para mim, entretanto, nenhuma de tão imediato socorro como essas que ficamos devendo a Edmund Burke! Porque, mais que quaisquer outras, elas nos descrevem a vida como um eterno combate e gritam para nós, com mois fôrça: "*Lutem!*". Porém, o mal é que bem poucos são os que encontram essas crises da vida numa curta e exaltada hora de combate. Burke conhecia mais alguma coisa. Conhecia o desespêro e sabia como enfrentá-lo, seguindo sempre para a frente, dia amargo após dia amargo! Por isso escreveu *Trabalhemos!*

E tinha muita razão. Com a loucura e a maldade triunfando no mundo, não mais podemos, sem corar, cruzar as mãos e mergulhar no desespêro, como o bom soldado, num campo varrido pelas balas, não pode lançar fora sua espada e correr para um abrigo.

Burke também revelava, com isso, ser homem inteligente, pois nenhum de nós pôde conhecer tôdas as fôrças que agem em cada caso e em cada situação.

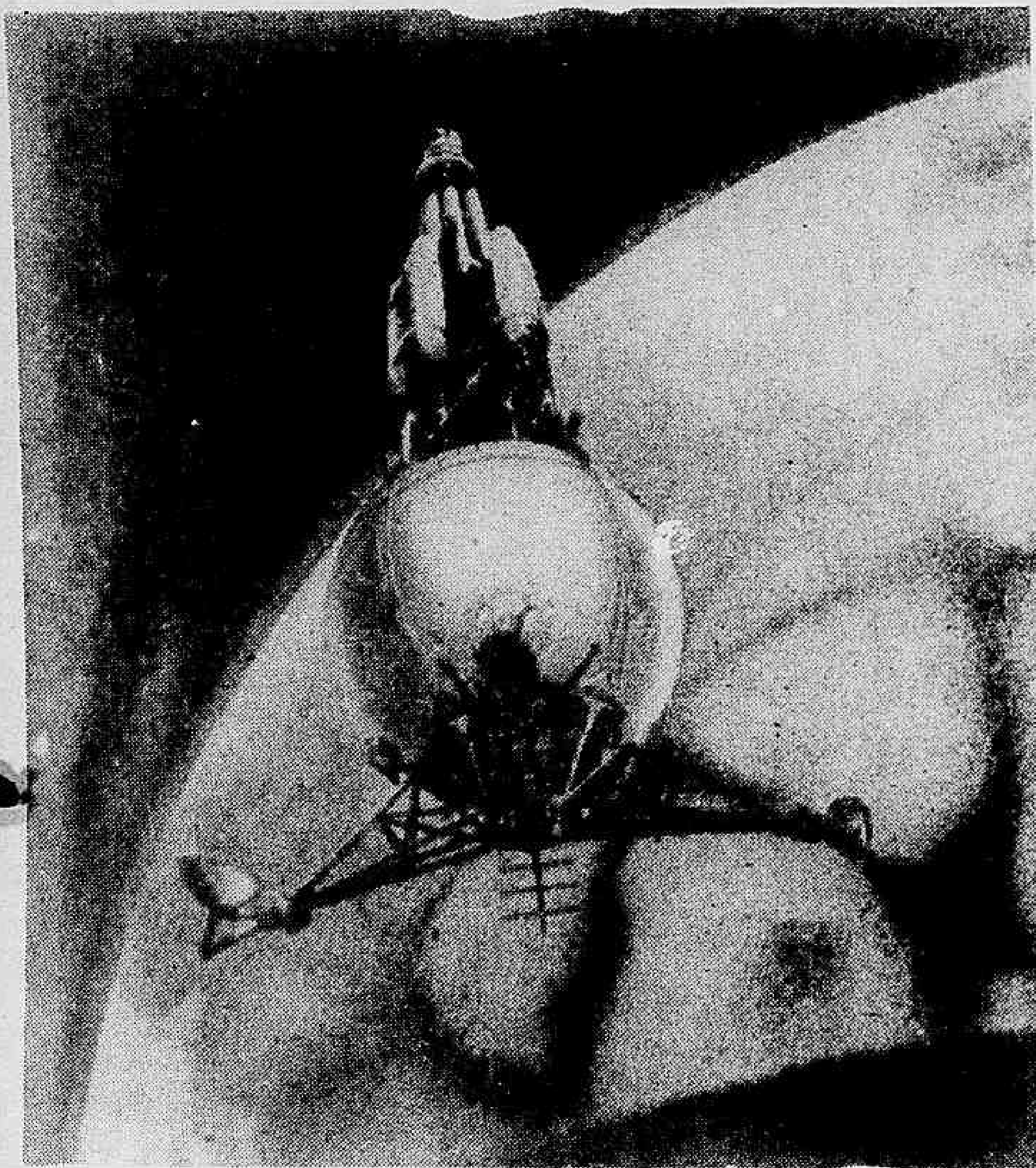
Talvez, na cidade mais próxima da nossa — mesmo na casa mais próxima — possa existir alguém prestes a entregar-se ao desespêro, mas que continua lutando. E em redor dêsse alguém, outros sêres mais poderão estar na mesma situação. Lutando teimosamente! Talvez amanhã possam ser afastados e esquecidos os motivos dêsse desespêro!

A VIDA HUMANA VEIO DE OUTRO PLANÊTA?

— Viverão entre nós, homens de outros planêtas? —— Seremos, todos nós, refugiados de uma civilização perdida?

NOS dias 16, 17 e 18 de junho de 1929, centenas de residentes de Berlim e outras comunidades alemãs viram um homem muito alto e de estranha aparência, que "não parecia ser dêste mundo". Sua aparência era tão anormal que chamou a atenção geral. Segundo os que viram, êsse indivíduo parecia estar doente, pois, às vêzes, cambaleava, engolia algumas pílulas ou coisas parecidas, recuperava-se imediatamente, e ràpidamente se afastava, desaparecendo antes de que alguém pudesse interrogá-lo ou dar-lhe ajuda.

No dia 16 de junho, foi êle visto na Parisen-Platz; no dia imediato estava o mesmo indivíduo a bordo de um pequeno vapor que faz a linha Spandau-Postdam e, no terceiro dia, em Potsdam.



Terão vindo nossos antepassados de outro mundo, servindo-se para isso de máquinas interespaciais?

Usava roupas de boa aparência, de corte perfeito e seu rosto, êste sim, se apresentava como o de um ser humano normal, exceto que usava luvas, coisa realmente estranha ou muito forçada nessa época do ano.

Havia a notar, ainda, que seus olhos eram de tamanho fora do comum, muito grandes, vidrados e um tanto parados, enquanto suas pupilas — segundo voz geral — eram verticais e estreitas, característica desconhecida em nossa humana espécie. Nem mesmo a beladona ou qualquer outra droga conhecida pode produzir tal efeito, na opinião dos médicos mais abalizados.

A côr de sua pele era de um vermelho pálido, que não podia ser atribuído a uma pressão alta, lesão cardíaca ou qualquer espécie de marca de nascença. Mais ainda: sua pele não parecia ter poros, sendo também totalmente isenta de pêlos.

Enquanto cabelo de aparência normal surgia dos lados e na nuca, sob a linha do chapéu, muita gente afirmou que se tratava de uma peruca.

Os ouvidos tinham coloração normal, assim como forma normal e estavam colocados no local próprio, porém as mesmas pessoas estavam inclinadas a acreditar que eram... postiças e provàvelmente feitas com cêra.

A identidade dêsse homem permaneceu cercada de mistério. Não era conhecido de nenhuma das pessoas que o viram.

— Na minha opinião não se tratava de um ser humano, isto é: de um ser humano de origem terrena — declarou o antropologista Hermann Grona, cientista de renome em tôda a Europa.

"Podia muito bem ser um disfarçado visitante de algum outro planêta, um de muitos, talvez, que estão vivendo entre nós e cuja presença só muito mais tarde poderemos perceber.

"Em razão de um metabolismo diferente, são forçados a ingerir certas drogas, a fim de dar à pele uma coloração normal, segundo a que nos é própria.



Como podemos explicar o repentino e fantástico avanço da Ciência? Será essa ciência não realmente nossa, mas o produto de homens vindos de um mundo diferente dêste em que vivemos — a Terra?

"Desprovidos, acidentalmente, dessas drogas, sua complexão pode reverter à sua coloração normal, acompanhada de outras formas de enfermidades, para nós desconhecidas. Êsse deve ter sido o caso do misterioso indivíduo, que foi avistado em diferentes lugares da Alemanha.

"Devia estar de posse, entretanto, de outras drogas capazes de dar à sua aparência um aspecto terreno, embora não lhe concedesse a própria côr do nosso sangue.

"Possìvelmente, tinha uma finalidade, em sua visita à Terra, uma colônia talvez, e procurava aqui mesmo certos recursos que lhe restaurassem a saúde e seu quase perfeito disfarce."

Essas foram as declarações do professor Grona.

Devem ser consideradas fantásticas? Nem tanto, segundo a opinião de outros muitos antropologistas, astrônomos e outros renomados cientistas.



Terão sido os dinosauros deliberadamente destruídos para... abrir espaço — na Terra — para os homens de um mundo distante?

Há, sim, inúmeras evidências de que formas de vida, como a nossa, existem em muitos outros mundos e que algumas dessas formas visitaram o nosso planêta em diferentes ocasiões.

Também podem existir visitantes muito semelhantes a nós mesmos vivendo entre nós, insuspeitados, como enviados para que nos vigiem e tudo façam para que não nos tornemos um motivo para alteração da futura paz interplanetária e, ainda, muito provàvelmente, guiando sutilmente nossos destinos.

Um sábio norueguês emitiu, recentemente, hipótese mais ousada ainda, qual a de que há muitas possibilidades de que nós, os humanos, não tenhamos encontrado origem na Terra, sendo descendentes de colonizadores de um outro mundo!

Isto, ao menos, poderia explicar por que, até hoje, o tão falado "elo perdido" entre os grandes macacos e o homem nunca pôde ser encontrado.

E negando essa velha e já desmoralizada teoria sôbre a evolução e aparecimento do homem na superfície da Terra, o antropologista Wallace, da Universidade de Sydney, escreveu, recentemente:

— "Possuímos faculdades morais e intelectuais que não podem ter sido desenvolvidas sob as simples leis da seleção natural, mas, sim, contado com outra origem..."

Segundo a mesma autoridade TÔDAS as formas de vida, no nosso planêta, podem ter vindo de outros mundos. Essa idéia, aliás, tem sido geralmente senão aceita, pelo menos respeitada, havendo outros cientistas que opinam apoiando a hipótese de que o homem atual é o descendente de uma espécie super-humana, originária de outro mundo, unido a essa hipótese a lenda da Atlântida, onde viveu a superraça dos Atlantes, que possuíam o segrêdo atômico, sua energia e usava naves espaciais.

Aliás, essas histórias de superraças e "elos perdidos" são correntes em todo o globo. Se para quase todos têm aparência

fantasiosa, melhor será ouvirmos o que diz o astrônomo Kenneth Heuer, no seu recente livro "Men of Other Planets".

"— Se realmente a Terra recebeu visitantes de outros planêtas, pròvàvelmente, somos descendentes dos mesmos. É possível que há muitos anos atrás, nossos antepassados tenham vindo pelo espaço por um meio que desconhecemos".

"Hoje mesmo podem existir dêsses planetarianos vivendo em nossa sociedade; sendo indivíduos bastante inteligentes e avançados, podem ter aprendido a nossa linguagem e adotado os costumes do país em que tenham descido."

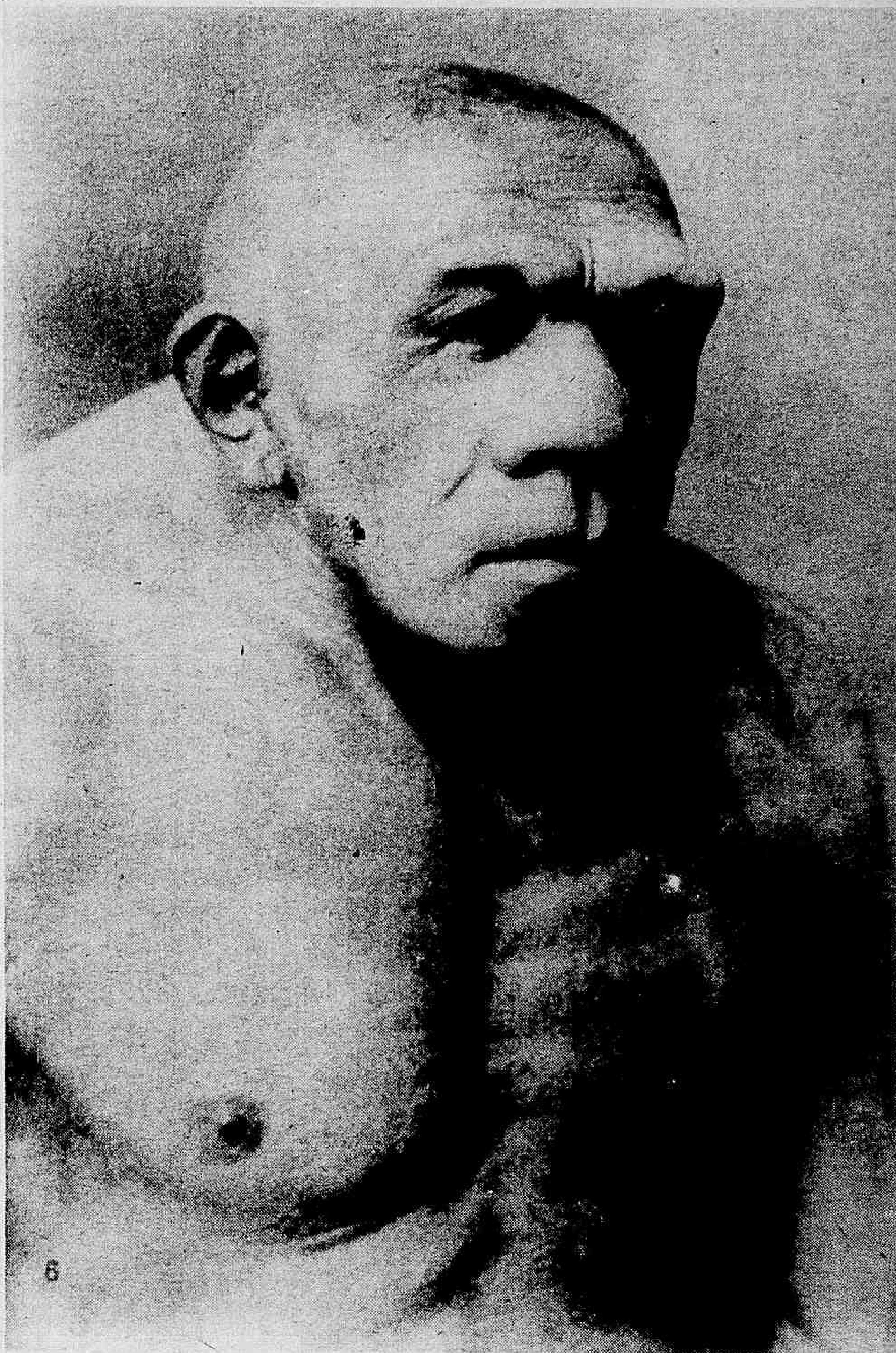
Há a notar, ainda, que a idéia de que a Terra seja o único planêta capaz de suportar a vida e de que esta tenha tido sua origem aqui mesmo, tem sido ùltimamente muito abalada.

Há menos de um ano, o astrônomo Frederick Hoyle, da Universidade de Cambridge afirmava:

"Acredito que existam cêrca de um milhão de corpos celestes com vida inteligente sòmente na nossa Via-Láctea. E, como todos sabem, a Via-Láctea é apenas "a nossa própria galaxia" ou sistema de estrêlas em forma de relógio ovalado. Os maiores telescópios, como o de 200 polegadas, do Monte Palomar, na Califórnia, já pôde distinguir milhões de sistemas similares.

A mais próxima galaxia da nossa — conhecida como "Grande Nebulosa Andrômeda" — contém, só ela, milhões de estrêlas, muitas das quais, indubitàvelmente, sendo planêtas habitáveis. Acreditou-se, geralmente, que a vida, nos outros planêtas — no caso de sua existência — seja muito diferente da espécie terrena.

Isso, porém, foi antanho. Hoje, ao contrário, os sábios tendem a pensar justamente o contrário. Dadas as condições similares, a vida nesses mundos desconhecidos deve ter evoluído da maneira similar. Criaturas iguais a nós mesmos devem ter encontrado ambiente para uma completa evolução. E como muitos dêsses planêtas são vários milhões de anos mais velhos que a Terra, isto significa que a dominante forma de vida que contêm,



O «Elo Perdido» entre o homem e o macaco jamais foi encontrado. Não há dúvida que pode haver, para isso, uma razão sensacional.

deve ter atingido um desenvolvimento maior, podendo seus habitantes ser considerados verdadeiros super-homens.

Uma dessas formas pode ter sido a de nosso grande antepassado. E prosseguindo com êsse raciocínio ousado podemos chegar à conclusão de que os sêres que construíram e operam os tão falados "discos-voadores" podem ser em tudo parecidos com o leitor, podendo assim ingressar livremente na nossa sociedade, como no caso do estranho indivíduo avistado na Alemanha. Outros poderão ser ainda mais parecidos conosco ou, mesmo, em tudo *iguais*.

Aceitada essa hipótese, podemos dizer, mais, que êsses visitantes podem contrair matrimônio entre nós, entre si ou com habitantes realmente dêste planêta. Seus descendentes poderão ser, a esta altura, superiores a vários milhões. Até mesmo as persistentes lendas de "sociedades secretas" esotéricas, existentes nas idades passadas e que passavam seus secretos conhecimentos, de geração para geração, podem ter encontrado base na existência dêsses visitantes em nosso planêta.

Que provas existem de que a vida tenha aqui chegado de outros planêtas?

Os discos voadores, naturalmente, constituem velho tema. Muito mais velho do que a maioria pode imaginar, pois já eram citados há centenas de anos. Ocorre, apenas, que atualmente são citados com mais freqüência, em razão do enorme avanço dos nossos métodos de observação e comunicação, além do aumento da população, em conseqüência, dos observadores. Foram surpreendidos pelo radar — que não mente! — assim como por oficiais das Fôrças Aéreas de diversas nações e pilotos de aviões comerciais, os quais afirmaram tratar-se de objetos de origem extraterrestre e dotados de "raciocínio". Mas outros muitos "sinais" foram observados, vindo de outros planêtas.

Assim, por exemplo, em 25 de agôsto de 1924, receptores de rádio em vastas áreas espalhadas pelo hemisfério norte, captaram sinais "que não tinham origem na Terra e que, sem dúvida, obedeciam a um código ou coisa parecida". Tôdas as tentativas para sua tradução falharam, embora jamais tendo sido explicados êsses sinais "satisfatòriamente" pela ciência.

Outros misteriosos sinais incluem: intermitentes reflexos de luz, observados na Lua em noites sucessivas, brilhantes focos de luz nas crateras lunares de Mare Crisium, Carlini e Aristarchus. Essas luzes, como "flashs" em aparente código intrigaram os sábios, tendo havido, certa noite, nada menos de 47 "flashs"!

Marte também emitiu sinais de várias espécies. Alguns foram lampejos como se faróis, formando um triângulo de luz, cercados por bordos negros; as luzes eram vermelhas e mais brilhantes nos hemisférios opostos do planêta (uma ou outra eram constantemente visíveis, espaçadamente, enquanto o planêta girava); breves fulgores de luzes brancas; inumeráveis sinais eletrônicos.

Luzes ainda mais surpreendentes (provàvelmente pertencentes a naves espaciais) foram observadas chegando ou saindo ora de Marte, ora da Lua e também de Vênus!

Alguns dêsses sinais observados foram assim descritos:

"Um brilhante objeto movendo-se ràpidamente e distanciando-se de Marte"; "uma luz oval, afastando-se da Lua"; "uma luz brilhante saindo de Vênus e que permaneceu visível cêrca de uma semana e só foi perdida pelos observadores quando chegou a um ponto de contraposição com o resplendor do Sol."

A lista dessas evidências poderia continuar indefinidamente.

Naturalmente, há uma quantidade imensa de fatos que não podem ser explicados pela ciência convencial, a não ser que se admita que sêres inteligentes tenham alcançado o mais alto grau de civilização e presumìvelmente possuam a energia atômica, a energia magnética ou talvez ambas, podendo assim visitar freqüentemente os corpos planetários vizinhos, viajando entre êles, em qualquer sentido e a seu prazer.

Agora, perguntamos: Terão visitado a Terra?

Não apenas fizeram isto, como aqui estão, atualmente. E só essas freqüentes visitas podem explicar mistérios como o da repentina extinção dos grandes dinosauros. "Por que foram extintos, ninguém

(Conclui no fim da revista)

Uma novela de
CONAN DOYLE

O TREM PERDIDO

A confissão de Herbert de Larnac — mais tarde detido em Marselha e condenado à morte — lançou alguma luz sôbre um crime sem precedente e também um dos mais misteriosos do século.

Embora os círculos oficiais conservassem uma rigorosa reserva, certas indicações permitiram considerar as declarações do criminoso como demonstrada e, ainda mais, admitir que se chegou, finalmente, a uma solução para o mais extravagante dos problemas. Como se trata de um caso de mais de sessenta anos e também porque uma repentina crise política, desviando a atenção do público, não deixou aparecer tôda a sua importância, vale realmente recordar os detalhes dos fatos, tais como se apresentaram depois de controlados.



O sr. Caratal chegara, aquela mesma manhã, da America Central...

No dia 3 de julho de 1890, um senhor dizendo chamar-se Luís Caratal pedia uma entrevista com o sr. James Bland, chefe de estação da "London and West Coast Central Station", em Liverpool. Era um homem de meia idade, de pequena estatura, moreno e tão curvado que imediatamente deixava transparecer uma deformação da coluna vertebral. Tinha por companheiro um indivíduo de estatura impressionante, mas cujas maneiras respeitosas e zêlo atento revelavam uma situação dependente. Êste companheiro — ou êste amigo — cujo verdadeiro nome nunca foi conhecido, era, sem sombra de dúvida, um estrangeiro e, provàvelmente, a julgar por sua tez morena, um espanhol ou um sul-americano.

Houve quem notasse que levava sob o braço esquerdo uma pequena pasta de couro prêto; um empregado do escritório central, que tinha bons olhos, notou mesmo que uma correia prendia a pasta ao seu pulso. Primeiro, ninguém emprestou ao caso uma significação especial; mas os fatos se encarregariam de lhe dar grande importância. O sr. Caratal foi imediatamente introduzido no escritório do sr. Bland. Seu companheiro ficou de fora.

O assunto que interessava ao sr. Caratal foi ràpidamente resolvido. Êsse senhor chegara na mesma tarde da América Central. Negócios da mais alta gravidade o chamavam a Paris, sem perda de um minuto. Tenho perdido o expresso de Londres, solicitava um trem especial. Não fazia questão de preço, desde que fôsse atendido.

O sr. Bland conseguiu tudo em cinco minutos. O trem partiria dentro de três quartos de hora ou, no máximo, uma

hora. Ligariam uma possante locomotiva, a "Rochdale", a dois vagões e mais um furgão para o condutor. O primeiro vagão deveria servir apenas para amortecer as oscilações do trem. O segundo compreendia, como de hábito, quatro compartimentos: um salão e um *fumoir* de segunda. Atribuíram aos dois viajantes o primeiro compartimento, que ficava mais próximo da máquina; os três outros ficaram vazios. Como condutor foi designado James McPherson, empregado há vários anos na companhia. O foguista, William Smith, era funcionário recente.

Entre tempos, ocorreu uma coincidência singular. Mal o sr. Bland havia despedido o sr. Caratal, um segundo viajante, personagem distinta, dizendo chamar-se Horácio Moore e com aspecto militar, apresentou-se fazendo o mesmo pedido. Uma séria e súbita indisposição de sua espôsa o forçava a seguir para Londres, sem perda de um minuto. Sua ansiedade, sua angústia eram tão evidentes que o sr. Bland fêz o que era possível para lhe dar satisfação. Formar um segundo trem especial era coisa em que não podia, sequer, pensar, pois que o primeiro já complicava grandemente o serviço; restava apenas que o sr. Moore dividisse as despesas com o sr. Caratal e viajasse no compartimento de primeira classe, que ficara vazio, caso o sr. Caratal recusasse admiti-lo no seu. Porém o sr. Caratal não aceitou nenhuma proposta. Pagara o trem e pretendia usá-lo sòzinho! Nenhum argumento conseguiu vencer sua resistência. O sr. Horácio Moore se retirou prêsa da mais viva inquietação, quando lhe disseram que só restava o recurso do trem-ônibus, de seis horas.

Às quatro horas e trinta e um minutos, exatamente, o trem que levava o sr. Caratal e seu companheiro deixou a estação de Liverpool. A via estava livre e só haveria uma parada em Manchester, o que se daria antes de seis horas.

Às seis e um quarto, o escritório central de Liverpool sofreu uma grande surprêsa, vizinha da consternação, ao receber um telegrama de Manchester, anunciando que o trem ainda não havia chegado. Trataram de interrogar a estação de St. Helens, situada no têrço do percurso entre as duas cidades; as respostas foram as seguintes:

"Especial passou 4h,52, como fixado. — Dowser, St. Helens."

Eram 6,40 quando chegou êsse telegrama. Às 6,50 chegaria outro, o segundo de Manchester, anunciando:

"Nenhum sinal do especial anunciado."

E, dez minutos mais tarde, um terceiro, ainda mais surpreendente:

"Presumimos algum êrro no gráfico do especial. Trem local de Saint-Helens, que deveria segui-lo, acaba de chegar sem ter visto aquêle. Rogamos telegrafem instruções. — Manchester."

O caso tomava um rumo inverossímil. De algum modo, o escritório de Liverpool se sentiu aliviado por êste último telegrama: se o especial tivesse sofrido um acidente, não era possível admitir que o trem local tivesse passado sôbre a mesma linha sem nada notar. No entanto, que podia ter acontecido? Onde poderia estar o trem? Teria sido desviado, por algum motivo qualquer, a fim de deixar passar o ônibus? Telegrafaram para cada uma das estações entre Saint-Helens e Manchester. O chefe de estação e o diretor das linhas esperaram as respostas no próprio aparelho. Elas chegaram na ordem das perguntas, que correspondia à ordem das estações, a partir de Saint-Helens:

"Especial passou cinco horas — Collins Green."

"Especial passou cinco horas e seis — Earlestown."

"Especial passou cinco horas e dez. — Newton."

"Especial passou cinco horas e vinte. — Kenyon Junction."

"Nenhum trem especial passou aqui. — Barton Moss."

Os dois chefes de serviço, como que alucinados, ficaram a olhar um para o outro.

— Tenho trinta anos de serviço — disse, finalmente, o sr. Bland — e não me recordo de um caso assim!

— Realmente, é um caso único, um caso sem explicação! O especial deve ter sofrido um acidente entre Kenyon Junction e Barton Moss.

— Se não me falha a memória, não há, nesse trecho, nenhum desvio. O especial, portanto, deve ter descarrilado.



OS VIAJANTES MISTERIOSOS — Foi reservado para os dois viajantes o primeiro compartimento, que se encontrava mais próximo da máquina; os três outros restantes permaneceram, entretanto, vazios.

Mas, neste caso, como o ônibus de quatro horas e cinqüenta nada havia percebido ao passar pela mesma linha?

— Não podemos estar formulando hipóteses, sr. Hood. *Só pode ter sido assim!* Talvez o ônibus tenha feito alguma observação de natureza a esclarecer um pouco êsse mistério. Vamos, para estar mais informados, telegrafar a Manchester e dar instruções a Kenyon Junction, a fim de que examinem a linha até Barton Moss.

A resposta não se fêz esperar.

"Ainda sem notícias do especial. Mecânico e condutor ônibus informam nenhum acidente entre Kenyon Junction e Barton Moss. Via livre, nada apresentando anormal. — Manchester."

— Êsse mecânico e êsse condutor vão ouvir poucas e boas! — rosnou o senhor Bland. — Passaram, sem nada perceber, ao lado de uma catástrofe! Evidentemente, o especial, não sei como, deve ter descarrilado sem avariar a linha. Vamos, de um momento para outro, receber de Kenyon Junction ou de Barton Moss um telegrama anunciando que descobriram o trem no fundo de alguma ravina.

A predição do sr. Bland não se realizou. Ao fim de uma meia hora, recebiam do chefe de estação de Kenyon Junction o seguinte telegrama:

"Nenhum sinal do trem especial. Com tôda a certeza passou aqui, mas não atingiu Barton Moss. Explorei linha pessoalmente; tudo livre e nenhum sinal de acidente."

Desesperado, o sr. Bland arrancava os cabelos.

— Mas estão todos loucos, Hood! Um trem não pode, na Inglaterra e à luz do dia, evaporar-se no ar! É absurdo! Se, dentro de uma hora, não chegar uma informação positiva, vou lá, eu mesmo, com o inspetor Collins.

A informação *positiva* chegou, finalmente, com um novo telegrama de Kenyon Junction:

"Lamentamos informar acabamos encontrar, entre o mato espêsso, a duas milhas e um quarto estação, cadáver John Slender, mecânico do especial. Slender, caindo da máquina, rolou ribanceira. Ferimentos cabeça, conseqüência queda,

parecem ter causado morte. Exame minucioso arredores não permitiu encontrar menor traço especial desaparecido."

Eu disse, no início, que uma crise política emocionava nesses dias a Inglaterra. Por outro lado, graves acontecimentos sobrevindos na França contribuíam para desviar a atenção pública: um enorme escândalo ameaçava a existência do próprio govêrno francês e igualmente um certo número de grandes personagens. O desaparecimento do trem especial não emocionou, assim, a opinião pública como o teria feito em tempos menos perturbados. Vários jornais de Londres viram nisso apenas uma engenhosa mistificação, até o dia em que o inquérito do *coroner*, relativamente ao infortunado mecânico, sem chegar a um resultado notável, convenceu a todos da espantosa realidade do drama.

Acompanhado pelo inspetor Collins, chefe do serviço de segurança da Companhia, o sr. Bland partiu na mesma noite para Kenyon Junction. Suas pesquisas foram infrutíferas. Não encontraram sinais do trem desaparecido; não chegaram, sequer, a uma conjectura aceitável. Por outro lado, entretanto, o relatório do inspetor Collins revelava que *as circunstâncias favoráveis a uma desaparição eram mais numerosas do que era justo acreditar*.

"Sôbre tôda a extensão entre êsses dois pontos — dizia êle — a linha atravessa uma região de fundições e minas de carvão, umas em plena exploração, outras abandonadas. Sete delas têm — ou tiveram — suas linhas particulares ligadas à linha principal, de maneira a colocar minas e fundições em comunicação direta com os grandes centros distribuidores. Cada uma dessas linhas tem o comprimento de algumas milhas apenas. Quatro das sete pertencem a linhas esgotadas ou atualmente não exploradas, a saber: a "Redgauntlet", a "Hero", a "Slough of Despond" e a "Heartsease". Podemos fazer abstração em nossas buscas, porque para prevenir qualquer eventualidade de acidentes tomou-se o cuidado de retirar os trilhos mais próximos da linha principal, de tal forma que a ligação não mais existe.

"Restam três linhas laterais, conduzindo:

"(a) às "Forjas de Carustock"; (b) à "Mina do Grand Ben"; (c) à "Mina da Perseverança".

"Dessas três linhas, a do "Grand Ben" não tem mais que um quarto de milha de estensão e termina numa muralha de carvão, que aguarda que desembaracem a entrada da mina. Nada de anormal foi visto nem ouvido dêsse lado. A linha das "Forjas de Carustock" estêve bloqueada tôda a tarde do dia 3 por dezesseis vagões de hematite; é uma linha simples e nada poderia passar. Quanto à linha da "Perseverança", é composta de uma via dupla e muito ativa devido ao grande rendimento da mina. No dia 3 de junho, o movimento foi efetuado como de ordinário; equipes de operários ali trabalharam de um extremo a outro: ninguém pode admitir que um trem por ali passasse, de improviso, sem despertar a atenção geral. Êsse entroncamento fica mais próximo de Saint-Helens do que o ponto em que foi encontrado o corpo do mecânico; de sorte que somos inclinados a acreditar que o trem ultrapassou êsse ponto antes de desaparecer.

"Quanto a John Slender, o estado do corpo e os ferimentos que apresentava não autorizam qualquer hipótese. É possível dizer apenas que, muito provàvelmente, o desgraçado caiu de sua máquina. Como caiu e o que foi feito da máquina, após sua queda, são perguntas sôbre as quais não me sinto bastante qualificado para emitir um parecer."

E o inspetor concluía com seu pedido de demissão, dado que os jornais de Londres o haviam atacado rudemente, acusando-o de incompetência.

Um mês assim passou, durante o qual a polícia e a Companhia continuaram simultâneamente e em vão as suas buscas. Entre as múltiplas hipóteses propostas pelos jornais e os particulares, surgiram duas ou três bastante plausíveis para despertar o interêsse público. Um amador, razoàvelmente lógico e a quem certos trabalhos haviam valido alguma notoriedade, tentou, através do "Times", resolver

o problema de uma forma crítica e semi-científica. Eis um extrato de sua carta, que os curiosos encontrariam no número de 3 de julho:

"Um dos princípios elementares do raciocínio prático — escrevia êsse correspondente do "Times" — é o de que eliminado *o impossível*, o que resta, embora *improvável*, deve conter *a verdade*! Sabemos que, fora de dúvida, o trem deixou Kenyon Junction. Sabemos também que, sem qualquer dúvida, êle não atingiu Barton Moss. Devemos considerar como eminentemente inverossímil — mas, apesar de tudo possível — que êle tenha tomado um dos sete entroncamentos existentes; mas, sendo evidente que um trem não poderia circular onde não existe trilho, podemos reduzir os casos prováveis às três linhas abertas, a saber: a das "Forjas de Carustock", a do "Grand Ben" e a de



NA GARE DE LIVERPOOL — «Eu tomara minhas disposições para receber Caratal em Liverpool.»

"Perseverança". Existe alguma sociedade secreta de mineiros, uma *Mafia* inglêsa, capaz de destruir de um só golpe um trem e tôdas as pessoas que transporta? É improvável, *mas não impossível*. Não serei eu, confesso, quem se atreverá a sugerir uma solução. Minha impressão,

bem forte, aliás, é a de que a Companhia deveria exercer uma vigilância rigorosa sôbre essas três linhas e sôbre os trabalhadores das emprêsas para as quais foram construídas."

Vindo de um homem de reconhecida autoridade na matéria, tal idéia emocionou vivamente a opinião pública. Mas, ao mesmo tempo, encontrou a hostilidade dos que a julgavam absurdamente difamatória para uma categoria de cidadãos honestos. Êsses recalcitrantes foram desafiados a avançar uma solução mais verossímil. Para isto, duas respostas — aparentemente já preparadas — surgiram no "Times", de 7 e 9 de julho.

Segundo a primeira, o trem, depois de descarrilar, mergulhara no canal Lancashire-Straffordshire, que corre paralelamente à via-férrea, por uma centena de metros. Mas a isso opuseram um argumento peremptório: a profundidade do canal, insuficiente para tragar o trem. A segunda assinalava como suspeita a pequena pasta que parecia conter um explosivo novo, de formidável potência destruidora. Mas havia gracejo evidente nessa afirmativa, pois um trem não podia ser pulverizado totalmente nada acontecendo aos trilhos! Assim, as pesquisas chegavam a um impasse, quando sobreveio um incidente imprevisto. A senhora McPherson, espôsa de James McPherson, que tinha sido o condutor do "especial", recebeu de seu marido uma carta. Esta trazia a data de 5 de julho de 1890, tinha carimbo de New York e chegou a seu destino no dia 14.

A sra. McPherson afirmou que a letra era do seu marido; e o fato dela conter, em notas, uma remessa de 500 dólares excluía, de início, tôda idéia de mistificação. Não indicava qualquer enderêço e estava assim escrita:



NO BARRANCO: Havia alguém à beira do barranco: Eu.

"Querida espôsa,

Tenho pensado muito e reconheço ter feito mal, abandonando você e Lizzie. Tenho procurado lutar, mas sempre sou perseguido pela lembrança de vocês duas. Envio-lhes um pouco de dinheiro com o qual conseguirão vinte libras inglêsas. Com isso terão o suficiente para atravessar o Atlântico. Se puderem vir, hospedem-se na "Pensão Johnston" e eu procurarei mandar ali um recado, informando o local certo onde me encontro. No momento, estou em dificuldades e não muito feliz, porque tenho remorsos por haver sacrificado a vocês duas. Mas por hoje não quero dizer mais. O seu marido, que a ama — James McPherson."

Contaram as autoridades, por um certo tempo, que essa carta viesse lançar alguma luz sôbre o mistério; tanto mais quanto ficou estabelecido que um viajante, cujos sinais correspondiam com os de McPherson, tomara, em 7 de junho, em Southampton, sob o nome de Summers, o navio "Vístula", que fazia a linha Hamburgo — New York, hospedando-se por três semanas na "Pensão Johnston". Mas não receberam notícias. Sem dúvida, McPherson compreendera que a polícia havia tomado providências para o apanhar. Em resumo: não ouvindo falar dêle e não o vendo chegar, as duas mulheres retornaram a Liverpool.

E, espantosamente, nada se conseguiu, até ao presente, no sentido de dissipar, de leve, sequer, a sombra que planava sôbre o extraordinário desaparecimento do trem, que conduzia Caratal e seu companheiro.

De um inquérito regoroso sôbre os dois viajantes, resultou que Caratal era um agente político e um capitalista bastante conhecido na América Central; que manifestara, durante sua viagem à Europa, viva impaciência de chegar a Paris; e que seu companheiro, inscrito no número de passageiros sob o nome de Eduardo Gomez, era homem violento, com reputação de valente e discutidor, mas honestamente dedicado aos interêsses de Caratal, que êle protegia fisicamente. O mistério estava nesse pé, quando surgiu nos jornais de Marselha a confissão de Herbert de Lanarc, condenado à morte pelo assassinato de um negociante chamado Bonvalott. Vamos reproduzi-la:

"Entregando ao público êste documento, não cedo a um sentimento de vaidade, pois em tal caso contaria mais uma dúzia de proezas ainda mais magníficas. Mas é preciso que, em Paris, *alguns senhores todo-poderosos* o saibam: *se posso revelar o que aconteceu com o sr. Caratal, posso, igualmente, denunciar os instigadores e os móveis do crime, caso o meu pedido de clemência para a pena de morte não seja atendido em bom tempo*. Por enquanto não citarei nomes, relatando apenas como desempenhei meu papel. Servi lealmente aos que contaram comigo e não duvido que me paguem *da mesma forma*...

"Em 1890, corria em Paris um ruidoso processo, conseqüência de um monstruoso escândalo político-financeiro, que ameaçava em sua honra e seu futuro alguns dos maiorais do govêrno. Os que conhecem o jôgo do boliche podem entender melhor. As *garrafas* eram os donos do país, a *bola* derrubadora era Caratal. Logo que chegasse à França, *paf, paf, paf!*, jogaria todos êles no chão! Por isso, decidiram que *êle não chegaria*!

"Organizaram verdadeiro sindicato para a emprêsa. Antes mesmo que Caratal deixasse a América Central, já sabiam a iminência de sua chegada e que seu testemunho acarretaria inúmeras ruínas. Dispondo de muito dinheiro, procuraram um homem capaz, ativo, resoluto e encontraram a mim... Herbert de Larnac. Com minha energia comecei imediatamente a agir. Despachei para a América do Norte um homem de confiança, encarregado de seguir Caratal durante tôda a viagem. Tivesse êle chegado em tempo e jamais aquêle navio teria atingido a Europa. Mas chegou tarde, quando o navio já tomava o largo. Tentei interceptar sua marcha com um pequeno "brick" armado. Falhei. Mas tinha outras "soluções" já estudadas, porque era preciso destruir Caratal e os documentos que possuía e também seus companheiros, aos quais devia ter comunicado seus segredos.

"Eu tomara medidas para receber Caratal em Liverpool. Sabia que êle

estaria cercado de boa guarda à sua chegada a Londres. Tínhamos que agir entre o momento dêle descer em Liverpool e o em que chegasse ao término da estrada de ferro London and West Coast. Estudamos seis planos e os movimentos do próprio Caratal decidiriam qual dêles seria empregado, fizesse êle o que fizesse, parasse em Liverpool, tomasse um trem ordinário, um expresso, um especial... Para tudo estávamos prontos.

"Naturalmente, não podia fazer tudo sòzinho e por isso arranjei um cúmplice inglês, entendido em estrada de ferro. Êle idealizou o golpe e eu cuidei dos detalhes. Compramos vários empregados da Companhia, notadamente McPherson, que sabíamos seria o indicado para dirigir um especial. Sondamos também John Slender, o mecânico, porém ante sua resistência, renunciamos. Não podíamos ter a certeza de que Caratal viajaria pelo especial, embora fôsse provável em razão da urgência que tinha para atingir Paris. Por isso tomamos nossas precauções. No momento em que êle desceu em Liverpool, compreendemos que êle farejava o perigo e estava em guarda. Com êle estava um homem temível, chamado Gomez, armado e disposto a usar suas armas. Era êle quem levava os papéis secretos de Caratal, que, sem dúvida, o pusera a par de tudo. Afastar Caratal sem fazer o mesmo com Gomez era bater em ferro frio. Ambos tinham que desaparecer. O pedido do "especial" favoreceu nossos planos, pois dois dos três homens que conduziriam o trem estavam conosco.

"Meu cúmplice inglês dirigia tudo em Liverpool, enquanto eu, num hotelzinho de Kenyon, esperava o sinal combinado para agir.

"Logo que foi dada ordem para formar o "especial" entrei a trabalhar, enquanto êle próprio, dizendo chamar-se Horácio Moore, solicitava a formação de um segundo especial, esperando com isso poder viajar com a nossa prêsa, o que, eventualmente, poderia ser útil ao plano. Se tudo, afinal, falhasse, meu cúmplice mataria os dois homens e se apossaria dos papéis. Mas Caratal, desconfiado, recusou aceitar êsse companheiro de viagem. O inglês, porém, deixando a estação, introduziu-se no furgão de McPherson, com quem viajou.

"Por meu lado, agia sempre. Era preciso apenas mais um empurrão para alcançar a nossa finalidade. O entroncamento escolhido fôra cortado da linha, mas com poucos metros de trilho tudo refizemos, sem despertar a atenção. Era preciso apenas proceder ao desvio, o que foi feito. Assim, o trem especial foi desviado tão bem que, parece, os passageiros nada notaram. Perguntarão porque ninguém notou a passagem dêsse trem por uma linha abandonada e eu direi que ela corre entre duas ribanceiras altas. Sôbre uma delas havia alguém espreitando: eu!

"Depois que o trem entrou no desvio, Smith diminuiu a marcha e, a seguir, lançou a máquina a tôda velocidade, saltando antes de que fôsse tarde. McPherson fêz o mesmo. Quando os dois viajantes notaram o perigo já tudo estava perdido para êles. Lançado em carreira vertiginosa, o trem corria, estremecia, pulava, com terríveis guinchos das rodas sôbre as asperezas do terreno. Eu podia ver, de perto, os dois rostos. Caratal parecia rezar



com qualquer coisa, como um rosário, pendente das duas mãos juntas. O outro gritava como fera enjaulada. Avistando-nos sôbre o bordo da estrada, fêz-nos sinais ameaçadores e depois, arrancando a pasta do pulso lançou-a contra nós. Talvez quisesse com isso pedir misericórdia, pois a pasta continha os documentos cobiçados. Bem que gostaríamos de salvar os dois coitados. Mas negócios são negócios e, além do mais, a sorte do trem não dependia mais de nós. Os gritos cessaram quando, com horrível fragor de ferragens, o trem tomou a curva e os viajantes perceberam, imensa, medonha, a garganta da mina. Havíamos retirado a pilha de carvão que a fechava, de modo a deixá-la livre. No princípio, os trilhos tinham sido levados até junto do fôsso; para atingir o próprio bordo tínhamos acrescentado dois ou três comprimentos mais, que, em vez de acabar a vinte metros de distância, terminavam sôbre a própria bôca do abismo, com mais de trezentos e cinqüenta metros de profundidade. Víamos duas cabeças numa janela. Caratal e Gomez. A estupefação paralisava-lhes a língua. Pareciam incapazes de um movimento, como petrificados pelo horror do que viam.

"Eu tinha dúvidas sôbre se o trem, a tôda velocidade, cairia ou não dentro do abismo, receando que o ultrapassasse. Felizmente, porém, êle caiu logo que faltou o terreno, sendo que o teto da máquina bateu contra o paredão do abismo, do outro lado. Tênder, vagões, furgão se encastoaram uns nos outros e com os destroços da máquina obstruíram por alguns segundos a bôca do abismo. Depois, qualquer coisa cedeu, no centro e ferragens, carvões ardentes, tubos de cobre, rodas, madeiramento, poltronas, a massa inteira foi tragada, triturada, pulverizada. Ouvimos tudo isso bater, bater, bater contra as paredes; depois houve um choque, como se o que restava do trem tivesse chegado ao fundo. A caldeira deve ter explodido, pois que ouvimos uma detonação violenta, uma nuvem de vapor e fumaça subiu, rodopiando, das profundidades negras e caiu sôbre nós em forma de poeira e chuva. Finalmente, a nuvem se desfez, o sol dissipou os últimos tufos ligeiros e tudo voltou à paz, na mina de Heartsease.

"Nossos planos tinham chegado a bom têrmo e restava-nos apenas apagar os derradeiros vestígios, do que se encarregou a nossa pequena tropa, que retirou os trilhos, apagou os sulcos e recolocou o carvão na entrada da mina. Finalmente, sem precipitação, mas sem retardo, deixamos a Inglaterra. McPherson partiu para Southampton, de onde viajou para a América do Norte.

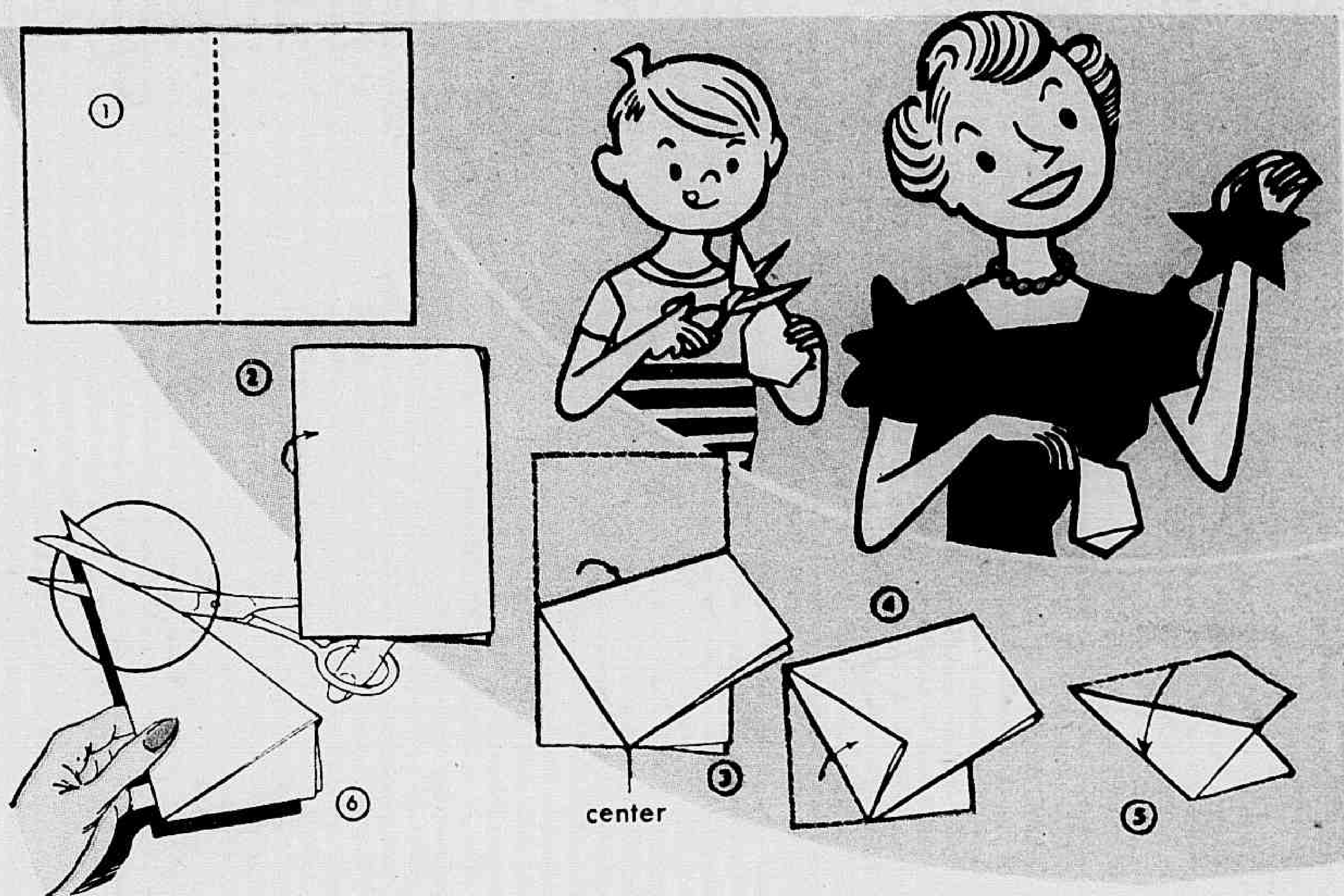
"Conforme já disse, Gomez nos lançara a pasta com os documentos. Levei-a para lugar seguro, confiando-a a mãos interessadas. Mas talvez seja bom avisar aos que me empregaram nesse serviço que tomei a cautela de retirar dois ou três papéis susceptíveis de me servir, algum dia, como "souvenirs". Não desejo entregá-los à publicidade; mas se me recusarem salvar da guilhotina, que outra coisa poderei fazer para me vingar?"

"P. S. — Já ia esquecendo um detalhe importante. É a propósito do desgraçado McPherson, que cometeu a tolice de escrever à espôsa, marcando encontro com ela, em New York. Como não podíamos mais confiar nêle, tivemos que agir no sentido de que não mais se avistasse com a mulher. Tenho pensado, às vêzes, que seria gentil escrever a essa pessoa para lhe dizer que nada impede que ela torne a casar."

COISAS DA VIDA INFANTIL...



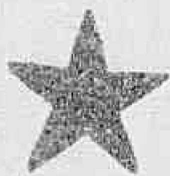
— O senhor viu aonde foi parar uma bola que eu chutei?



PARA ORNAMENTAR A CASA NO NATAL

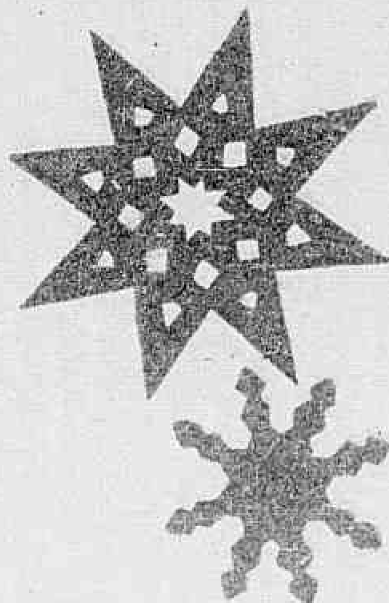
UMA ESTRÊLA DE CINCO PONTAS COM UM SÓ CORTE DE TESOURA ★ OUTROS ORNAMENTOS BONITOS.

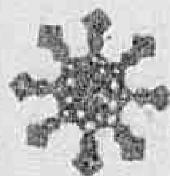
PARA as festas de Natal, todos desejam ter estrêlas para enfeitar a árvore, as portas, etc. Porém é tão difícil recortar estrêlas perfeitas! Para salvar a situação aqui estamos para ensinar como fazer uma estrêla perfeita com um só golpe de tesoura e, ainda, outras muitas variedades, para diversos fins, tanto para árvores como decoração de janelas, paredes, espelhos, etc. Também podem ser fabricadas pequenas estrelinhas ou bonitos flocos de neve, em papel celofane colorido ou papéis prateado e dourado para cartões de boas festas, convites, etc.



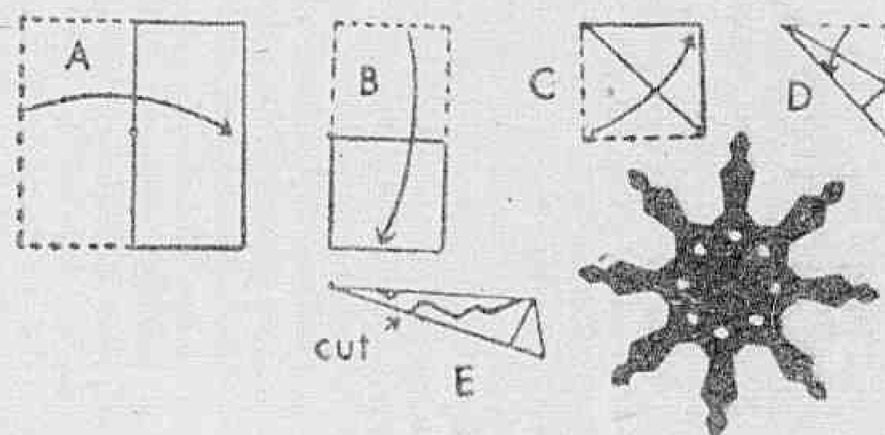
INSTRUÇÕES PARA FAZER UMA ESTRÊLA DE CINCO PONTAS — Usar qualquer papel na proporção de 8 por 11 centímetros. Seguir os diagramas apresentados acima, no desenho maior, de 1 a 5. Cortar segundo indica o número 6. E está pronta a estrêla.

OUTRAS BONITAS ESTRÊLAS PODEM SER FEITAS — Sim. Estrêlas ou flocos de neve, de belíssimo efeito, podem ser feitas, cada qual ao gôsto do artista amador (de qualquer idade). Darão mais beleza e alegria quando aplicadas em vidraças de janela, cartões postais, etiquêtas para presentes, capas de livros, etc.

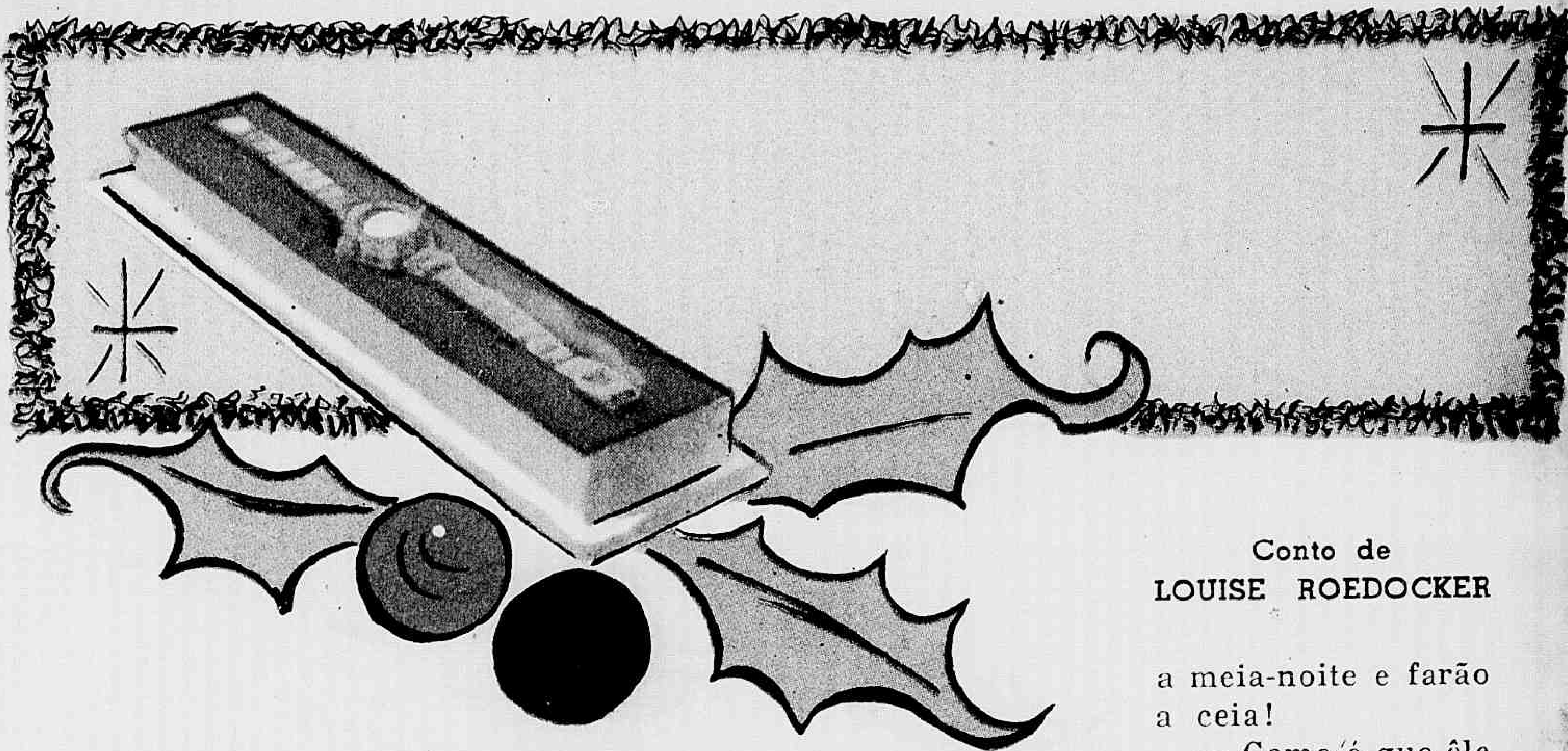




INSTRUÇÕES BÁSICAS PARA ESSAS ESTRÊLAS DE FANTASIA — Podem começar com papel quadrado (de qualquer tamanho) e de qualquer qualidade, preferentemente coloridos e brilhantes. Os prateados, dourados ou de celofane encorpado dão os mais belos efeitos.



Dobrar conforme os diagramas acima A para D. Cortar (vejam E); variar os cortes; não cortar de lado a lado nem cruzar os cortes.



Conto de
LOUISE ROEDOCKER

EMUDECI ao segurar o grande embrulho envôlto em papel brilhante e amarrado com luxuosa fita de cetim verde. Eu já lera o cartão: — *"Para Nancy, com todo o meu amor — Jim."*

Como pudera êle — era tudo o que eu pensava — como pudera êle fazer *isso*? Êle *sabia* o que eu desejava para o Natal! Êle *sabia*!

Minha mãe entrou na sala-de-visitas e sorriu ao ver-me.

— Ah; é mesmo! — disse ela. — Jim trouxe isto, enquanto você estava na cidade. Pense bem: na próxima noite de Natal, vocês dois estarão no próprio lar, decidindo qual a família com que passarão a meia-noite e farão a ceia!

— Como é que êle pôde? — falei alto. — Como é que êle pôde me dar *isto*? — Mostrei-lhe o embrulho.

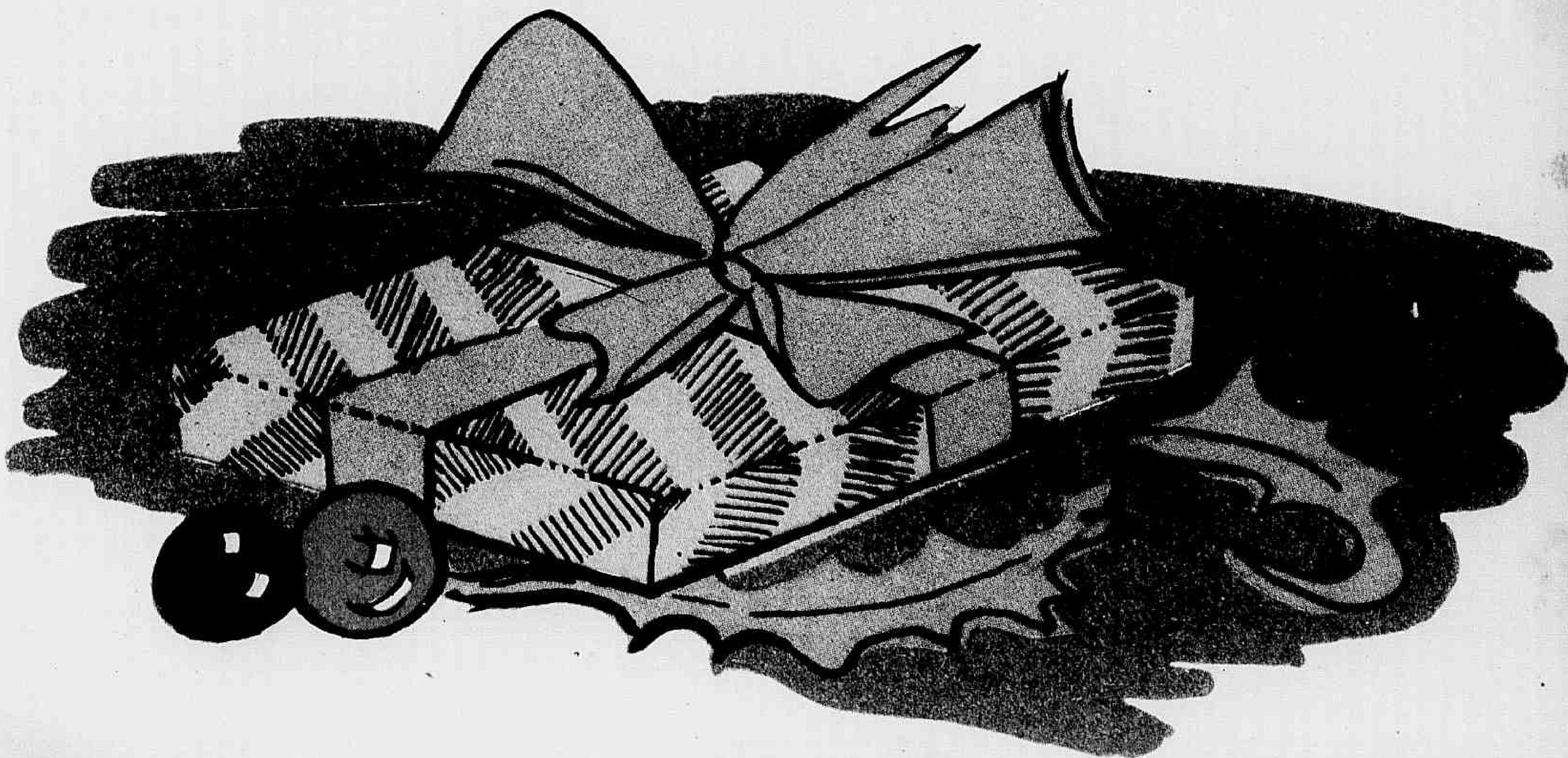
Ela se mostrou surpreendida.

— Você nem sabe o que é! — ponderou ela, com muita sensatez.

— Sei o que *não é*! — gritei.

Joguei o embrulho em uma cadeira e êle a encheu tôda.

— Durante a minha vida inteira desejei um relógio-pulseira. Você sabe isto! Jim também sabe! Êle sabe como eu me senti quando você e papai não puderam me dar um, quando eu me formei, no ginásio. E foi tudo o que eu disse que queria. Tenho a certeza de que Jim sabia! Como é que êle pôde fazer *isso* comigo?



Minha mãe se conservava em silêncio. Vi, então, que ela estava sorrindo.

— Bem — falou com serenidade — peça-lhe para levar de volta... Diga-lhe, exatamente, o que você deseja para o Natal dêste ano. Seja honesta com êle!

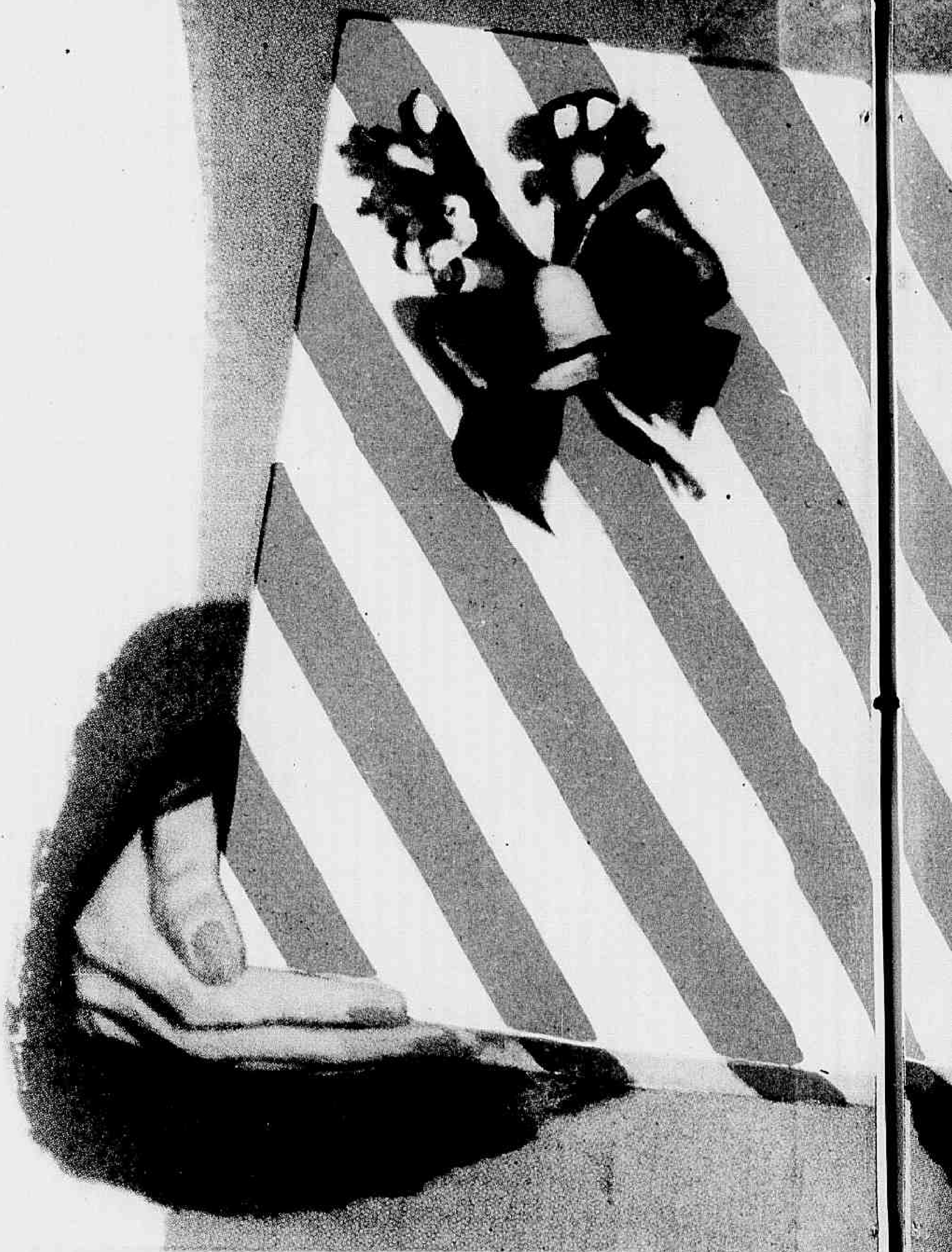
Fitei-a.

— Eu não poderia fazer isso.

— Tenho a certeza de que, se você, ao menos, explicasse...

O sorriso dela era peculiar, suave, divertido.

—A cozinha! — exclamei, sùbitamente. E comecei a rir, também.



RECORDEI-ME. Recordei-me daquele verão, havia cinco anos, quando eu tinha quatorze anos de idade; aquêle verão, em que eu aprendera a minha mais importante lição, relativa a homens, mulheres e amor. Eu não assimilara o que tinha aprendido então!

Foi algo como aprender, no decurso do ginásio, que a metade é maior do que um têrço, apesar de três ser mais do que dois. Eu só compreendera depois da prática.

TUDO começou em casa, no decorrer de uma quente tarde de junho. Eu e minha mãe estávamos sentadas no galinheiro. Tínhamos enfileirado os ninhos, para expô-los ao sol.

Quando nos sentamos, compreendi que ela não estava enxergando os rechonchudos pintinhos amarelos, nem ouvindo o cacarejar das galinhas, prêsas mais adiante. Tinha uma ex-



pressão distante, nos olhos, e o seu rosto se mostrava sonhador. Nesse outono, se tudo corresse bem, ela realizaria o que almejava, havia anos!

Seu aspecto era agradável, com o cabelo arruivado-escuro penteado para trás, o bem talhado vestido azul e o avental amarrotado.

— Veja, Nancy — exclamou ela. — Aquêle já está criando penas na asa.

Olhei e, realmente, reparei que um dos pintinhos apresentava uns riscos escuros e distintos sôbre o fundo amarelo da penugem.

As penas, na asa, significavam uma coisa — aproximava-se o dia em que aquêle pintinho se transformaria em um gordo frango; o gordo frango seria vendido, o dinheiro seria incorporado ao que minha mãe tinha logrado economizar, ela descansaria e escolheria no catálogo o conjunto de cozinha que ambicionava: dois armários de louça, conjugados, um de cada lado de uma pia com amplo ralo; e tudo de esmalte branco.

Durante anos, eu e minha mãe havíamos estudado e calculado os preços dos conjuntos dêsse tipo, por meio de catálogos. Mais do que qualquer outra coisa, minha mãe ambicionava ter uma cozinha moderna. Ao se casar, tivera que se contentar com o material dado por suas parentas, peças usadas e que ela odiava. Cada centavo ganho na fazenda era usado para melhoramentos, e mamãe jamais quis pedir a meu pai um dinheiro que fôsse imprescindível para necessidades. Jamais se lembraria de empregá-lo em coisas supérfluas...

Agora, porém, tinha feito um grande trato com meu pai. Êle forneceria galinhas de postura, ovos e comida e ela venderia os pintos já crescidos e guardaria o dinheiro. Meu pai dizia, quando censurava minha mãe, que, se aquilo era a idéia feminina concernente ao trabalho, não deixava de ser uma grande coisa que muitas mulheres evitassem se imiscuir no assunto. Minha mãe replicava que, durante muito tempo, as mulheres haviam trabalhado daquela maneira.

— Aquilo é um carro? — indagou minha mãe, apontando para a estrada que passava por casa.

Esperamos e meu pai entrou no sítio dirigindo um grande caminhão.

— Que terá acontecido? — perguntou minha mãe. — Espero que seu pai nada tenha comprado naquele leilão. Eu devia ter ido com êle.

Levantou-se, saiu do galinheiro e atravessou o sítio. Meu pai saltou do caminhão e caminhou ao seu encontro. Êle era alto, esguio, mas com largos ombros, e tinha o rosto habitualmente sério.

Agora, porém, sorria com malícia. Pensei, enquanto acompanhava minha mãe, que nunca o havia visto com uma aparência tão alegre ou juvenil.

— Esperem até eu mostrar o que trouxe para vocês no caminhão! — exclamou êle, com olhos brilhantes e enrugados nos cantos. — Exatamente, o que vocês queriam!

Sem dizer nada, minha mãe acompanhou-o até ao caminhão. Um homem, que estava no interior do veículo, saltou e, como meu pai, ficou sorrindo para ela.

— Veja você mesma — falou meu pai.

Minha mãe se achegou ao caminhão e espiou através das frestas. Caminhou, então, até à traseira e deu uma olhadela melhor. Meu pai não podia esperar mais. Explicou:

— É um conjunto de cozinha. Espere até vê-lo!

Subiu para o caminhão e bateu no volume, com os nós dos dedos.

— Ouviu? Madeira sólida! Durará uma vida inteira.

— Já durou — resmunguei.

Aquêle fôra o conjunto de cozinha de Mrs. Apebley. Ela e o marido tinham promovido leilão, a fim de se mudarem para a cidade. O conjunto havia sido comprado por ocasião do casamento de ambos, isto é, no mínimo... cinqüenta anos atrás! Eu não ousava olhar para minha mãe, mas meu pai estava tão excitado que não reparara nada. Procurou mover o objeto, escorando-se entre êste e o lado do caminhão.

— Suba até aqui! — disse para minha mãe. — Veja tudo...

Desceu e, colocando as mãos sob as axilas de minha mãe, ergueu-a.

Fitei, de relance, o rosto dela e senti seus olhos se marejarem. Seu aspecto



era o de alguém que estivesse magoado por quem muito amava. Aquêle móvel devia ter, no mínimo, uma centena de gavetas, e tenho a certeza de que meu pai mostrou-lhe cada uma delas, analisando tudo com o entusiasmo de um artista e realçando as vantagens que ela teria. Explicou que bastaria aplainá-lo um pouco para que deixasse de balançar.

Minha mãe disse só uma coisa:

— Tem certeza, Evans, de que você não prefere manter isto sob a coberta de seu caminhão? Serviria para você guardar sobressalentes e sempre encontrar as peças e outras coisas.

Meu pai riu, como se ela tivesse contado uma anedota. Afinal, o conjunto de cozinha foi retirado do caminhão — e como isto foi feito sem qualquer dano para aquêle, é um mistério para mim. Igualmente, conseguiram instalá-lo na cozinha. E, enquanto isto se fazia, vi minha mãe contemplar a janela, em tôrno da qual ela planejara instalar a cozinha ideal, com os encantadores guarda-louças brancos. O presente guarda-louça tomaria um lado inteiro do cômodo e anularia completamente a janela.

Meu pai ficou examinando o conjunto, depois do mesmo instalado. A seguir, saiu com o homem do caminhão e ambos se dirigiram para o campo, a fim de trabalhar. Minha mãe permaneceu silenciosa, fitando o conjunto. Era volumoso, com uma base imensa, sôbre a qual se erguia o móvel, mais estreito, e com o *milhão* de gavetas já mencionadas. Era feio, atingia o teto e fôra pintado de pardo-escuro.

— Diga-lhe que não o quer! — falei, impetuosamente. — Como êle se sentiria se você arranjasse um segador para êle?

Minha mãe moveu a cabeça, silenciosamente, repelindo a minha proposta. Tinha os lábios apertados e havia rubor nas suas faces. Os olhos brilhavam muito, com aquêle brilho que prenuncia lágrimas.

— Você não precisa ficar com isto! — gritei. — Explique a êle...

Eu não podia mencionar o lindo guarda-louça, todo branco. Notando a expressão dela, falei, hostilmente:

— Seria mais honesto dizer-lhe a verdade!

O olhar dela me interrompeu.

— Nunca diga a êle qualquer coisa contra esta monstruosidade! — intimou. — Se o fizer, juro que lhe darei uma sova, indiferente à sua idade.

Deixou ràpidamente o aposento e fiquei ouvindo seus passos se afastarem, compreendendo que ela fôra chorar, no quarto. Não devia tê-la seguido, mas não pude evitá-lo. Ela estava atravessada na cama, chorando de um modo que nunca imaginei possível, como se se dedicasse a recordar todos os desapontamentos e traições que já sofrera.

Sentei-me na cama e, depois de algum tempo, coloquei, tìmidamente, a minha mão em seu ombro; ela segurou-me, com fôrça e confessou:

— Ah, Nancy! Eu queria tanto a minha cozinha bonita! Ah, Nancy...

Comprimindo a mão dela, consolei-a. Íamos ter muita distração ao pôr em uso aquela velha cozinha. Por fim, falei uma coisa que me preocupava:

— Êle não sabia? Comentamos tanto! Como foi que êle pôde?

Ela sentou ao meu lado, olhou para mim com um ar cansado, que eu nunca vira nela.

— Êle sabia que eu queria um guarda-louça. Provàvelmente, supôs que se tratava de um móvel qualquer, para conter objetos...

Disse eu, então (porque estava determinada a não me render, e porque tudo me parecia simples) que devíamos revelar nossos sentimentos e conseguir o novo guarda-louça de qualquer modo.

— Se, ao menos, explicássemos...

Surpreendi-me por ver minha mãe sorrir, um sorriso misterioso, terno, que eu não podia compreender.

— Mas, Nancy... Êle fêz isto por mim. Você não vê logo? Descobriu o móvel no leilão, gostou dêle e pensou que eu também ia gostar.. Êle se lembrou apenas de que eueu queria um conjunto de cozinha!

—Dá no mesmo! — retruquei, um pouco na defensiva por causa do sorriso, que eu não compreendia. — Quando eu casar...

— Você fará o mesmo! (A expressão dela me fêz envelhecer uns quatro anos). Se gostar dêle!

(*Conclui no fim da revista*)



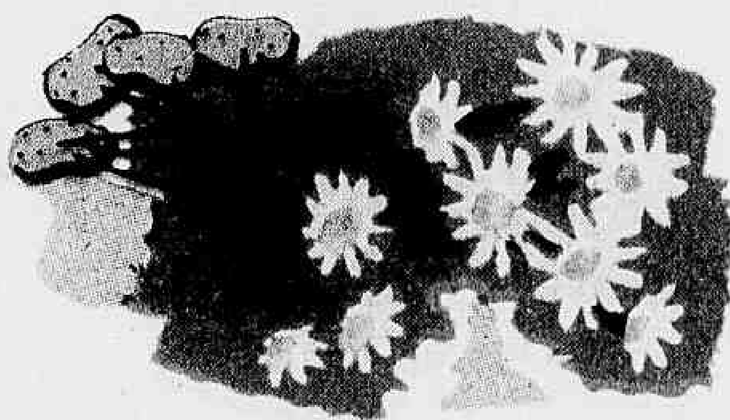
SOS para o seu lar

GOSTA DE LER NA CAMA? — Eis um bom modêlo de estante, bastante grande para conter uma boa porção de livros, jornais e revistas e conservá-los, todos, ao alcance da mão, mesmo estando acamada. Feito com madeira compensada, podendo ser pintada ou simplesmente encerada, conforme o gôsto, deve possuir um «empunhador» em lado e um ligeiro bordo protetor, em volta. Sob plancha colocar roletas, per-



mitindo que com gesto simples possa ser empurrado para sob o leito ou dêle retirado.

PARA OS CARPINTEIROS AMADORES — Aqui está um bom conselho. Talhem uma estreita fenda no cavalete da mesa de trabalho e nela terão um excelente local para pendurar o serrote. Fendas similares — e dos tamanhos convenientes — servirão



para pendurar esquadros, limas e outros objetos.

PARA IMPEDIR QUE UMA RÉGUA RESVALE — É muito comum a régua resvalar sôbre o papel espelhado, quando se risca um traço com o lápis ou o tira-linhas. Para que isto não aconteça (e arruine o desenho ou o trabalho) nada mais simples do que colar, em cada extremidade da régua uma estreita tira de papel de lixa.

PARA LIVRAR-SE DE OLHARES CURIOSOS — Tôda dona de casa fica aborrecida, quando tem que cuidar da limpeza geral da casa, o que é feito usualmente uma vez por semana, porque, depois de retiradas as cortinas e reposteiros, a casa fica, por assim dizer, «exposta» aos olhares dos vizinhos e dos que passam pela rua». Para poder trabalhar à vontade sem o risco de ser observada pelos curiosos, é bastante começar por passar nas vidraças das janelas o óleo de limpeza dêsses vidros e deixá-lo ficar, até que se termine o serviço de limpeza de móveis, remoção de quadros, tapêtes, etc. Findo isso, tudo novamente arrumado, procede-se, então, à limpeza das vidraças, removendo o óleo e dando burnimento aos vidros.

FABRICAR «ABAT-JOURS» COM GARRAFAS — Apresenta para alguns uma séria dificuldade: a de abrir um furo no fundo da garrafa, a fim de nêle passar o fio. Mas isso se resolve fàcilmente se colocarmos uma espécie de tampão, feito com massa de vidraceiro, na parte do fundo da garrafa que se queira furar, enchendo em seguida o espaço entre a massa e o vidro com turpentina. A seguir, com uma lima triangular, numa broca de mão, fazer o furo, através dessa massa e da turpentina. O vidro resistirá perfeitamente, sem lascar.

PARA DESEMPERRRAR PORTAS E JANELAS — Se o leitor tem em casa alguma porta que arranha o soalho, tôda vez que é aberta, sugerimos o seguinte: — coloquem sôbre o soalho, com a face voltada para cima, uma larga fôlha de lixa própria para madeira e, a seguir, movam a porta, sôbre êsse papel, para um lado e para outro, até que essa passagem se torne mais fácil. Retirem, então, a fôlha de lixa e podemos apostar em como a porta não mais arranhará o soalho.

QUER REMETER FLÔRES PARA LONGA DISTANCIA? — Eis um processo recomendado pelos

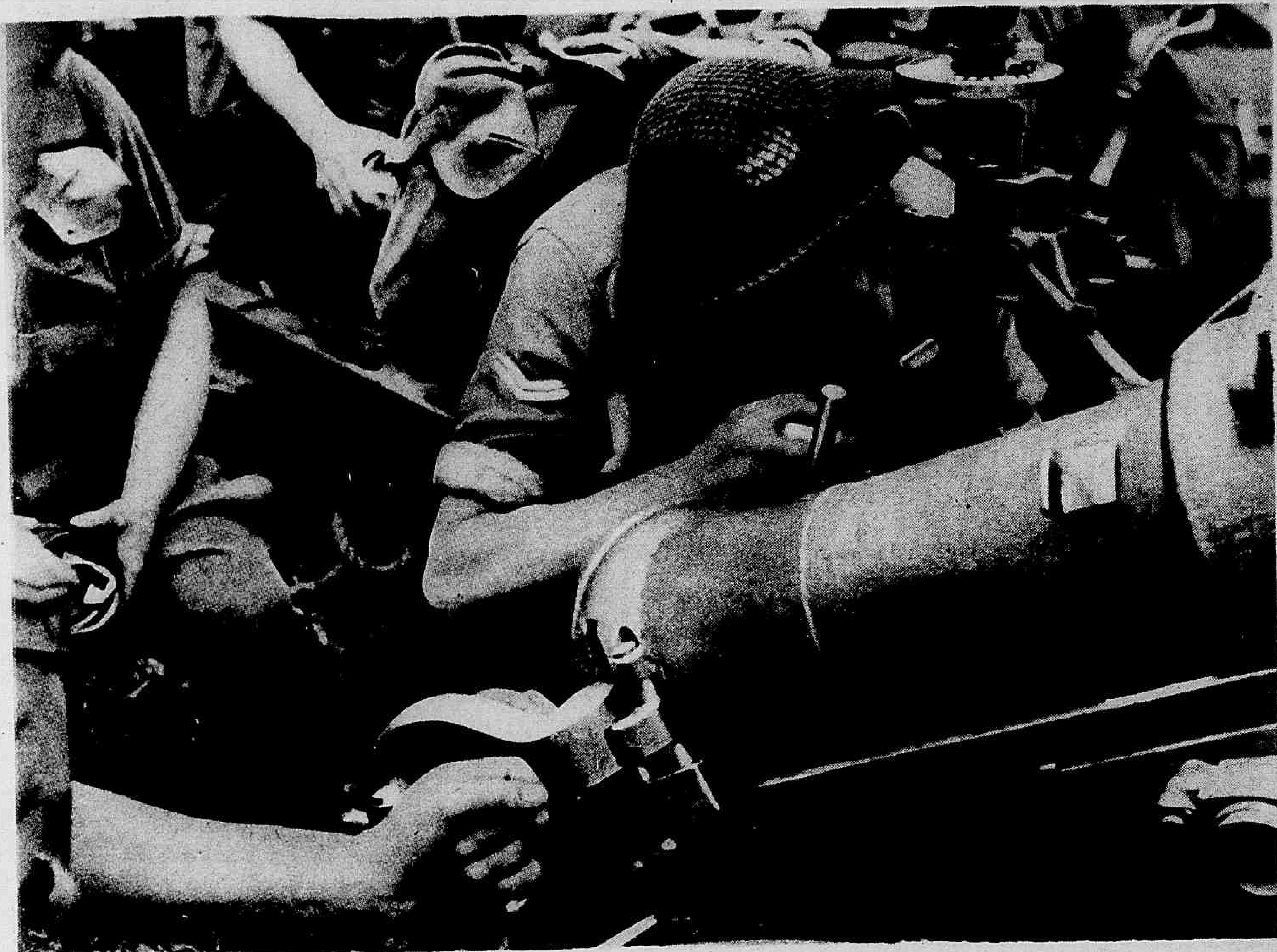


floristas de New York. Colocar as pontas dos talos em batatas, podendo ajustar muitas flôres numa só batata. O suco da batata mantém as flôres frescas e viçosas e tôdas chegam sempre em perfeitas condições, mesmo após prolongadas viagens.

UM PROCESSO econômico para isolar os encanamentos de água gelada, evitando que es-



tejam sempre a pingar, é o seguinte: envolver o cano com papel corrugado e a seguir cobrir as juntas e extremidades com uma polpa feita de papel e farinha de trigo. Tudo deve ser recoberto com papel forte e pintado. Êsse isolante pode durar dez anos.



VISÃO MUNDIAL

Equipamentos modernos vêm sendo fornecidos à Turquia, signatária da Tríplice Aliança Balcânica, pelos EE. UU.

Por DE MATTOS PINTO

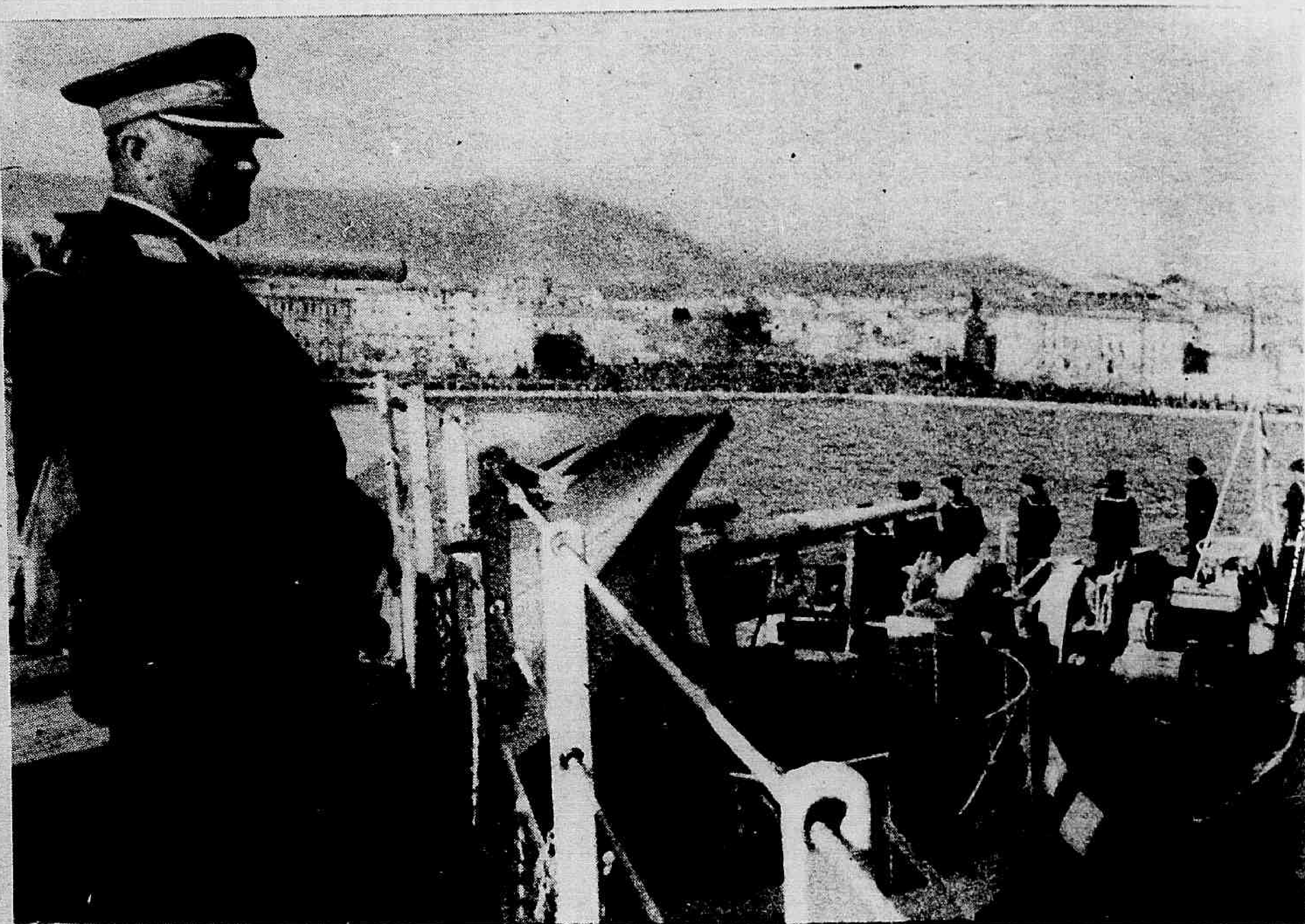
O LABIRINTO DA ALIANÇA BALCÂNICA

FALTA ESPAÇO PARA A SOBERANIA DOS POVOS ?

Justamente quando fracassa a diplomacia internacional na Conferência de Bruxelas, apesar de tôda a argúcia de Foster Dulles e da habilidade do primeiro ministro francês Mendè-France em salvar a Comunidade Européia de Defesa, convém reunificar os acontecimentos e convergir a atenção para outro cenário onde se concentram os estadistas orientais para dirimir as suas próprias divergências. A Iugoslávia, a Grécia e a Turquia deliberaram eliminar os seus antagonistas num convênio preventivo, enquanto a França, a Inglaterra e a União Soviética se preocupam com o rearmamento do exército alemão e do exército japonês.

O marechal J.B. Tito e o marechal Alexandros Papagos planejaram em Atenas, uma conferência íntima para estabelecer os princípios de um acôrdo, que harmonize as ansiedades greco-iugoslávias do Sul da Europa. O presidente e marechal J.B. Tito abandonou seu palácio em Belgrado para ir à capital da Grécia, acompanhado do seu ministro Kotcha Popovitch, sendo colhido festivamente por salvas de artilharia no pôrto do Pireu. A essas conversações aliou-se Adanam Menderes, presidente do Conselho da Turquia, o que causou alarma entre os italianos.

A Inglaterra interveio e insinuou o adiamento da Tríplice Aliança, até a pacificação do problema de Trieste e das rivalidades hegemônicas no Mar Adriático. Planejaram uma aliança com objetivos essencialmente defen-



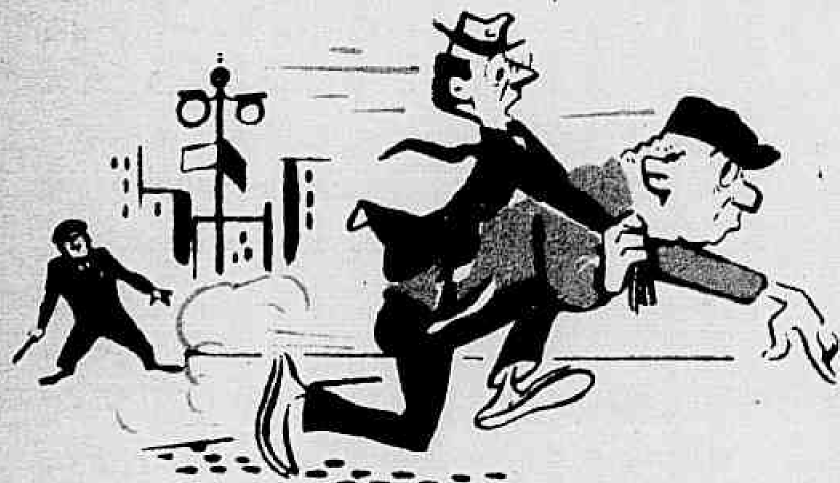
O marechal Tito, que em nome de sua pátria, a Iugoslávia, assinou a «Tríplice Aliança Balcânica», a bordo do navio «Galeb», que o conduziu quando de sua visita ao pôrto de Splitz, no Mar Adriático



ÊSTE MUNDO LOUCO...

AJUDA — Em Washington acaba de ser nomeado novo auxiliar da presidência. Recebeu o título de Assistente do Deputado Assistente do Assistente do presidente da República.

VOTOS CERTOS — Depois de receber apenas 57 votos, um desolado candidato a prefeito de



Ripley, no Tennessee, pediu que fôsse feita a recontagem das suas cédulas, «pois só parentes tinha mais do que aquêle número e estava certo de que haviam votado nêle». (Lá como cá...)

NÚMERO SENSACIONAL — Em Paris, um cidadão de pouca estatura e muito magrinho, queixou-se ao policial que o socorreu que o desconhecido grandalhão, que repentinamente o apanhara na rua e, colocando-o sôbre um ombro desandara a correr, repetia incessantemente: «Êste será um bom número e renderá bom dinheiro, tão logo o coloque em algum circo».

PROBLEMA UNIVERSAL — Em Stillwater, Oklahoma, os membros de um Instituto Médico, à cata de uma razão principal para o nervosismo e irritabilidade crescente da população, interrogaram cinco mil indivíduos, a fim de saber o que mais os atormentava, se o trabalho, os exames universitários, o pagamento dos impostos, o equilíbrio financeiro ou a paz do mundo. E descobriram que a maior preocupação de todos êles era saber... onde **estacionar o automóvel!**

CAVALHEIRO DISTINTO — Em Pearson, Geórgia, um cidadão que se assina Mayor 5/8 Smith explicou que assim fôra realmente registrado, concluindo: — «Meu pai não queria que me confundissem com todos os outros Smiths.»



DISTINTIVO — Em Westerly, Rhode Island, a prefeitura instituiu uma nova licença para cães, constituída de um medalhão em que aparece o pequeno poste de água, onde os bombeiros ligam suas mangueiras em caso de incêndio e que... têm a **preferência** dos cães da cidade.

sivos, numa região geográfica com longo passado de ódios raciais.

Imitando a política de ardente nacionalismo do Egito, que recuperou a base estratégica de Suez, os gregos aspiram desalojar a Inglaterra do seu domínio sôbre Chipre e controlar o Mar Egeu. Para dar maior consistência ao primitivo acôrdo greco-iugoslavo, os diplomatas de Belgrado e de Atenas ampliaram o plano e convidaram o governo turco. Depois das confabulações dos ministros das Relações Exteriores, retocaram as cláusulas duvidosas e o mundo defronta-se com o fato consumado da Aliança Balcânica greco-turco-iugoslava. O tratado prevê a agressão armada, assistência coletiva e a criação de um Conselho Permanente para julgar os dilemas dos Balcãs.

Assinado na cidade de Bled, na Eslovênia, pelo ministro iugoslavo Popovitch, o ministro grego Stefanopoulos e o ministro turco Koprulu., o novo pacto visa superar as disputas hereditárias entre os três povos e edificar a Comunidade de Defesa Balcânica. Alguns comentaristas desconfiam da solidez da Tríplice Aliança Balcânica, considerando a ausência da Rumânia, da Bulgária e da Albânia, nações com influências históricas nas guerras que flagelam as fronteiras entre o Danúbio, o Mar Negro e o Mar Egeu.

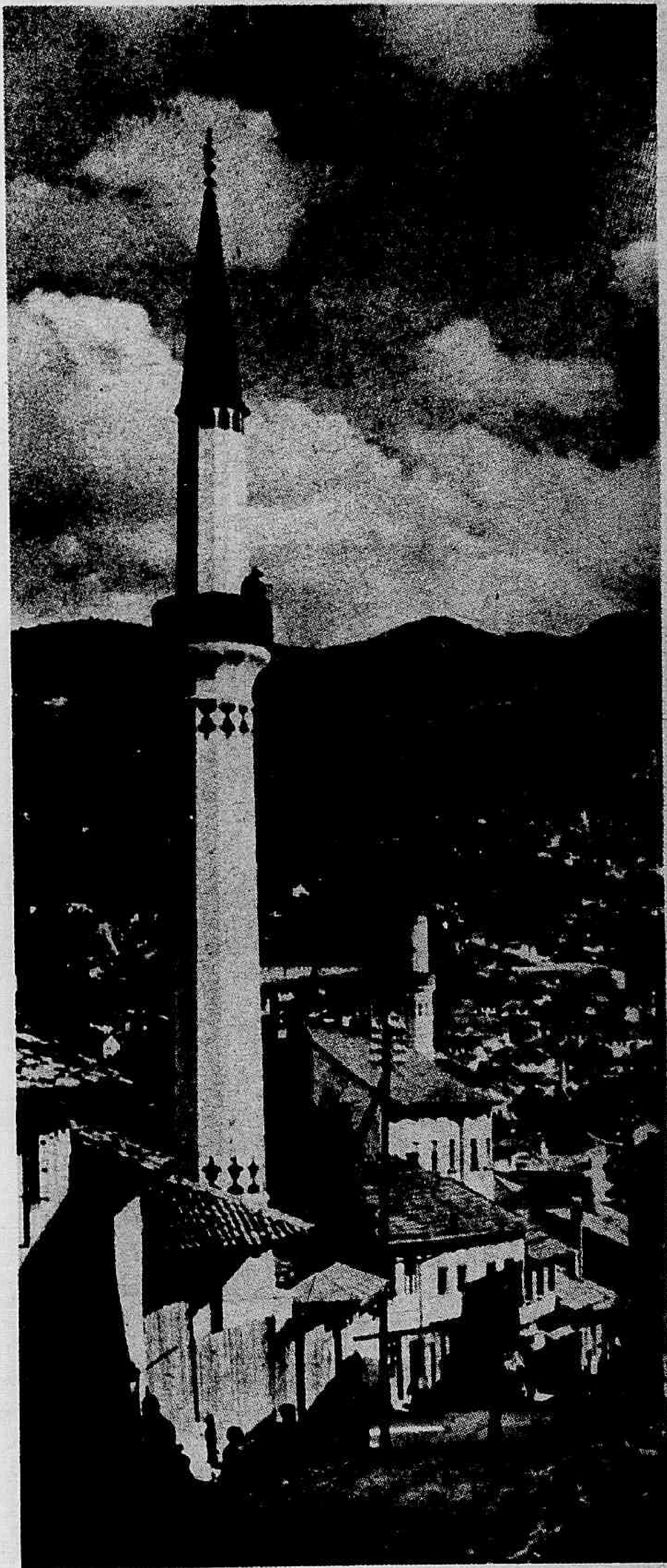
PAIXÕES TERRITORIAIS

Redigidos friamente sôbre o papel timbrado das chancelarias e isentos das rasuras, os tratados internacionais parecem simples de compreensão e fáceis de executar.

No caso da nova Tríplice Aliança greco-turca-iugoslava veremos emergir da sombra dos protocolos, tôda uma seqüência de atritos econômicos e de desajustamentos seculares. Crismados há muito tempo como barril de pólvora com estopim incendiário, os Estados Balcânicos já fragmentam dezenas de pactos.

Colocada entre a Itália e a Ásia Menor, banhada por cinco mares regionais e cuja extremidade toca no litoral do Mediterrâneo, a península balcânica compunha-se até a deflagração da Primeira Guerra Mundial, da Rumânia, Sérvia, Montenegro, Bosnia, Herzegovina, Bulgária, Turquia, Grécia, Albânia e Dalmácia.

Tanto geográfica como estratègicamente, os conquistadores qualificam-na de área de transição entre os interêsses europeus e as propinas asiáticas. Pelos Balcãs, denominação original que os otomanos deram à região pelas suas montanhas alcantiladas e chamados outrora de Turquia da Europa, circula uma população heterogênea, descendente da raça indo-européia, que se fragmentou em nacio-



Os maometanos cessam tôdas as atividades quando ouvem o grito do «muezzin» do alto do minarete. Em Saragevo existem muitos dêsses característicos edifícios, reminiscência do domínio otomano sôbre a Sérvia, que é hoje a nossa conhecida Iugoslávia



Uma noiva Mezökovesd, com o seu «Ragyogó» Êsse brilhante ornamento é só usado no dia do casamento, em determinadas regiões da Hungria.

nalidades hostis, fijadas nos numerosos vales e montanhas.

No século V da era atual, moveram-se os eslavos entre os habitantes regionais, marchando até o Peloponeso. Enquanto os italianos e os espanhóis conseguiram unificar a população sob uma língua dominante, os balcânicos partilham-se em dalmatas e albaneses, gregos e bosnianos, montenegrinos e sérvios, búlgaros e outras misturas étnicas, com a qual se fundiram italianos, turcos, alemães e austríacos. A Rumânia representa nos tempos atuais, os remanescentes das colônias do Império Romano do Oriente. A vitória de Galípoli em 1361 e a queda de Constantinopla em 1453, facilitaram a expansão otomana na península.

A invasão turca ramificou-se pelo Epiro e Bulgária, Rumélia e Bósnia, Rumânia e Sérvia, indo ameaçar as portas de Viena em 1683, quando os poloneses pegaram em armas para expulsar as tropas do Sultanato, na sua corrida militar sôbre a Europa Central.

As paixões territoriais não se pacificaram, sob o fluxo e refluxo das grandes potências olhando àvidamente os portos estratégicos do Mar Adriático, da Ásia Menor e do Mar Negro, o contrôle do Estreito dos Dardanelos e a hegemonia naval do Mediterrâneo.

Os choques políticos mutiplicaram-se intensamente no século XVIII, desde que caiu partilhada a Polônia, sob os exércitos coligados da Prússia, da Áustria e da Rússia Czarista.

A independência polonesa mantinha o equilíbrio das fôrças guerreiras na Europa Central. Com a fragmentação polonesa, implantou-se vitoriosa e despótica a monarquia dualistas dos Habsburgos, sôbre as montanhas e vales dos Balcãs, com a fome de terra de populações tributárias, que caracteriza a expansão das grandes potências conquistadoras.

Tôdas as conquistas desencadeiam obstáculos diplomáticos que precisam ser superados por novas alianças militares. À tirania austro-húngara sôbre os povos eslavos e tchecos, sobrevinham mais duas opressões, a majestade da Rússia Imperial e as cobiças do Sultão de Constantinopla, cada uma repleta de insociáveis apetites, rivalidades odiosas. Os desejos austríacos fitavam a península italiana, onde pretendiam ocupar a Lombardia, Tosca-



Dois elegantes, como são encontrados, aos domingos, nas ruas da cidade de Tnisor, na Rumânia.

na e Veneza, desde os tempos de Leopoldo, no século XVIII. Os prussianos dominavam na Renânia e os russos exerciam a vassalagem sôbre a Bulgária, subtraída do jugo da Turquia, cuja expansão oscilava entre a Europa e a Ásia. Confusos interêsses e intrigas diplomáticas da viciosa Europa, mantinham a incrível amálgama do Império austro-húngaro.

Ainda nos tempos modernos, admiram-se os estadistas como a monarquia dualista do imperador Francisco José subsistiu mais de meio século, para falar numèricamente, sessenta e oito anos, sôbre tantos povos antagônicos, diferentes uns dos outros pelas heranças de costumes e das aspirações nacionais, húngaros e croatas, eslovenos e alemães, italianos e rumenos, poloneses e tchecos, rutenos e outras minorias, viviam arquejantes e revoltados sob a dupla coroa dos Habsburgos.

Como se não bastasse a babel étnica, os arquiduques austríacos alimentavam pretenções sôbre a Itália e o Mar Adriático, de onde pretendiam se estender para o Mediterrâneo, equiparando-se às grandes potências navais.

Quando falavam na libertação dos povos balcânicos, sob o princípio das nacionalidades, alegavam os estadistas do militarismo, que não há espaço geográfico suficiente nos Balcãs, para conter tantas nações independentes e tantos povos soberanos.

A POLÍTICA INTERNACIONAL NÃO RESPEITA A HUMANIDADE

A origem dos dissídios territoriais nos Estados Balcânicos, banhados pelo Mar Adriático e Mar Jônico, pelo Mar Egeu e Mar de Marmara, pelo Mar Negro e pela torrente do Danúbio, resulta da sua topografia que isolou as raças primitivas umas das outras, favorecendo a heterogeneidade étnica e os ódios seculares, renovados em tôdas as gerações pela astúcia diplomática.

Explicaram o principal fator político como sendo a Dinastia dos Habsburgos, príncipes germânicos desprestigiados pelo Tratado de Praga, que os exclui da casa imperial da Germânia. Preteridos pelos Hohenzollerns, cuja ascendência nasceu com a hegemonia da Prússia, nos principados alemães, os Habsburgos quiseram contrapor ao Império Germânico, outra grandeza militar ainda mais considerável, o Império dos Povos Balcânicos.

Inimigos hereditários da Rússia Czarista e sequiosos de domínio, os húngaros conduziram a Áustria a aplicar sôbre as minorias eslavas, a política de ferro e fogo. Temerosos dos russos, o imperador Francisco José acabou aliando-se à Alemanha, olvidando o primitivo despeito. Os apetites europeus passaram a fluir e refluir a linha do Danúbio.

Eugênio de Savóia chegou a dizer a Carlos VI, no século XVIII: «Duzentos mil homens e



A ponte sôbre o Neretva, me Jablanca, foi, certa vez, um trampolim para as legiões romanas. Com suas mesquitas muçulmanas, velhas edificações e um fundo de impressionantes montanhas, a cidade que fica localizada entre Sarajevo e Moster, é a grande e principal atração de inúmeros viajantes.



A Iugoslávia é um amálgama de muitos Estados. Após a primeira grande guerra, a Eslovênia, a Croácia, a Eslavônia, a Bósnia, a Herzegovina, a Dalmácia, parte do Banato e do reino do Montenegro foram adicionados à Sérvia, compondo uma nova nação com 96.000 milhas quadradas e uma população de dezenove milhões.

um tesouro bem cheio valem melhor do que tôdas as negociações diplomáticas».

A política internacional não respeita os direitos da humanidade e essa diplomacia utilitária coagia os estadistas austríacos a revirarem os olhos, ora para Paris, onde os franceses protestavam coitra a partilha da Polônia, ora para Budapeste, onde os húngaros rugiam contra a Rússia, ora para Berlim, onde os alemães alarmavam-se com a ressurreição da França e ora para a própria Viena, onde os interêsses do império dualista exigiam habilidade para conservação dos povos oprimidos.

Sôbre tudo isso pesava a influência naval da Inglaterra, desejosa de obstar o avanço russo sôbre a Bulgária, o que significaria a conquista de Constantinopla, o domínio do Estreito dos Dardanelos, a posse ulterior da Ásia Menor, a ameaça sôbre o Canal de Suez e afinal o perigo russo a caminho da Índia, pelo Mar Vermelho.

Os inglêses amparavam a política austríaca para conter a expansão de Nicolau II e toleravam a Confederação Germânica, para intimidar tanto a Rússia, como para afastar a Áustria. A transformação do território babélico do império austro-húngaro em Estados Balcânicos com independência geográfica e soberania de fronteiras, alarmava os estadistas de gabinete, embora sentissem a inconsistência do mapa europeu.

O Congresso de Viena exibira ao mundo uma assembléia de reis jactaciosos, pobres de inteligência e ricos de voracidades coloniais, cuja vocação imperialista desprezava a consciência das nacionalidades e partilhava os povos como se repartem mercadorias e latifúndios. Os monarcas distribuíram as populações sem consultar o espírito da humanidade e tôdas vilezas jurídicas fizeram Alphonse de Lamartine falar no remoto ano de 1831, numa «guerra européia universal», que culminou de fato na sanha mortífera da Primeira Conflagração Mundial.

A ANTROPOFAGIA DIPLOMÁTICA NA PENÍNSULA BALCANICA

Os Balcãs, onde se elevam os alcantis dos Carpatos e onde flui a torrente do Danúbio, convergem para os seus desfiladeiros e seus vales povoados de raças heterogêneas, tudo quanto enfurece o continente europeu de ódios e represálias. Em tôrno da rivalidade franco-prussiana e do antagonismo austro-russo devoravam-se a Sérvia e a Bulgária, a Itália e a Eslovênia, a Rumânia e a Hungria, a Polônia e a Turquia, a Grécia e a Inglaterra, trazendo para o clangor das batalhas outras côleras e novas voracidades territoriais.

Verdadeira antropofagia diplomática devastava as oportunidades de pacificação nessa área apoplética da Europa. Em 1815, o mundo internacional pulsava sob a fôrça da Inglaterra e da Áustria, uma triunfante com as suas naves sôbre os mares e a outra com as suas tropas sôbre o continente. Trinta anos depois, rejuvenescida dos desastres do Congresso de Viena, onde se desprestigiara a sua

diplomacia e onde se enfraquecera o seu exército, a França retomava a sua potência moderadora e de equilíbrio na península balcânica. Na luta de 1859, contra os franceses e os italianos, o imperador Francisco José cedeu a Lombardia a Victor Manuel, começando assim o sonho da unificação dos peninsulares itálicos.

Novamente em campanha contra a Prússia e a Itália em 1866, o império vienense venceu os italianos em Custozza, mas saiu derrotado na batalha de Sadowa.

Nessa ocasião, o imperador Francisco José entregou a antiga e poderosa Veneza à França, mas Napoleão III a devolveu à Itália, sempre vítima dos conquistadores austríacos. Queria o filósofo e historiador Charles Louis de Montesquieu, que o regime monárquico mantivesse por base o princípio da honra e da lealdade, porém as monarquias tendiam sempre para o imperialismo e a colonização diplomática dos povos fracos. A península balcânica passou a ser terreno de vassalagem para os arquiduques de Viena e os sultões de Constantinopla, gananciosos de refazer seu império na Europa Central.

Quando os franceses aclamaram Napoleão III, todo o povo esperava que o soberano libertasse a nação do imbroglio diplomático dos Habsburgos, que triturava as minorias eslavas e escravizava os poloneses. Na sua campanha contra os austríacos, os franceses se enfraqueceram, favorecendo a derrocada militar de Sedan em 1870, em que o vitória prussiana deu nascimento à Confederação dos Povos Germânicos.

COLÔNIAS ESTRATÉGICAS DAS GRANDES POTÊNCIAS

A Europa avançava para a sanguinolenta epopéia da Primeira Guerra Mundial, que consistiu essencialmente numa série simultânea de guerras balcânicas. Houve, no ciclo militar de 1914-1918, várias guerras particulares na frente oriental e na frente mediterrânea, que o morticínio geral mascarou sob a estratégia do lucro comercial e em que exércitos diversos tentaram engrandecer os seus territórios, sôbre a ruína de outras nacionalidades. A entrada da Rússia Czarista na conflagração visou amparar e proteger a Sérvia, aviltada pelos arquiduques de Viena, mas sob o ideal de defender o fraco espoliado, os estrategistas russos mantinham os olhos fixos no Oriente, ambiciosos de esmagar a sua tenaz inimiga, a Turquia.

Desde o comêço das hostilidades, os diplomatas de Paris e de Londres prometeram-lhe o Bósforo e Constantinopla, como o prêmio da sua cooperação militarista. A pequena Bulgária, que os russos libertaram da opressão turca, recusara a influência do czar Nicolau II, premeditando a sua hegemonia nos Balcãs.

Os búlgaros dispunham-se a executar a guerra de conquista, sobretudo contra a Sérvia, cujo território cobiçava. A Prússia afastou a dinastia dos arquiduques vienenses da marcha sôbre os eslavos, mesmo depois da anexação da Bósnia e Herzegovina, com o intuito de jogá-la sôbre o colosso russo, debilitando assim a sua aliança contra a França. Discutiram muito o problema austríaco e a sua influência no choque das raças de 1914-1918.

Admitem os diplomatas, que os germânicos se utilizaram do imperador Francisco José para destruir a França, amputar a Rússia e reformar a geografia política da Europa, distendendo as fronteiras alemãs até a Ásia Menor, com as tropas austríacas e húngaras,

(Cont. na página 115)



Eis como o espírito satírico do caricaturista Honoré Daumier viu «A Paz», a que tanto aspiram os povos, que procuram consegui-la com tratados e alianças.

CONSEQUÊNCIAS DOS NOVOS DESCOBRIMENTOS

A VOZ



A famosa cantora peruana Ima Sumac, sacerdotisa do Sol nascente, descendente direta do último imperador Inca, Atahualpa, e cuja voz pode imitar a dos pintassilgos ou a dos leões. Um fenômeno.

voz humana sempre foi um mistério.

Foi preciso que Ulisses permanecesse insensível à das sereias para que estas encantadoras criaturas sumissem no mar, para sempre. Os mistérios mitológicos que se referem à voz foram interpretados em um sem número de obras, que não vamos citar. Há muito tempo pensavam os homens de ciência haver penetrado o mecanismo fisiológico da voz humana.

Era, porém, um grande êrro.

A TEORIA — ERRADA — DA FONAÇÃO — Acreditava-se, realmente, que as cordas vocais vibravam sob a ação do ar que passava pelo laringe: o ar expelido, que vem da traquéia, abria passagem entre as cordas vocais, as quais, por uma extraordinária elasticidade, vibravam, emitindo sons. Êste conceito clássico é muito conhecido. É a teoria mioelástica da fonação. Hoje, porém, já é considerada falsa.

Há muito tempo tinha sido observado que não enquadravam com teoria puramente física da criação dos sons. Assim ocorre que, em alguns enfermos, as cordas vocais se destemperam. E porque se supunha que o conjunto traquéia, laringe, glote e cordas vocais eram em todo comparáveis a um instrumento de vento, como o clarinete, a produção de sons de alturas diferentes se explicava pela maior ou menor tensão das cordas vocais. Quanto mais tensas eram estas mais agudo era o som.

Por conseguinte, nos enfermos antes aludidos, teria sido lógico que a voz se fizesse mais grave, dado que as cordas vocais nêles estavam distendidas. Entretanto, assim não ocorre; a voz dêsses enfermos é, simplesmente, *apagada*, mas conserva o mesmo tom que antes da enfermidade.

Outro fato. Como se sabe, o *estroboscópio* é um instrumento que permite ver ao "ralenti", as vibrações rapidíssimas das cordas vocais. Pois bem: se observarmos com um *estroboscópio* às cordas vocais de um cantor que usa o falsete para atingir as notas mais agudas, veremos contrair-se o laringe... o que, lògicamente deveria produzir sons *mais graves* e não *mais agudos*.

HUMANA JÁ NÃO TEM SEGREDOS!

Mais ainda: a teoria mioelásitca da fonação não explica de modo algum o fenômeno da mudança, que se adverte fàcilmente em todos os rapazolas em certa idade; da mesma forma, não explica a influência da castração na voz, influência bem conhecida, pôsto que até o século XVIII, certos papéis de mulheres nas óperas e operetas italianas eram interpretados por homens castrados. Era, pois, difícil negar que alguns fenômenos fisiológicos tivessem uma influência notável na voz; influência incompreensível, se a laringe humana fôsse inteiramente comparável a um instrumento de vento.

A clássica teoria talvez tivesse podido ser derrubada em 1930, se os cientistas tivessem conseguido extrair tôdas as consequências de uma experiência realizada naquele ano por um fisiólogo norte-americano, que, depois de fazer dormir um cão por meio de anestesia, colocou um eléctrodo no nervo correspondente que comanda a glote. O animal, ao despertar, começou a gemer e o influxo que então foi descoberto no nervo tinha a mesma frequência que a voz. Porém, naquela época, ignorava-se que o cérebro fôsse capaz de emitir influxos e ritmos tão rápidos e não souberam os cientistas apreciar devidamente o descobrimento.

O mérito de haver estabelecido que as cordas vocais vibram não à passagem do ar, mas sob uma excitação nervosa rítmica, que provém dos centros cerebrais, cabe, portanto, ao francês Raoul Husson.

TEORIA NEUROFISIOLÓGICA DA FONAÇÃO — Mr. Raoul Husson começou por apresentar, em 1951, uma tese que agrupava um conjunto de argumentos dedutivos e experimentais em favor de sua teoria. A seguir, propôs-se a demonstrar a referida teoria com uma experiência decisiva.

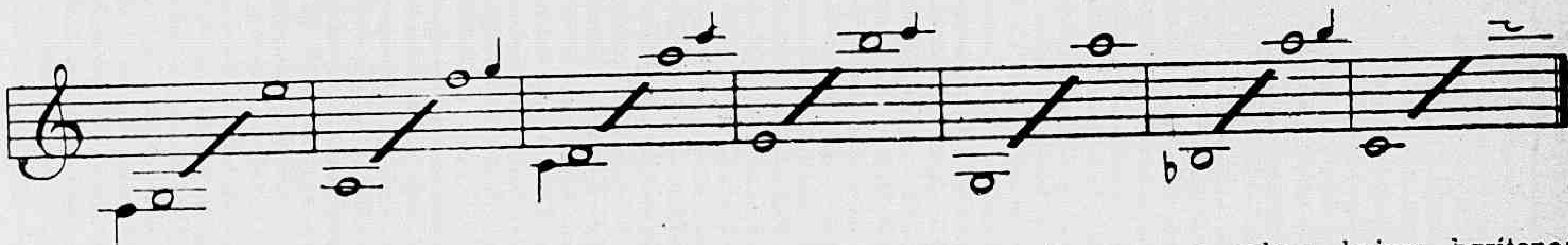
Pretendendo que as vibrações das cordas vocais eram devidas à excitação transmitida dos centros nervosos pelo nervo recorrente, tôda excitação artificial dêsse nervo devia fazer vibrar as cordas e a frequência de vibração destas devia, além disso, ser a mesma que a da excitação artificial.

Em 28 de maio de 1952, num laboratório da Sorbone, foi tentada a experiência com um cão, dado que êsse animal possui um laringe idêntico ao nosso e uma voz nos mesmos limites de frequência.

Não insistiremos nas dificuldades da operação, que consiste em pôr a descoberto o nervo recorrente que fica por trás da glândula tireóide. Êste nervo, uma vez pôsto a descoberto (com o cão anestesiado), foi excitado por um estimulador numa cadência de golpes de trinta "stimuli" de um milésimo de segundo, ou seja cem golpes por segundo, e que devia dar uma frequência um pouco inferior à primeira dos baixos e barítonos.

Durante a excitação do nervo, os experimentadores observaram o laringe através do *estroboscópio*, regulado a cem vibrações por segundo. A experiência foi concludente: viram a corda vibrar a cem, isto é: com a mesma frequência que a da excitação artificial.

Dessa forma, a frequência de um som não está regida pelas pressões de ar e a tensão das cordas vocais. O fenômeno é de fisiologia neuromuscular: as cordas



Temos, no clichê acima, um gráfico da extensão normal da voz humana, a saber: baixo; barítono; tenor; tenor ligeiro; contralto; meio soprano e soprano; os artistas líricos são indivíduos de exceção e, entre êles, Erna Sachs e Ima Sumac, esta última principalmente, verdadeiros prodígios na arte.

vocais se contraem, como todos os demais músculos, sob o influxo nervoso; mas o ritmo dos influxos que excitam os músculos atinge altas frequências.

Imediatamente surgiu um novo problema: Qual a origem dêsse ritmo? Sôbre isso, infelizmente, ainda não foi possível estabelecer nada de certo. Supõem os cientistas que o núcleo vago-espinhal do bulbo desempenha certo papel, talvez o de relevador; isto porque a altura da voz depende da vontade, a qual vem do cérebro. Talvez consigam esclarecer o problema das experiências, nas quais tentarão produzir uma vibração das cordas por excitação artificial de determinadas zonas corticais.

CONSEQUÊNCIA DOS NOVOS DESCOBRIMENTOS — Seja como fôr, o descobrimento do sábio francês está destinado a revolucionar a fonatria clássica. O tenor já não é um homem cujas cordas podem vibrar rapidìssimamente à passagem do ar, mas sim um homem cujo influxo nervoso pode alcançar altas frequências; por isso, as fricções, unguentos, pulverizações e tantos remédios clássicos contra a voz cansada serão substituídos por tratamento derivado da neurologia.

Já o dr. J. H. Amado, ajudante de endocrinologia, no Hospital de Paris, descobriu em algumas perturbações da voz cantada um mau funcionamento endócrino.

Outro médico está, agora, classificando as perturbações da voz segundo os diferentes níveis cerebrais afetados. Propõe terapêuticas baseadas em substâncias que excitem o pára-simpático ou o córtex cerebral.

Êste descobrimento vai permitir, finalmente, estabelecer uma escala fisiológica das vozes. Quanto mais os nervos possam conduzir altas frequências, mais alto poderá ser situado o indivíduo na escala das vozes.

Sendo difícil medir a cronaxia (isto é: o coeficiente de excitabilidade de um nervo) do nervo correspondente, o sr. Raoul Hussen e o dr. Creney pensaram que um nervo esternocleidomastóideo (o nervo do torcicolo), que depende do mesmo núcleo bulbar que o nervo correspondente, poderia ter a mesma cronaxia que aquêle, o que simplificaria, em muito, as experiências, pôsto que a cronaxia do nervo esternocleidomastóideo pode ser medido com facilidade através da pele.

Alguns cantores se prestaram, em janeiro último, a uma série de experiências que tinham por objetivo medir a cronaxia dêsse nervo. Os resultados foram, mais uma vez, concludentes: sua classificação, segundo a cronaxia do seu nervo esternocleidomastóideo corresponde exatamente a sua classificação, segundo a altura de sua voz. Do tenor ao baixo, do soprano ao contralto, as cronaxias medidas vão de 0,08 a 0,17.

Pois bem: segundo alguns trabalhos recentes, a cronaxia parece estar sob a influência das glândulas endócrinas. E com isso, a um só tempo, tornam-se explicáveis os fenômenos da mudança e da troca de voz por meio da castração.

Para o futuro, no mundo do canto, a altura das vozes será medida pela cronaxia do nervo esternocleidomastóideo. E suas falhas serão tratadas com produtos farmacêuticos.

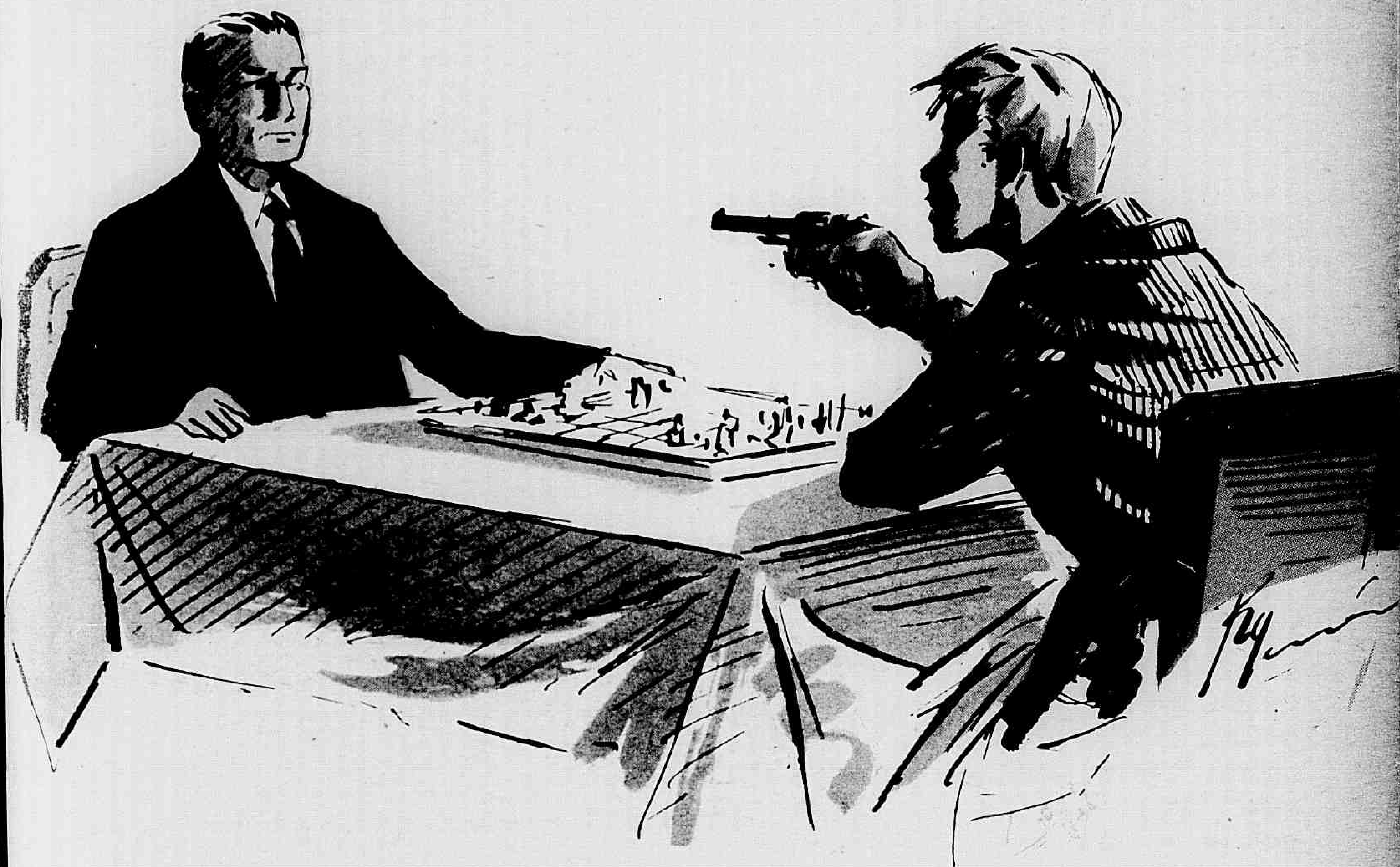
* * * * * * * * * * * *

CURIOSIDADES . . .

Ladrões humoristas, num subúrbio de Paris, visitaram uma propriedade avícola e, como «explicação», deixaram o seguinte bilhete: «Roubamos ao rico para ajudar ao pobre. Mas deixamos, aqui, um galo e uma galinha, para que o galinheiro volte a se encher de aves. Voltaremos mais tarde».

Uma senhora, que acaba de falecer na Irlanda, deixou sua fortuna para que com ela se construa uma igreja, com a condição de que seu corpo seja cremado e suas cinzas revolvidas com a massa que se venha a empregar para a construção do templo.

Entre os magros ilustres tem havido indivíduos de grande destaque, tanto na lenda quanto na realidade e entre êles podemos citar: Rui Barbosa, Don Quixote, El Greco, Miguel Angelo, Milton, Esponceda, Paganini, Listz, von Moltke, Lincoln e outros mais.



"MATE" EM SEIS LANCES

UMA HISTÓRIA DO JÔGO DE XADREZ

Por *ALFREDO DE MACEDO*

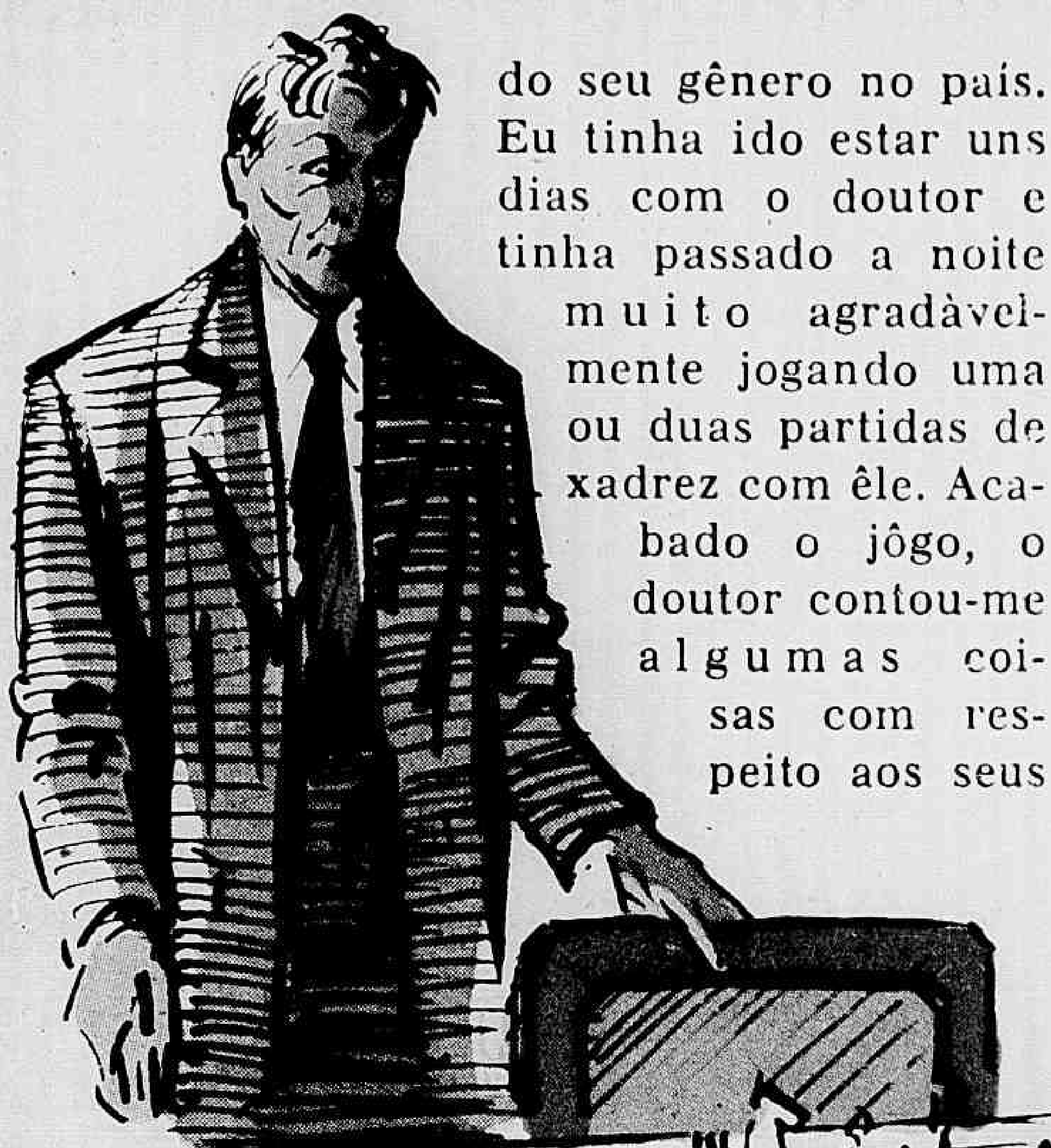
COM que então, o doutor conseguiu incutir nos seus doentes o gôsto pelo jôgo do xadrez?

— Consegui, sim. Por que não? Algumas destas pobres criaturas, não obstante sofrerem diversas espécies de loucura, podem, de vez em quando, exercer certas faculdades de espírito com um brilhantismo que é realmente notável.

— Mas, com certeza, não podem sustentar uma partida racional até ao fim.

— Está completamente enganado; eu mesmo já tenho apanhado, no jôgo, de mais de um louco. Claro está que, às vêzes, o jôgo dêles é irregular e extravagante; mas, mesmo assim, noto haver muito método na sua loucura. É bastante curioso que, justamente nesta ocasião, tenha aqui um pobre louco cujo desarranjo mental foi devido ao excesso do jôgo do xadrez. Entregava-se à sua diversão favorita a tal ponto, que por fim se lhe perturbaram as faculdades mentais. Agora não lhe permito nem sequer pôr os olhos num tabuleiro de xadrez; porque qualquer coisa que se relacione com êsse jôgo parece despertar-lhe a pior forma da sua loucura. Às vêzes, senta-se, jogando durante horas com um parceiro imaginário; e quando tem êstes acessos acaba sempre por exclamar: — *"Mate em seis lances!"*. Depois, circunspectamente, conta, em voz alta, os seis lances, e quando na sua desordenada imaginação tem jogado o último excita-se de maneira tal, e é tão violento, que se torna muito perigoso para êle ou para qualquer outra pessoa. Antes de endoidecer, jogava de cor com tão extraordinária facilidade que causava admiração; mas não sei se ainda conserva o poder de jogar mentalmente.

Esta conversa teve lugar entre mim e o dr. Chorley, o famoso médico alienista, cuja casa de saúde é geralmente reconhecida como uma das melhores instituições



do seu gênero no país. Eu tinha ido estar uns dias com o doutor e tinha passado a noite muito agradàvelmente jogando uma ou duas partidas de xadrez com êle. Acabado o jôgo, o doutor contou-me algumas coisas com respeito aos seus doentes, e, no decurso da conversação, narrou-me uma anedota acêrca duma partida de xadrez jogada por dois dêles, que nos levou à conversa acima referida.

Pouco depois, o doutor retirou-se para se ir deitar, deixando-me só no seu gabinete para eu escrever algumas cartas que desejava mandar para o correio na manhã seguinte.

Durante alguns minutos continuei fumando o meu cigarro, não deixando com tudo de me preocupar com a idéia dos doidos jogarem o xadrez e, depois, dispus-me a fazer a minha correspondência. Não havia muito tempo que eu estava escrevendo quando senti mexerem no fecho da porta e alguém entrar. Olhei, esperando ver o dr. Chorley, mas, com grande espanto meu, um indivíduo completamente estranho estava de pé diante de mim.

— "Oh! — pensei eu. — É algum dos auxiliares do doutor e que ainda não conheço; mas estranhei, ainda assim, que êle entrasse no gabinete particular do doutor numa ocasião em que todos no estabelecimento já estavam deitados, por-



Olhei, esperando ver o dr. Chorley, mas, com espanto meu, um indivíduo completamente estranho estava em pé diante de mim

que o médico, ao dar-me as boas-noites, tinha-me dito que eu era a única pessoa que ficava levantada.

Naturalmente esperei um momento para o meu visitante falar, com a esperança de que se desculpasse da sua entrada ou, por alguma forma, explicasse a sua presença; mas a minha surprêsa aumentou vendo que êle se conservava perfeitamente imóvel, com os olhos fixos em mim e silencioso.

"Quem quer que sejas — pensei — és bem pouco delicado".

E sentindo-me incomodado pelo que me parecia a sua insolência, disse-lhe com certa dignidade:

— Não compreendo...

— Joga o xadrez? — interrompeu êle, conservando os olhos cravados em mim, sem aparentemente notar que eu tinha tentado falar. Isto era, realmente, extraordinário, e, quando olhei para o meu estranho visitante, a verdade, de súbito, iluminou-me o espírito: o homem era um doido!

Não sou naturalmente nervoso, mas devo confessar que senti uma impressão que muito se parecia com o mêdo, quando

tive a certeza de que estava na presença de um homem, que, por tudo quanto dêle conhecia, podia ser um doido perigoso. As minhas piores previsões depressa foram realizadas. Sem tirar os olhos de mim, dirigiu-se para o fogão e, circunspectamente, pegou no grande revólver que o doutor Chorley conservava sempre à mão, para o caso de uma surprêsa, e que eu sabia estar carregado. Sem dúvida, o meu importuno visitante estava então em melhor posição do que eu.

Que devia eu fazer? Atirar-me a êle? Seria oferecer-me como alvo a êste louco homicida. Gritar por socorro? Podia, igualmente, ser o sinal para me mandar para a Eternidade, e, contudo, eu não queria permanecer imóvel e ser caçado como uma ratazana na toca.

— Precios lisonjeá-lo — pensei eu, e, assim, ganhar tempo, visto que a sua ausência muito em breve será descoberta.

Aliviou-se-me contudo o espírito, quando êle, no mesmo tom de voz, tranqüilo, repetiu: — Joga o xadrez? Já era alguma coisa, até certo ponto, saber que não ia ser morto imediatamente: — Sim — repliquei do modo mais encantador. — Quer jogar uma partida?

Sem me responder, sentou-se em frente de mim, colocando cuidadosamente o revólver sôbre a mesa, próximo da mão direita.

Dispostas as peças no tabuleiro, olhou para mim com uma infernal expressão no rosto, e disse:

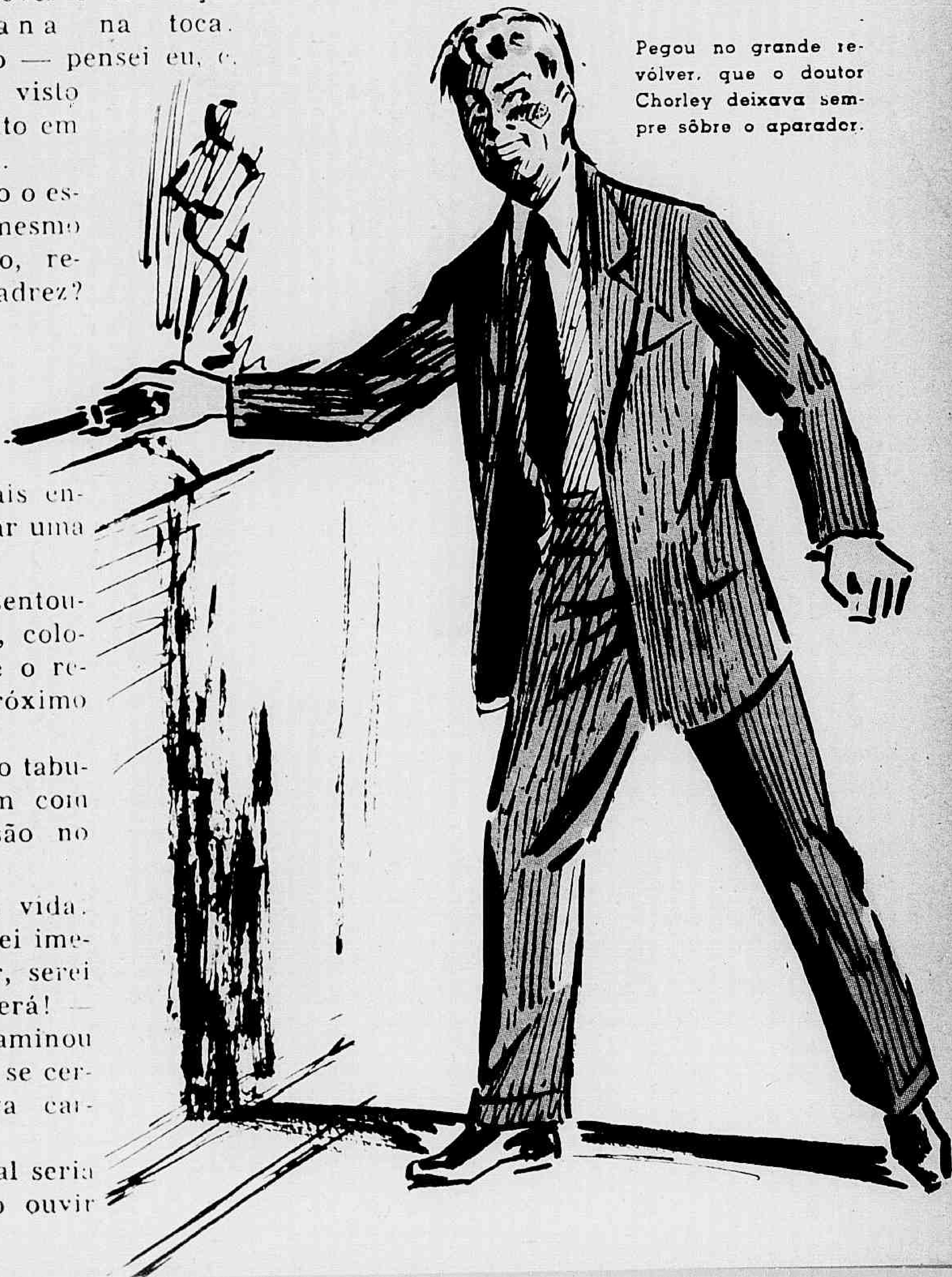
— Vai jogar a sua vida. Se eu ganhar, matá-lo-ei imediatamente; se perder, serei eu mesmo quem morrerá! — e, cuidadosamente, examinou o revólver, como para se certificar de que estava carregado.

Pode-se calcular qual seria a minha comoção ao ouvir êste *ultimatum*? Imagine-se o leitor sentado a uma mesa de xadrez, à meia-noite, em frente de um louco armado, que lhe diz, com terrível serenidade, que o matará se ganhar a partida.

Que diabólica mania!

Em circunstâncias normais eu sabia que estava sujeito a cometer erros e a perder uma partida com um jogador inferior, mas é difícil descrever o que eu senti ao ser obrigado a jogar, quando um lance errado podia custar-me a vida!

Um turbilhão de idéias me invadira a mente. Seria o meu feroz e temível adversário capaz de jogar uma partida com esmêro? Se o fôsse, poderia eu oferecer-lhe resistência até que alguém aparecesse e me salvasse? Mesmo que eu ganhasse a



Pegou no grande revólver, que o doutor Chorley deixava sempre sôbre o aparador.

partida, que garantia tinha de que a minha vida não estivesse ainda em perigo? E, além disso, eu era moralmente obrigado a evitar quanto possível que o homem me matasse! Olhei para êle. Os seus olhos se fixavam diabòlicamente no tabuleiro e parecia não haver meio algum de poder escapar à horrível prova de ser forçado a jogar a minha vida numa partida de xadrez.



...repente, fui sobressaltado ...lo adversário que, com voz cava e entre os dentes cerrados dizia: Mate em seis lances!

Sem me consultar, escolheu as peças brancas e jogou primeiro.

Fêz o que os xadrezistas chamam uma abertura irregular, mas nada havia de notável ou fantástico nessa abertura.

Tentei conservar o maior sangue frio, mas, quando levantava as peças, a mão tremia e sentia a cabeça em fogo.

Depressa reconheci que o meu adversário sabia perfeitamente o que fazia e que qualquer que fôsse a forma especial da sua loucura não o impedia de dirigir a partida com todo o cuidado e acêrto.

Ràpidamente, forçou uma troca de peças, com manifesta vantagem para êle e assegurou um violento ataque sôbre o meu rei. A posição era, sem dúvida, fácil de defender, mas a excitação de que me achava possuído aumentara a um tal grau, que me desorientava, tornando-me incapaz de analisar as mais vulgares combinações.

De repente, fui sobressaltado pelo meu adversário que, com voz cava e por entre os dentes cerrados, dizia:

— *"Mate em seis lances!"*

Meu Deus! Era então êste o homem de quem o dr. Chorley me tinha falado!

Um arrepio de frio me percorreu o corpo. Estas terminantes palavras, *"Mate em seis lances"*, ecoaram nos meus ouvidos como um dobre de sinos.

— Que significavam elas? — perguntava a mim mesmo. — Veria o desgraçado louco o jôgo tão claramente que pudesse forçar um mate em seis lances, a despeito de qualquer jogada que eu fizesse? Ou proferia êle apenas uma expressão que estava habituado a empregar, mas que não tinha significação alguma para a partida que estávamos jogando?

Tentei acalmar-me, a fim de poder examinar a posição no tabuleiro; mas, tanto quanto eu podia ver o jôgo, pareceu-me ser impossível forçar um mate em seis lances, e, mais: que, apesar da vantagem do meu adversário, no ataque, as nossas posições eram aproximadamente iguais.

Depois de proferir as ominosas palavras *"Mate em seis lances"*, recostou-se na cadeira, soltou uma série de pequenas e sardônicas risadas que faziam gelar-me o sangue nas veias. Em seguida, reassumindo a sua primeira atitude, levantou vagarosamente a rainha e colocou-a com uma pancada tão forte no tabuleiro que fêz abalar a mesa e exclamou:

— *Um!*

Fazendo êste movimento oferecia-me uma peça, que eu prontamente tomei,

pensando que êle tinha cometido um êrro que me entregaria a partida.

— *Dois* — disse o doido, sem hesitação de um momento.

E substituía um dos meus cavalos por outro dêle, ao passo que eu, julgando a troca vantajosa a aceitava, pondo o cavalo branco fora do tabuleiro; mas apenas joguei êste lance vi logo que tinha caído numa cilada fatal.

Era claro que tinha mate em quatro movimentos; sem dúvida, o astucioso louco previra o mate seis lances antes!

— *Três* — gritou, dando cheque com a rainha ao meu rei. Grossas gôtas de suor me inundava a fronte. A partida estava perdida, e a não ser que alguém viesse em meu socorro estaria com certeza morto dentro de alguns momentos.

Pretendia estar estudando a posição, mas o meu cérebro se ocupava em procurar qualquer plano pelo qual pudesse escapar ao terrível fim que me esperava. Vendo, contudo, que o meu adversário se excitava cada vez mais, movi o rei para a única casa proveitosa.

— *Quatro e xeque!* — exclamou, recuando a rainha uma casa.

A minha posição se tornou, então, desesperada! Apenas podia prolongar o jôgo interpondo uma tôrre, e quando eu, com relutância a movia para diante, vi, com horror, o meu adversário pegar no revólver.

— *Cinco e xeque!* — e a minha tôrre desaparecia!

O rei tinha agora apenas um movimento, seguido de mate. Nunca esquecerei a sensação que experimentei naquele horrível momento; senti-me sem fôrças para mexer as mãos ou os pés. Parecia que a cabeça me andava à roda, e foi quase mecânicamente que fiz o último movimento.

— *Seis e mate!* — gritou, e vi-o apontar-me o revólver à cabeça. Instintivamente, fechei os olhos e, logo em seguida a uma estrondosa detonação, caí sem sentidos no chão.

. . . .

— Como se sente agora? Vá lá que escapou por um triz!

Abri os olhos e vi o dr Chorley inclinado sôbre mim.



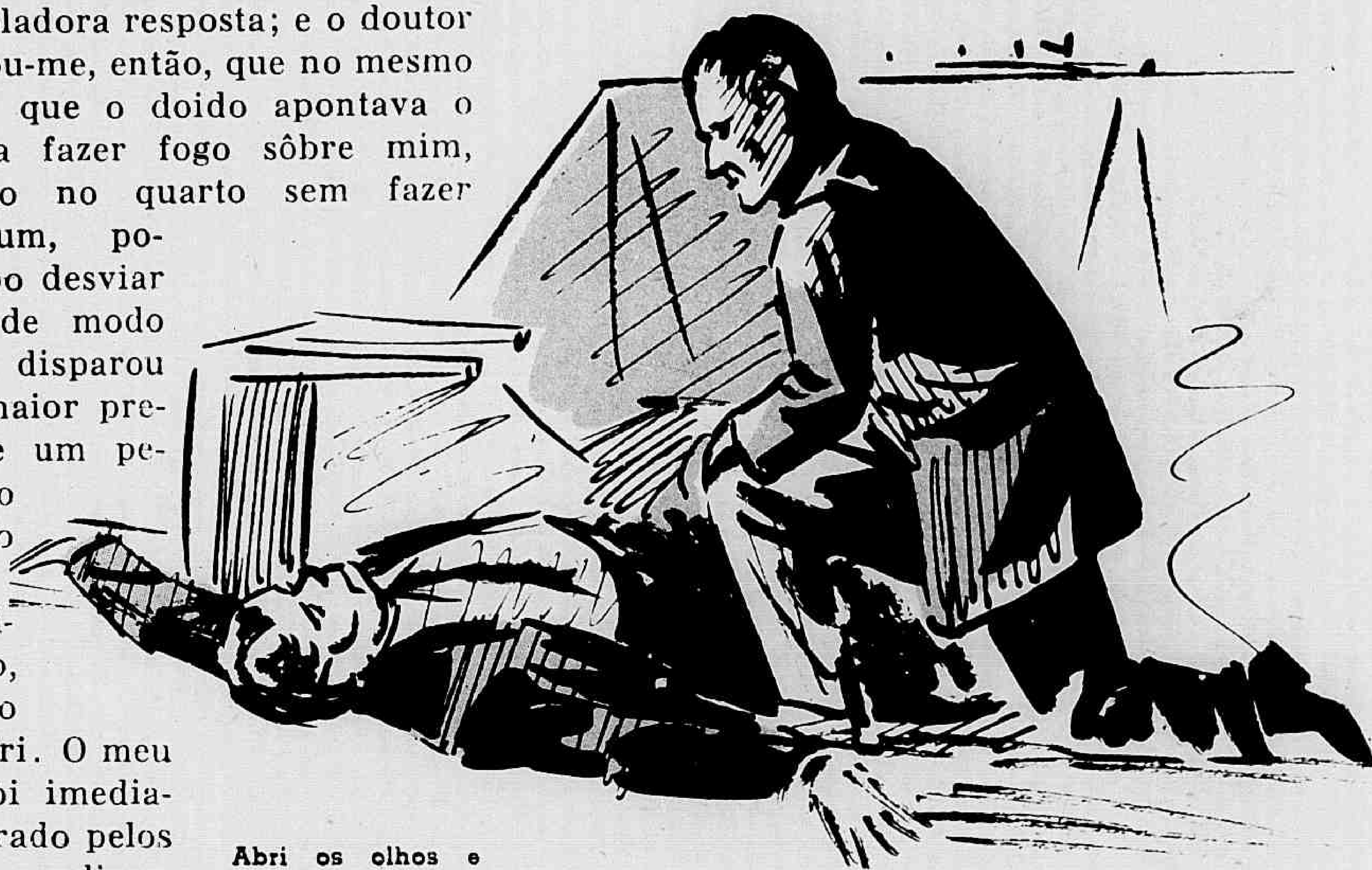
«— Vai jogar a sua própria vida! Se eu ganhar, matá-lo-ei imediatamente. Se, ao contrário, perder, serei eu mesmo quem morrerá!»

— É o doutor? — murmurei. — Estou realmente vivo? Pensei que estava morto.

— Não está sòmente vivo, mas ileso — foi a consoladora resposta; e o doutor Chorley contou-me, então, que no mesmo momento em que o doido apontava o revólver para fazer fogo sôbre mim, tinha entrado no quarto sem fazer barulho algum, podendo a tempo desviar a pontaria, de modo que a arma disparou sem causar maior prejuízo do que um pequeno buraco na parede do aposento.

Eu tinha caído desmaiado, devido ao abalo que sofri. O meu adversário foi imediatamente agarrado pelos guardas, que acudiram prontamente. Parece que o dr. Chorley, depois de me ter dado as boas-noites, precisou abrir uma porta que, quando fechada, interceptava a comunicação dos seus aposentos com o hospício, a qual o meu louco adversário de qualquer maneira conseguiu transpor, sem ser visto, dirigindo-se para o gabinete aonde eu me achava.

A sua ausência foi descoberta e o doutor e os seus auxiliares procederam logo a uma busca cuidadosa até que, por fim, ouvindo falar no gabinete, correram



Abri os olhos e vi o dr. Chorley...

para lá, chegando, precisamente, na ocasião de me salvar a vida.

Quando, no dia seguinte, me despedi do doutor, disse com os meus botões que não lhe faria outra visita enquanto me lembrasse dêsse incidente.

E desde então nunca me sentei para jogar xadrez sem que a horrível cena não voltasse vividamente ao meu espírito.

★ ★

O SONHO DE SCHWEITZER

O dr. Albert Schweitzer, filósofo, missionário, cientista e musicista e um dos personagens mais interessantes de nossa época, retornou recentemente a sua pátria, a França, depois de dedicar tôda a sua atividade em favor da gente de côr, na Africa Equatorial francesa.

Apenas desembarcado em Bordeaux declarou sentir-se tremendamente fatigado, mas bastante feliz por haver realizado o sonho da sua vida. Com os vinte milhões de francos, que conquistara com o Prêmio Nobel, que lhe coube em 1953, o doutor Schweitzer pôde construir uma aldeia de pedra para os 250 leprosos que mantinha em tratamento em Lambarene, naquela região africana.

— Eu próprio trabalhei como pedreiro — declarou — auxiliado por uns sessenta leprosos menos graves. Com o dinheiro daquele prêmio comprei ainda um aparelho para raio X, doando-o ao hospital de Lambarene. Gastei tudo, mas sou feliz.

O santo homem revelou sua intenção de repousar alguns meses em Gunsbach, que é a sua aldeia nativa, na Alsácia e, a seguir, realizar uma série de concertos de órgão, na Inglaterra, a fim de colhêr mais fundos para completar sua obra na Africa.

★

TINHA TODA RAZÃO

Em Paris, uma senhora solicitou divórcio (e obteve), alegando que seu marido era de uma crueldade insuportável, pois que quando ela espirrava, em vez de dizer o clássico «Deus te abençoe», exclama «Diabos te levem!»

ELEGANTÍSSIMO DESFILE DO "MAGAZIN FILIPI"



Senhorita Bráulia Sarmento, da sociedade carioca, quando desfilava com uma especial criação para o verão, de sapato e bôlsa em Jutlia Azul, com guarnições em pelica branca.



Senhorita Nancy Branco, figura de grande destaque em nossos meios elegantes, quando desfilava com uma grande novidade: sapato e bôlsa em Jutlia Beje, com enfeites de botões.

REVESTIU-SE de grande júbilo o desfile de "magazin Filipi" à sociedade carioca, com o seu afamado lançamento de calçados e bôlsas. Foi oferecido um coquetel às distintas Senhoras e à Imprensa, que compareceram à rua Uruguaiana, 7, 1º andar.

"MAGAZIN FILIPI" ATENDE AO INTERIOR

ESTAMPAS NORTE-AMERICANAS

"BOY-FRIENDS"



— Não passa de um rapaz do campo, natural e sincero. Ah! Agora recordo. O que se vê no meio do pasto é um poço de petróleo.

HÁ um tipo de leitura que recomendaríamos aos que desejam entender a vida norte-americana. Não se trata de ensaios e estatísticas, mas de algo menos científico, porém muito mais unido com a realidade do país, porque foi escrito para a juventude norte-americana, e por isso é o eco dos seus problemas.

Trata-se dos "comic books", que, apesar de seu título genérico, nem sempre são



— Oh! Fiquei tão emocionada com o seu convite para jantar que passei êstes dois dias sem comer!

humorísticos. Um "comic book" é simplesmente uma historieta ilustrada profusamente e uma delas, justamente uma das mais lidas, tratava especialmente do problema dos "dates" ou encontros e datas marcadas com os namorados ou para festas em que êles se encontram. Uma das aventuras, relatadas no livro, ocorria numa cidade provinciana — onde de fato existe a *vida norte-americana* — e a protagonista era uma pequena com muito êxito. Tôdas as noites saía com um rapaz diferente e a mãe a censurava brandamente por sau volubilidade.

— Não me importa que você saia tôdas as vêzes que desejar, mas procure, ao menos, que seja com o mesmo rapaz.

— Mamãe — respondia ela, vaidosamente — isso demonstra que tenho mais êxito que ninguém. Queria, talvez, que eu fôsse como essa infeliz bibliotecária, que ninguém convida para passear?

Eis, porém, que, quando menos se esperava, chega à cidade um jovem engenheiro, alto, forte, sério. Ela tudo faz para encontrar-se com êle em alguma festa, esperando que a convidasse para dançar e também para sair a passeio. Êle, digno, amável, inteligente, faz isso apenas uma vez. Ela sofre, pegada ao telefone, esperando o homem da sua vida, que, finalmente, tinha surgido. Porém, uma noite, num baile (Oh, desilusão!), êle a apresenta à *sua noiva*! É a bibliotecária morna e sem pretensões. Como é possível? E então o engenheiro lhe explica que ela, de fato, é muito bonita, muito brilhante, que tem muitos pretendentes, mas que, ao contrário, a bibliotecária não quis sair de casa até encontrar o homem que desejava. Por isso é a mais digna de ser sua espôsa.

Nos últimos desenhos via-se a pequena, em casa, lendo. A mãe indagava, estranhando, por que havia várias noites que não saía.

— Mudei, mamãe — dizia a protagonista. — Chega de vida frívola. De agora em diante, esperarei, em casa, que apareça o homem dos meus sonhos.

Essa historieta de fundo moral é muito repetida, nos Estados Unidos. A moça norte-americana tem que conhecer rapazes, sair com êles, ir ao cinema ou a bailes. Mas, a partir de certa idade é

NOIVOS E NAMORADOS

melhor que concentre o círculo de suas atividades sociais e principalmente de suas amizades, até reduzi-lo a uma só pessoa.

"BOY-FRIEND" E NOIVA "PARA CASAR"... — Quando um dos rapazes chega a interessá-la mais que os outros, a pequena o considera seu "boy-friend". A demonstração plástica dessa identidade de sentimentos, que corresponde mais ou menos ao que, no Brasil, chamamos noivos, consiste na entrega do alfinête de gravata, que é a insígnia da fraternidade a que êle pertence. Usá-lo, significa pertencer já a um mundo menos livre.

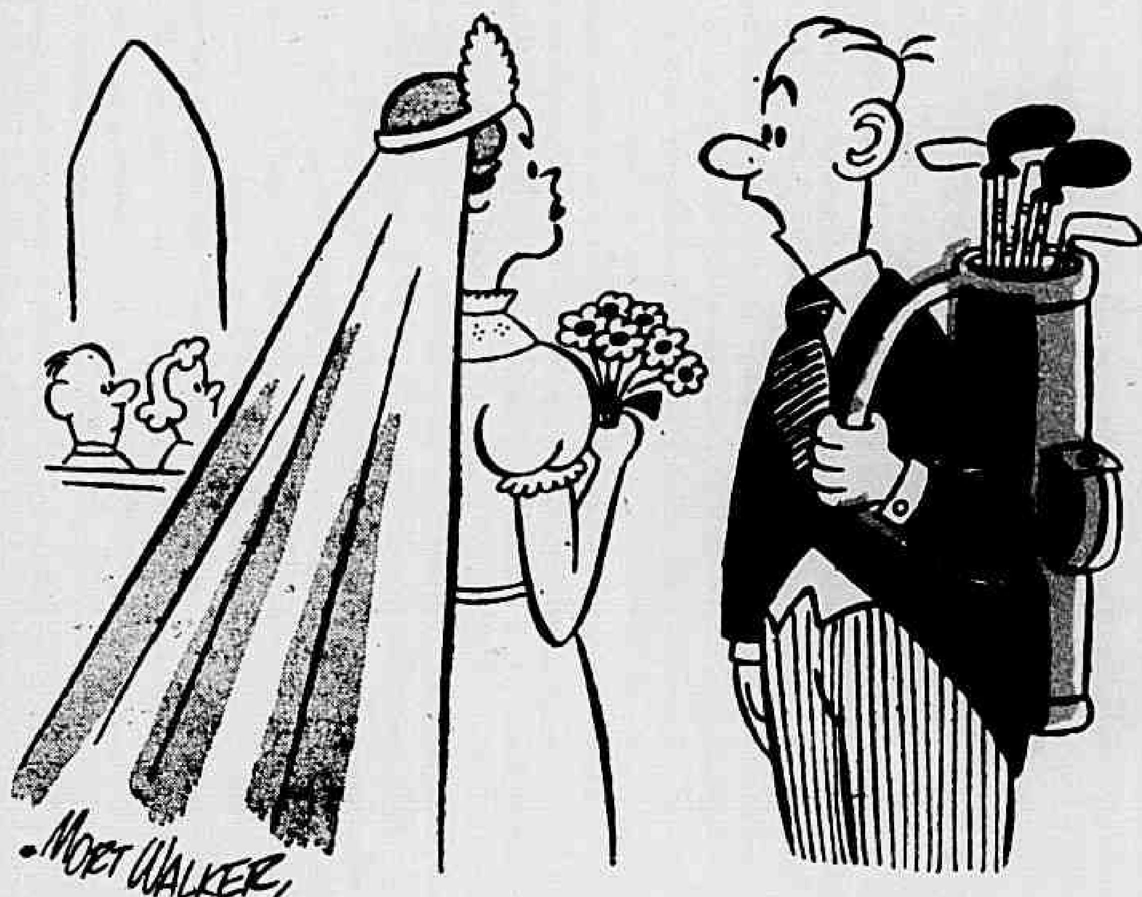
Uma pequena que tem um "boy-friend" não significa exatamente estar comprometida para casar. Isto tem outro nome como "engagement" e a "noiva" já tem quase todos os direitos da espôsa. A liberdade de que gozarão os noivos, quando estejam considerados comprometidos para o casamento, é bem grande. Podem, inclusive, fazer viagens juntos para onde queiram, sem que alguém se preocupe com isso. Porém, como a sociedade norte-americana cada vez que dá uma liberdade, procura proteger-se contra ela, essa facilidade dada a dois sêres para viver como muito bem entendem está baseada na palavra de ambos, especialmente na dêle. Daí que uma mocinha pode levar aos tribunais o seu ex-noivo, se êste a abandona antes de levá-la ao altar. A causa é a chamada "breach of promise", rutura de compromisso, e se há cartas amorosas, falando de casamento ou testemunhas que afirmem saber que estavam dispostos a casar, o homem tem que responder por seus atos perante o juiz e daí, segundo êste julgue conveniente, ir para o cárcere ou pagar uma forte indenização em dinheiro à abandonada. E êste adjetivo, deliqüescente e romântico, se harmoniza tão pouco com a figura sadia e poderosa da mulher norte-



— Tive que lhe dar uns tapas, sim, mas para acordá-la, pois estava sempre cochilando!

americana de hoje, que não podemos evitar certas reflexões.

Tôdas ou a imensa maioria das leis dos Estados Federados consideram a mulher fraca e inerme ante as artimanhas do verão? Por quê? Compreenderia essa



— Bem, mas a cerimônia não vai durar a tarde tôda, acho eu...

defesa da mulher em países onde seja inferior, social e intelectualmente, ao homem; em lugares onde êste, mais hábil e astuto, possa fàcilmente embriagá-la, física ou moralmente; tirá-la de sua casa, revelando-lhe mundos ignorados; manifestar, enfim, de alguma forma, sua vantagem. Mas, que superioridade tem o homem norte-americano sôbre a mulher? Esta sabe, desde menina, tudo o que deve saber; tem, ali, tôdas as oportunidades para a vida e se não pode atingir a presidência da República, pode chegar a Secretária da Defesa, como ocorreu recentemente.

Por que essa proteção, então? Não é possível que, favorecida por essa lei, seja ela a que venha a agir com má-fé e atraia para alguma armadilha o homem eleito, para forçá-lo a uma indenização?

Naturalmente, isso pode ocorrer. Especialmente acontece com moças de teatros, modelos, etc., que conseguem sair uma ou duas vêzes com algum rapaz rico. Mas, que querem os leitores? As leis norte-americanas foram feitas para elas.

E convém notar que se trata de um país de imigração... Quando não há má-fé por parte de nenhum dos dois, chegam, fàcilmente, ao matrimônio. As moças norte-americanas casam jovens. A facilidade que o Estado dá ao matrimônio, as isenções em matéria de impostos e, principalmente, a segurança em matéria de trabalho, tornam menos difícil uma decisão que, à primeira vista e dada a carestia da vida, parece gigantesca ao estrangeiro. Podem ser encontrados nos colégios superiores muitos estudantes casados e mocinhas que exibem com orgulho a aliança nupcial, para desarmar muitos professôres solteirões, que assim ficam sabendo que sua jovem aluna não é Miss Tal, mas sim Mrs. Smith.

Qualquer juiz de paz casa um par de jovens, mediante uma simples "licença", extraída em poucos minutos. Em geral, êsses casamentos não têm hora especial, nem convidados. O par chega à residência do juiz, apresenta seus documentos, são casados com testemunhas sempre existentes na casa do juiz e que, em geral, são a espôsa dêste e uma empregada e dali saem satisfeitos, tendo como único distintivo um pequeno cartaz, colocado fora do seu automóvel, em que se lê "Just Married". Às vêzes, nem isso...



— Dóris! Quando concordei em te acompanhar até à porta de casa não sabia que teu pai era juiz de paz!

Quando uma mulher norte-americana pensa num homem rico, o imagina quase sempre do Texas. O texano, com sua riqueza em gado ou poços de petróleo, tem, além disso um ar *campônio* e feliz, que serve extraordinàriamente à caçadora da cidade. Numa anedota, o desenhista Ketcham não pôs nenhuma intenção no chiste, e tôda no desenho. Nos olhos, adornados de longas pes-

tanas, certamente postiças, da mocinha da cidade, está todo o interêsse de uma jovem acostumada a viver um tanto arriscadamente para alcançar uma posição segura. No olhar vago do campônio, tôda uma estampa do Oeste, ainda ingênuo e primitivo.

Quando um texano viaja pela Europa encobre suas maneiras rudes com notas de banco e se o leitor já leu em alguma revista que um norte-americano entrou em mangas de camisa na "Tour d'Argent" e começou a distribuir gorgetas de 30 mil francos, pode apostar 100 contra 10 em como procedia de San Antonio, Austin ou qualquer outra cidade do Texas.

Os pais norte-americanos, especialmente as mães, deixam as filhas sair a passeio com muito gôsto; porém sempre aconselham que, depois do cinema, tragam o amiguinho até à casa. Se não há um menino para atrapalhar, como na caricatura tantas vêzes repetida, os jovens terão uma liberdade absoluta no "living", enquanto os pais da mocinha dormem pacatamente. Êstes, por sua vez, assim estarão mais tranqüilos, sabendo que o par está ao alcance da mão e com o respeito que devem à casa que os abriga.

Essa permissão pode ter uma só limitação, que é a do tempo. Não se considera oportuno que um amigo, nem mesmo um noivo, fique mais além das vinte e quatro horas, e as fórmulas para demonstrar-lhe que se está excedendo são várias, sem necessitar chegar à violência verbal.

Já dissemos que chega um momento em que o rapaz se decide — ela o faz decidir-se — e fala com o pai. A partir de então serão considerados "engaged" e a palavra "fiancée", procedente do francês, tem uma significação total, que o rapaz fará bem em recordar se tem veleidades escapatórias.

Quanto à conversação pré-matrimonial, como em quase tôdas as partes, se baseia nas possibilidades econômicas do indivíduo que aspira a entrar para a família. Escolhemos um símbolo. Nessa atitude vaidosa, seguro de si mesmo, do pretendente com o paletó de quadrados, está



— Nada tenho de interessante para contar-lhe, senhorita. Só sei que sou um camponês pacato, com terras, vacas, galinhas e doze poços de petróleo.

implícita grande parte da juventude norte-americana de hoje. Plena confiança em seus meios de ganhar dinheiro, em seu cérebro, em sua inventiva e em sua vontade de trabalhar. Porém, mais que tudo isso, existe nessa caricatura algo mais profundo. A superioridade alardeada pelo jovem sôbre o mais idoso se baseia, principalmente, em pertencer à moderna geração, que possui novos valores e que deixa esquecida a anterior por seu poder de realização. Assim é e o mais velho não poderá queixar-se. Porque, em fins de conta, o norte-



— Pergunta se posso manter sua filha? Mas, meu caro amigo, vou elevar o nível de vida dela!

americano manteve como linha de princípio que deve estar "up to date", isto é: com o último, com o mais moderno. Elogiar o jovem é, pois, por reflexo, elogiar aquêle que o soube formar tão capaz...

Episódio real

UM INCÊNDIO O'BRIEN APAGA

EDDIE O'Brien era homem dado a fantasiar e sua imaginação podia, com facilidade, alcançar a estratosfera. Era repórter de polícia, tinha cabelos ruivos, de estatura mediana, mas bastante robusto. Tinha, além de tudo, uma memória surpreendente, podendo recitar longos trechos de Shakespeare, o que costumava fazer, para divertir os amigos, de bar em bar, e, ainda, com voz adequada, recitava páginas da Bíblia durante horas a fio. Se os repórteres de polícia do quarteirão de Brooklyn desejavam uma ajuda fantasiosa imediatamente apelavam para O'Brien. Os fatos mais insginificantes, ganhavam com êle um sabor delicioso, que prendia a atenção dos leitores, fôsse a coisa mais banal dêste mundo.





Poderia, é claro, subir na profissão e passar para as páginas literárias, mas a verdade é que gostava da profissão de repórter e, acima de tudo, de repórter de polícia, sempre pronto a correr para o telefone mais próximo e relatar um acontecimento sensacionalmente. E a verdade é que seu noticiário ia sempre para a primeira página. Tudo, é claro, graças à sua fantasia e também ao seu bom-senso de oportunidade.

Certa vez, quando O'Brien, numa véspera de Natal, há alguns anos, cinco repórteres de polícia estavam confortàvelmente sentados na sala da redação, com janelas diretamente para o Quartel de Polícia de Brooklyn. A lareira dava grande confôrto aos rapazes, que bebiam cerveja, pensando no frio que reinava lá fora, principalmente com a chuva que caía, tornando opacas as vidraças das jonelas.

Repentinamente, a campainha de incêndio soou, solicitando a imediata presença dos repórteres de polícia. Um rápido olhar para o quadro automático, instalado na parede, indicou que o incêndio era no "pier" e no armazém, mais próximo. Mesmo assim, o incêndio ficava a umas duas milhas da redação. Os táxis foram imediatamente disputados pelos rapazes, até que um dêles opinou:

— Se o "pier" tem telefone, porque não vamos indagar, primeiro?

Feita a ligação, um dos rapazes perguntou:

— Olá, amigo! Quer ser bonzinho e nos dizer como é que vai o fogo por essas bandas?

Naturalmente, o vigia, que atendeu ao chamado, não era homem de grandes idéias. Respondeu, aliás, com má-vontade evidente, porque uma semana antes os repórteres lhe haviam prometido uma entrada para o jôgo de futebol... e tinham falhado com a promessa.

— Oh! É assim, hein? Vocês querem detalhes, não é mesmo. Pois venham buscá-los!

Cinco ou seis repórteres, muito aborrecidos, trataram de vestir os impermeáveis, calçar as galochas e já se preparavam para sair. O'Brien, porém, não se moveu do seu lugar. Simplesmente tratou de abrir outra cerveja.

— Você não vai? — perguntou um colega.

— Para quê? — respondeu O'Brien, muito calmo. Bebeu calmamente a sua cerveja e depois acrescentou:

— Vejam como se faz.

Tornou a ligar para o "pier". O mesmo vigia atendeu.

— Olá! — gritou O'Brien, com voz autoritária. — Aqui fala o comandante G. Algernoon Brown, do Exército da Salvação. Por favor, quer chamar o chefe de batalhão ao telefone?

Não tardou o chefe empunhar o fone.

— Meu valoroso amigo, aqui é o comandante Algernoon Brown. Os seus homens

O RAIO JUSTICEIRO



HÁ pouco mais de dois anos, o dr. Derendinger, de Viena, foi chamado para atender a um paciente, numa pequenina cidade, fora da capital austríaca. No trem, o médico encontrou um homem moço, com o qual conversou sôbre banalidades. Muito fatigado, após um dia terrível de trabalho no hospital onde servia, não tardou, porém, a adormecer. Ao despertar, verificou que sua carteira desaparecera. Seu companheiro de viagem, também tinha sumido.

Embora não tivesse perdido grande quantia, o médico ficou desolado porque aquela carteira tinha, para êle, grande valor sentimental, pois fôra dada por seu avô, como presente de sua formatura e tinha, numa das faces, um enorme "D", recortado em prata.

Mais recentemente, a polícia de Viena prendeu um homem que tinha sido levado para o hospital após ser atingido por um raio, no correr de uma tempestade. Após examinar o ferido e cuidar de suas queimaduras... o dr. Derendinger ficou muito impressionado com a forma da queimadura principal, que tinha a forma de um "D" caprichosamente recortado. Imediatamente deixou a enfermaria, à qual voltou, pouco depois, emocionadíssimo. Tendo pedido os objetos de uso do ferido, para examinar, descobriu entre êles a sua tão querida carteira, roubada dois anos antes e com o monograma de prata ligeiramente danificado pelo calor do raio.

estão bem agasalhados e alimentados? Ótimo. Ouvi falar em um acidente para os lados do pôrto... Hein? Incêndio? Oh! Mande imediatos auxílios... Sei, sei... É difícil com essa temperatura de gelar as mangueiras... Oito bombeiros feridos? Misericórdia! Felizmente, apenas ferimentos ligeiros. O armazém foi totalmente destruído? O "pier" também? Terrível! Coitado do proprietário? Não? Oh! estava no seguro por 25 mil dólares. Pois teve sorte. O fogo já foi dominado. Ótimo. Hein? Que está dizendo?

Ràpidamente, O'Brien tapou o fone com a mão e virando-se para os assombrados colegas, explicou:

— O pobre homem está cantando um hino ao Soldado Cristão! Vamos! Cantem vocês, também, palermas!

. . . .

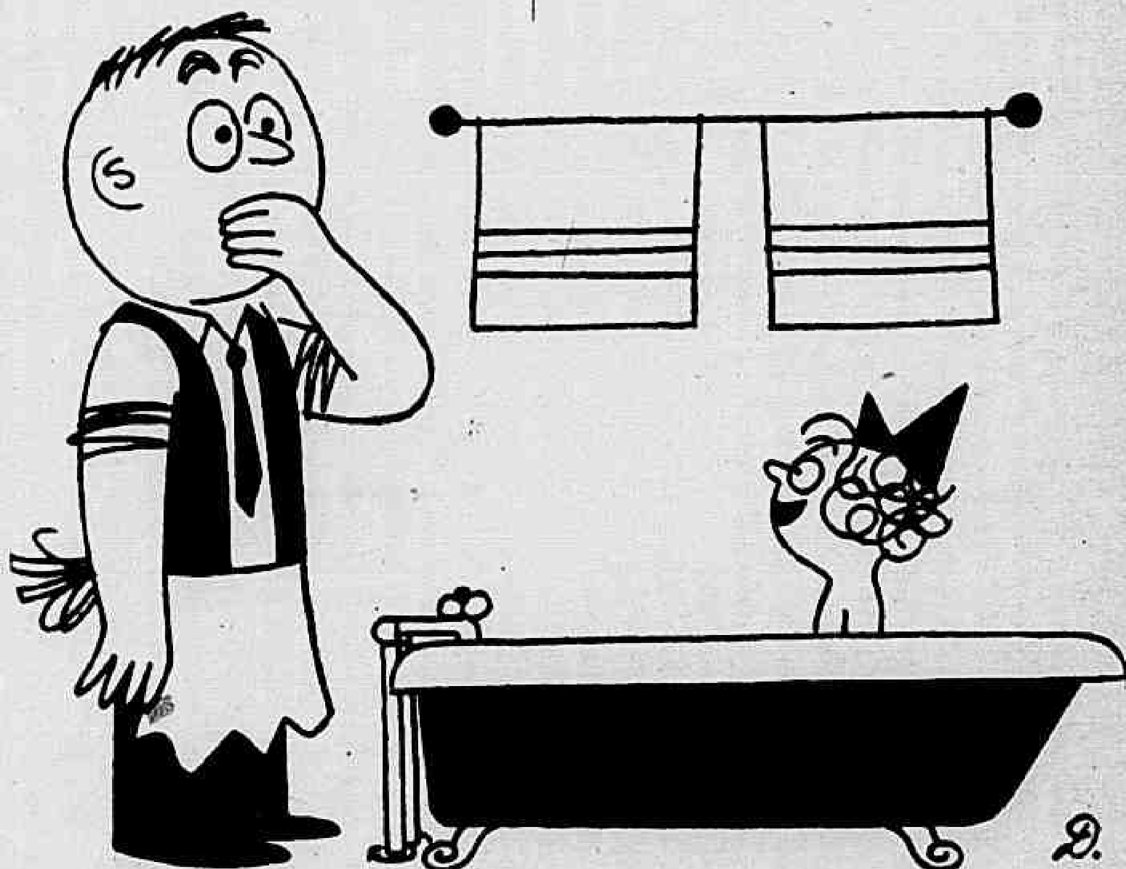
E foi assim que O'Brien conseguiu todos os detalhes do incêndio, com o acompanhamento do desafinado vocalismo de cinco repórteres, acompanhando o Chefe de Batalha do Exército da Salvação.



A "BOA RESPOSTA" DO MÊS...

TENDO passado quatro anos fora de casa, servindo na Marinha, o pai da pequenina Nancy nunca tinha dado um banho na garôta. Porém, ao regressar, depois de ajudar a ganhar uma guerra difícil, achou que podia fazer tudo, em casa.

— Claro que posso dar banho em Nancy — afirmou à espôsa. — Que tem isso de extraordinário? Pode ir fazer as compras que eu cuido dela.



E assim refletindo, com um sorriso superior, sôbre a **mania** que têm as mães de pensar que só elas sabem lidar com os filhos pequenos, pegou na garotinha e, em três segundos, retirou-lhe o vestidinho, a combinação e as calcinhas, suspendeu-a duas ou três vêzes no ar, alegremente, e a seguir meteu Nancy na banheira com água morna.

— Pronto! — exclamou, então. — Muito fácil, hein? A mãe faz isso mais depressa do que eu?

— Oh, não... — disse Nancy, com seu risinho amável. — Mas a mamãe sempre tira os meus sapatos também!

O MOÇO LÁ DA

"ANNA SABIA QUE PRECISAVA IMPRE
CORRIDO COMO ESPERAVA, *SE O SEU*

Por FLORENCE JANE SOMAN

QUE belo apartamento! — falou Joe, olhando à sua volta. Anna, sentada no sofá, observava seu visitante e sabia o que êle estava pensando: *quanto devia custar para manter tudo aquilo*... E tinha razão! *Custava muito*.

Ela sorriu para Joe e falou:

— Sim, belo apartamento... e gosto muito dêle. Deteve-se e, depois, concluiu com um sorriso nostálgico: — E como fica longe de Buxton! Olhe! Tem uma bela vista para o rio.

Joe também sorriu, meio triste, e respondeu: — Sim, tem razão.

Sua expressão se tornou mais doce, quando se voltou para fitá-la. — Você precisava ver os melhoramentos lá da nossa terra. Você ter trabalhado bastante, depois que saiu de lá, hein? Quando penso que uma pequena da sua idade, Anna, vinda de uma pequena cidade do interior, conseguiu colocar-se nesta posição em New York... nem sei... — E, caminhando e gesticulando, concluiu: — Nunca vi uma pequena com tanta disposição!



ou — Ainda bem que meu esfôrço foi recompensado.

Retirou as mãos, que Joe segurava, e mudou de assunto:

— E quando você e Emília vão casar?

Joe recebeu a pergunta meio perturbado, mas respondeu:

— Breve; muito breve.

Caminhou para a janela, onde ficou olhando a paisagem; depois, continuou:

— Não se ganha muito dinheiro num bazar de louças-e-ferragens, hoje em dia, Anna; e a pequena que casar comigo terá que se conformar em residir no sobrado, em cima da loja.

— E será uma pequena feliz — disse Anna, impulsiva. — Isto é: Emília é uma pequena feliz, Joe.

Joe sorriu, com aquêle sorriso largo e franco.

— Obrigado.

Seu olhar foi até ao quarto de dormir, cuja porta aberta deixava ver sôbre a cama um vestido de sair e, no chão, o par de sapatos combinando, tudo em ordem impecável. Seus olhos voltaram até Anna.

— Bem; acho que já vou andando... eu... eu tenho um compromisso, e você, com certeza, também deve ter algum programa feito...

MINHA TERRA...

SSIONAR BEM AO JOE. E TUDO TERIA *PASSADO NÃO TIVESSE VOLTADO...*"

Anna olhou para o relojinho de pulso, num gesto nervoso, e, pondo-se de repente



de pé, alta e bela no seu vestido caro e bem feito, respondeu:

— Não é nada importante; vou à estréia de uma revista musical com uns amigos...

E estendeu a mão, sorrindo para Joe:

— Fiquei muito contente com a sua visita, Joe. Foi muita gentileza ter vindo ver-me durante a sua curta permanência aqui... Há três anos não nos víamos... três anos...

Trocaram mais algumas palavras e êle se foi.

Anna ficou parada, no meio da sala, depois que êle foi e a porta foi fechada; de repente, dirigiu-se para o quarto.

Estava trocando o vestido quando ouviu a campainha da porta, outra vez. Ajeitou a saia, passou a mão nos cabelos e foi atender. Era Joe, que falou, meio sem jeito:

— O meu isqueiro... acho que o esqueci aqui...

— Entre, entre — respondeu Anna. — Vamos procurar.

Ela mesma se dirigiu para a poltrona, junto da lareira, levantou a almofada e começou a tatear, procurando...

Joe, porém, ficara parado e olhava para ela com uma expressão curiosa, enquanto segurava a aba do próprio paletó, de onde caíra um botão; finalmente, falou:

— Será que... você podia... (hesitou um momento) prender êste botão para mim? O compromisso que tenho é importante e eu...

Anna se voltou para êle meio assustada, mas logo falou:

— Sim, sim, eu prendo para você num instante.

Joe seguiu-a com os olhos e viu quando ela entrou no quarto e ficou parada em frente da cômoda, mordendo os lábios; desnorteada, procurou ràpidamente em algumas gavetas e acabou voltando à sala.

Corando, enquanto falava, explicou:

— Eu... eu não consigo lembrar onde guardei a agulha...

Joe segurou-a por um braço e por alguns momentos ficaram assim, parados, olhando um para o outro.

— Anna — falou Joe. — Diga-me a verdade: êste apartamento não é seu, não é?

O rosto dela empalideceu de repente, enquanto baixou os olhos, respirando com dificuldade.

— Bem; eu... — começou titubeando. — Isto é...

Finalmente, movendo tristemente a

cabeça e erguendo para êle os olhos já cheios de lágrimas, confessou:

— Não. Não é meu, Joe. É de uma moça que eu conheço.

Baixou novamente os olhos e continuou:

— Eu tomei emprestado... Êste vestido também é emprestado...

— E o emprêgo? O emprêgo rendoso, de corretora? — perguntou Joe, segurando nervosamente os braços de Anna.

Ela respondeu, entre dois soluços:

— Eu menti!

Falava num sussurro. Libertou o braço do apêrto da mão dêle.

— Eu queria causar boa impressão a você. Queria que você voltasse para nossa terra e dissesse que eu estava *nadando em ouro*, aqui em New York.

Tinha, agora, os ombros curvados para a frente, numa atitude de derrota e desolação:

— Estou exatamente onde tinha começado: simples caixeirinha de loja, Joe. E moro em um quarto mobilado de pensão, num bairro pobre... Eu... eu não queria que você me visse lá. Aí está tudo! Por isso é que, quando você avisou que chegaria, hoje, e viria visitar-me eu disse que tinha mudado para aqui.

As mãos de Joe subiram e seguraram Anna pelos ombros, agora docemente, e obrigou-a a fitá-lo, enquanto dizia:

— Estou muito contente que assim seja! Ainda bem que nada daquilo era verdade... Vim aqui para pedir que você casasse comigo, mas quando vi êste luxuoso apartamento e soube do rendoso emprêgo pensei logo que a tinha perdido... Que você já não estava mais *ao meu alcance*!

Anna fitava-o, surpreendida, com os lábios entreabertos.

— Mas, Joe! E o seu casamento? E Emília?

— Terminamos tudo, há muito tempo, querida.

E puxando-a para junto de si, enquanto lhe beijava ternamente os cabelos, concluiu:

— Só houve uma pequena na minha vida, Anna! Uma pequena que tinha sardas e queria conquistar o mundo...

— Oh, Joe... — murmurou Anna, com os olhos brilhantes e a respiração ofegante. — Eu não quero mais conquistar o mundo, Joe..., e se não fôsse por pensar que você ia casar com Emília eu teria voltado para casa há muito tempo... e agora (suspirou satisfeita) Buxton e a loja... e morar no sobrado, Joe, parece um sonho!

Por alguns momentos não disseram palavra, pois êle não parava de beijá-la, mais e mais.

De repente, ela se afastou e, com o rosto cheio de espanto, perguntou:

— Mas... como foi que você descobriu que o apartamento não era meu?

Êle sorriu.

— Ah! O *estalo* veio quando cheguei lá em baixo, na rua. Êste apartamento impecável, tudo no seu lugar, tudo tão arrumado! E o vestido em cima da cama, direitinho, os sapatos no lugar... Lembrei-me de que você era o tipo da pequena que deixava a mãe quase louca porque espalhava tudo e não tinha cuidado com coisa alguma. Êste apartamento não tinha *o seu jeito*, querida! Tive, então, a idéia de inventar o esquecimento do isqueiro e voltei para me certificar. E quando, depois de arrancar o botão, vi que você não encontrava sequer uma agulha...

No princípio, Anna ouvira calada, mas agora não pôde conter uma gargalhada.

Ambos riram felizes, abraçados.

Estavam juntos, nada mais os separava!

Enfim, a vontade de rir passou e ficaram olhando um para o outro, enlevados.

Foi Anna quem falou primeiro:

— Vamos para casa. Voltar para casa juntos, Joe! Nem posso acreditar...



BOM RECURSO

EM Niles, Ohio, foi encontrado dormindo, dentro do seu automóvel, parado à beira de uma estrada. Despertado pelo guarda do tráfego, explicou:

— Minha mulher tem um gênio muito difícil. Quando entra a queixar-se muito e a reclamar de tudo, acusando-me disto e daquilo, costumo sair, no automóvel e rodar sem destino, até que anoiteça. Então, durmo, assim, em qualquer lugar. Mas, quando, enfim, volto para casa, ela me recebe de braços abertos. Então posso ir para a cama e dormir em paz, sem discussões desagradáveis.

A VENDA EM TÔDAS AS BANCAS



O LIVRO MARAVILHOSO QUE TUDO SABE E TUDO INFORMA

★

DA MAIOR UTILIDADE PARA TÔDAS AS IDADES E TÔDAS AS PROFISSÕES!

★

MINUCIOSAS E VARIADAS INFORMAÇÕES SÔBRE O ANO

★

CALENDARIOS

★

O ANO: HOROSCÓPICO, AGRICOLA, AERONAUTICO, CIENTIFICO, CATÓLICO, ARTISTICO, ETC.

★

O BRASIL E O MUNDO HA 100 ANOS

★

UM ROMANCE COMPLETO!

★

UMA COMÉDIA PARA REPRESENTAR!

★

ARTIGOS ESPECIAIS: CONTOS, LENDAS E NARRATIVAS HISTÓRICAS

★

DISTRAÇÕES PARA OS DIAS DE CHUVA ADIVINHAÇÕES E PROBLEMAS PARA OS QUE SE JULGAM SABIDOS

★

CONSELHOS ÚTEIS: DOMÉSTICOS, LITERARIOS E DE MEDICINA — PAGINAS DE ARTE

★

O MAIS COMPLETO ARTIGO SÔBRE "O UNIVERSO, UM ETERNO SHOW"

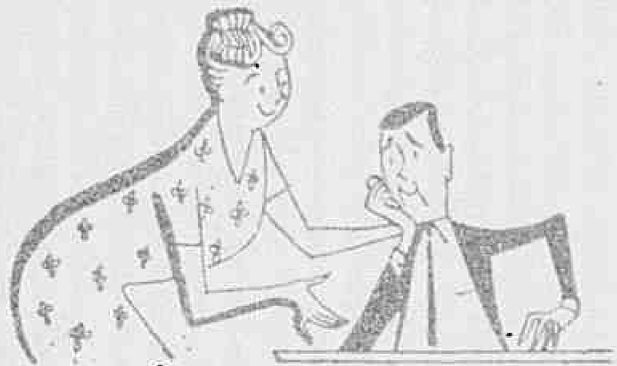
Almanaque

EU SEI TUDO

CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE 15 — RIO

RESOLVA OS SEUS PROBLEMAS

O recém-casado se apresentou em casa de sua mãe, queixando-se de que sua espôsa não se levantara para lhe preparar a primeira refeição matinal. E, muito

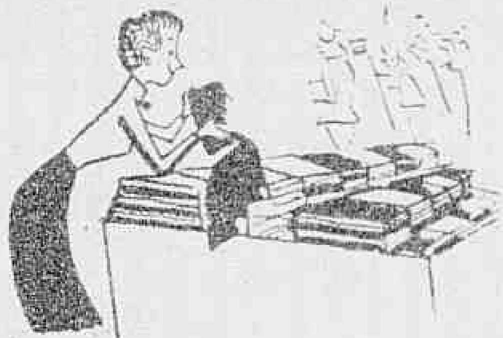


triste, pediu a sua mãe que falasse com a espôsa sôbre o assunto. A boa senhora, conhecendo o coração feminino, disse:

— Não, meu filho. Isso não daria resultado; mas faça como vou explicar: tôdas as noites, quando voltar para casa, descreva para Heloísa as pessoas que encontrou no restaurante, à hora do café com torradas, **especialmente alguma pequena bonita**...

O recém-casado assim fêz e, antes de passada uma semana, não precisou mais sair de casa com o estômago vazio.

A empregada de uma loja de roupas femininas, veterana na casa, não podia compreender porque o gerente mantinha o estabelecimento sempre em grande de-



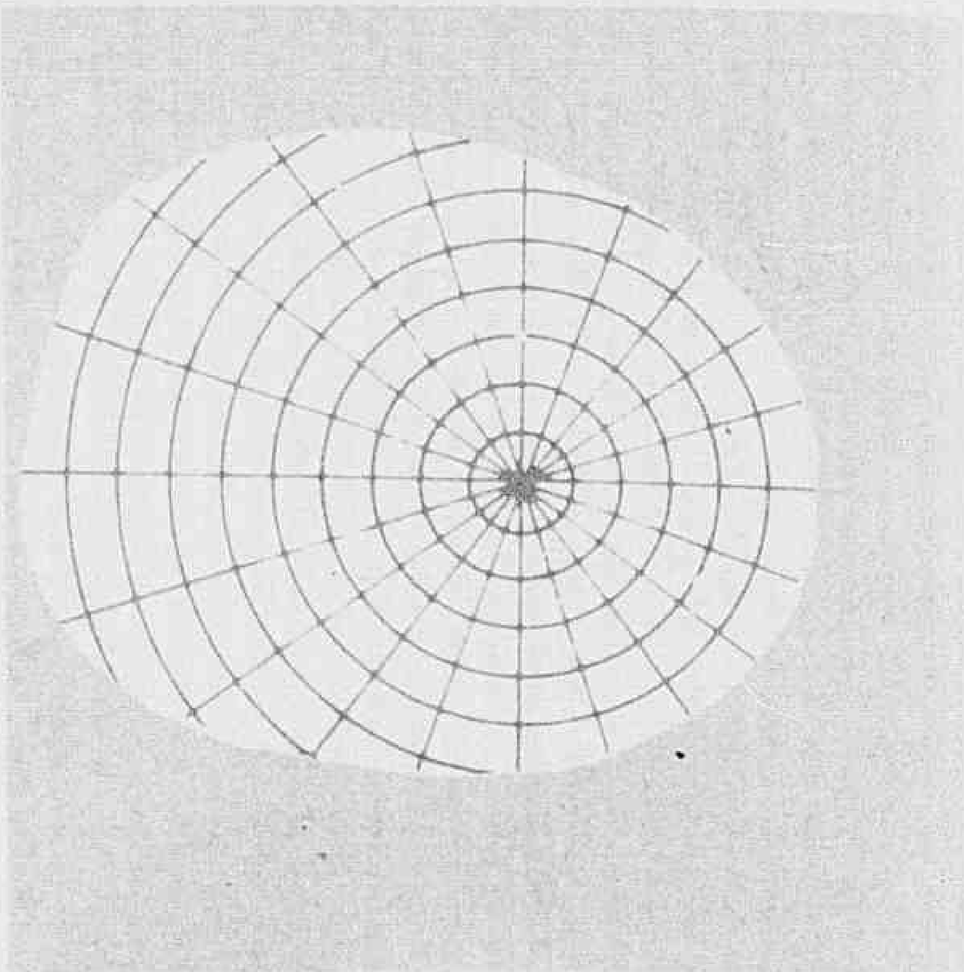
sordem. Um dia foi solicitada para substituir uma das caixeiras, que adoecera. Chegou ao trabalho cheia de entusiasmo e logo tratou de dobrar tôda uma mesa de calcinhas para moça, colocando-as, a seguir, em pilhas esmeradamente arrumadas.

Muitas pessoas passaram junto daquela mesa, durante as três horas seguintes, mas nenhuma se deteve para examinar o artigo. O gerente da loja também passou por perto e, deitando um olhar à mesa, logo meteu seus longos braços nos montões de calças, revolvendo-as impiedosamente e deixando tudo em completa desordem.

— **Agora você vai ver** — disse êle, sorrindo.

Na hora seguinte a empregada vendeu dezessete pares de calças. O gerente conhecia sua clientela.

Por milhares podem ser contados os que vão por êsse caminho. O glaucoma é a causa. Aqui deixamos consignados sete conselhos para evitar que o mal avance mais.



ESTARÁ VOCÊ FICANDO CEGO?

ARTHUR Jordan, próspero advogado de Chicago, sofreu um acidente que qualifica de afortunado, pois que evitou que ficasse cego. Era uma manhã de primavera. Jordan guiava seu automóvel e deteve-se numa esquina. Dado, porém, que não via aproximar-se nenhum outro automóvel pelo cruzamento, seguiu viagem. Mas vinha, ralmente, outro veículo e estêve a ponto de ocorrer um desastre, que poderia ter graves conseqüências.

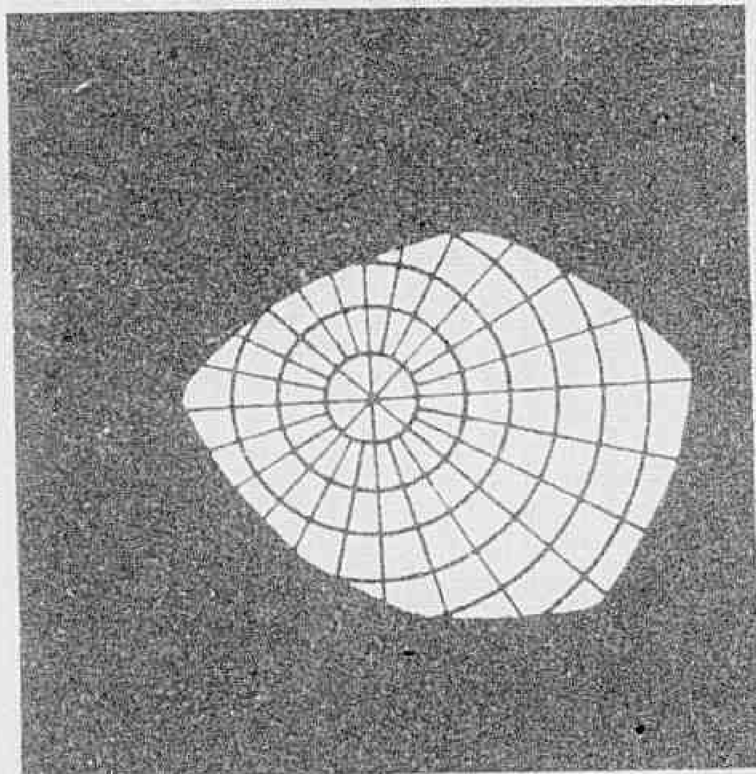
Não houve feridos, por fortuna, porém Jordan considerou verdadeira impertinência do guarda do tráfego, que o aconselhou a mandar examinar a vista. Era verdade que, de tempos a tempos, via nublado e sofria dores de cabeça depois de um dia de trabalho pesado. Mas, fora isso, estava convencido de que sua vista era perfeita.

Fôsse como fôsse decidiu consultar um oculista. Êste fêz um exame geral, que incluiu o nervo ótico e a pressão do globo ocular. Ao terminar, diagnosticou glaucoma e avisou que, se Jordan se descuidasse do mal, não tardaria a ficar cego.

O advogado em questão é um dos 800.000 norte-americanos que, segundo a Sociedade Nacional para Prevenção da Cegueira, com sede em Washington, vão perdendo a vista *sem dar-se conta* disso. O glaucoma é a principal entre as causas dessa tragédia. Como a tuberculose e as úlceras do estômago, ataca sem que o

paciente o advirta. Os sintomas são realmente difíceis de notar. Às vêzes não são, sequer, perceptíveis. Porém, se se descobre a tempo o mal — e se atendem os conselhos do médico — na maioria dos casos a enfermidade pode ser detida.

É raro que o glaucoma se apresente em crianças e moços. É padecimento da idade madura e da velhice. Costuma atacar depois dos quarenta. Cêrca de 11 por cento dos cegos foram vitimados por êsse mal. Pràticamente, todos



êles gozaram de vista normal, na meninice e juventude. A tragédia ocorreu depois dos quarenta, *por ignorância ou descuido*.

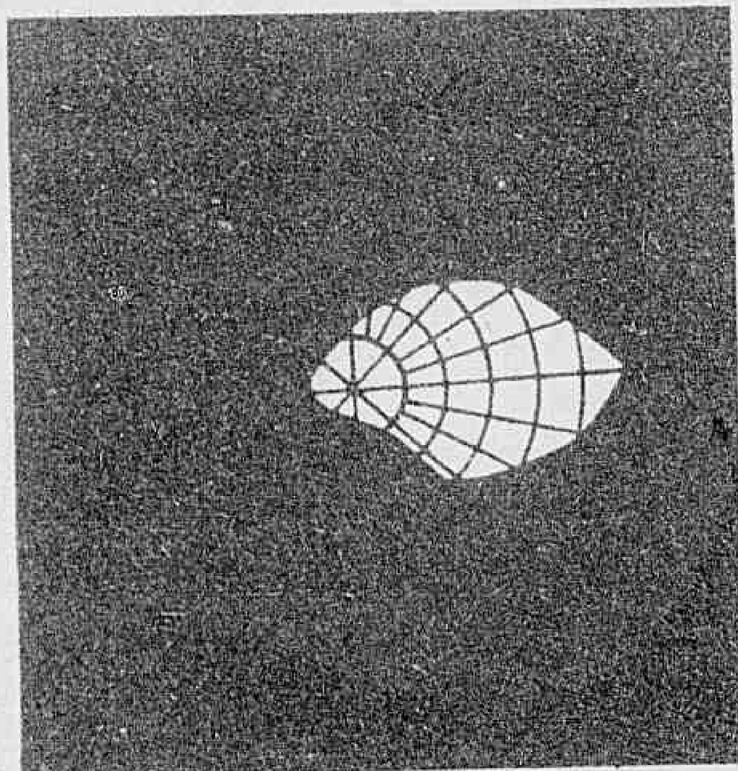
O doutor Duke-Elder, oculista do finado rei Jorge VI, da Inglaterra, e uma das eminentes autoridades na matéria de glaucoma, recomenda que todo indivíduo que passe dos quarenta se faça examinar, anualmente, dos olhos, mesmo que se julgue possuidor de visão perfeita. O glaucoma, como o câncer, se chega a ganhar fôrça, torna-se incurável.

Sòmente nos Estados Unidos há umas 25.000 pessoas totalmente cegas, além de umas 150.000 mais, que perderam a visão em um dos olhos, como conseqüência do glaucoma.

Pelo ritmo cada dia mais acelerado da vida moderna, e pela porcentagem cada vez maior de pessoas de idade avançada, calcula-se que o número de vítimas potenciais do glaucoma nesse país e no mundo se eleve de maneira lamentável.

A enfermidade já era conhecida por Hipócrates, quatro séculos antes da nossa era. Foi êle quem chamou de "glaucoma" êsse mal; o têrmo significa "verde mar", côr que o ôlho toma quando perde a visão.

Imaginam os cientistas que foi êsse o mal que cegou a Milton. Um famoso cirurgião escocês, o doutor McKenzie, redigiu uma descrição clássica do glaucoma, em 1830 e, em meados de 1880, o dr. Albrecht von Graefe, da Alemanha,

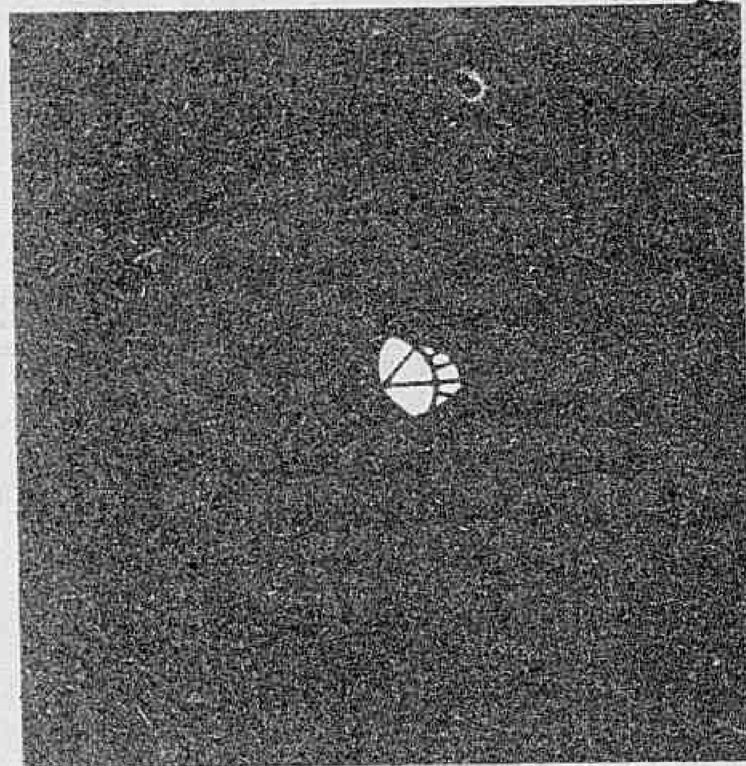


praticou a primeira operação na tentativa de salvar a vista de um paciente.

Diversas organizações se acham empenhadas, em todo o mundo, em campanhas destinadas a informar ao público sôbre os perigos dêsse mal traiçoeiro. Trata-se, de fato, de salvar a vista e a aptidão para o trabalho de milhares de indivíduos.

Que é o glaucoma? Os médicos não estão certos. Sabe-se que é um mal de origem microbiana, embora no ôlho enfêrmo o glaucoma surja como mal resultante. A enfermidade pode ser, em parte, hereditária e em parte devida a uma saúde geral má ou a uma vida desregrada. Alguns médicos a ela se referem como "um ôlho enfêrmo de um organismo enfêrmo".

O glaucoma não representa uma entidade mor-



bosa em si, mas, ao contrário, uma série de defeitos do ôlho. A todos, porém, é comum uma maior pressão interna no globo ocular. O ôlho normal é tão brando e tão terno como uma ameixa cozida. Com o glaucoma, porém, chega a apresentar uma consistência como a do vidro.

É essa crescente dureza que destrói o nervo ótico. Na maioria dos casos, o indivíduo vai perdendo a vista pouco a pouco, embora inexoràvelmente, no curso de vários anos. Entretanto, a enfermidade carece, pràticamente, de sintomas, e a vítima raramente nota o avanço do



mal. Pode parecer exagerado dizer que alguém possa ir perdendo paulatinamente a faculdade de ver... e que não dá conta disso. Mas, infelizmente, não é difícil explicá-lo.

O ôlho humano — mecanismo assombroso — está feito de tecidos. E os tecidos do ôlho, como outros do organismo, são nutridos mediante corrente sanguínea. Não seria prático que pelo centro do ôlho circulasse sangue vermelho e viscoso. Assim, portanto, a natureza, sempre sábia, dotou o ôlho de um fluido incolor e aquaso, chamado humor-áquo. Êsse fluido, que parte da corrente sanguínea, rega a pupila e volve àquela por um orifício chamado "canal de Schlemm".

No ôlho normal o fluido corre, porém, em alguns casos de glaucoma essa corrente é obstruída e o humor aquoso não encontra saída pelo canal referido. À medida que aumenta a quantidade de fluido, aumenta também a pressão. É como se enchêssemos de água uma bexiga: a maior quantidade de água provocaria maior dureza. A pressão acaba por danificar a delicada estrutura do ôlho, inclusive o nervo ótico.

Arthur Jordan, o advogado norte-americano que sofreu o "afortunado acidente", padecia do que os médicos chamam "glaucoma crônico simples". É a forma em que mais comumente ocorre essa enfermidade. A visão vai perdendo vigor paulatinamente. No caso de Jordan a crescente pressão do globo ocular começava apenas a afetar os delicados tecidos.

As primeiras porções do ôlho que sofreram dano foram as fibras nervosas, que permitem ver os lados. A enfermidade vai reduzindo paulatinamente, porém constantemente, esta faculdade da visão lateral, até que a vítima fica em condição semelhante à dêsses cavalos nos quais são colocados "antolhos": só podem ver para a frente.

Sugere o dr. Pedro Kronfeld, professor de oftalmologia da Universidade de Illinois, que tôda pessoa de idade madura ou de idade avançada se submeta, uma vez por ano, a uma simples prova.

Tudo o que precisa fazer — diz êle — é fechar um ôlho e anotar cuidadosamente o alcance da visão do ôlho aberto, isto é: averiguar a latitude do espaço que é possível ver e os objetos que ficam compreendidos dentro de tal alcance. Tudo deve ser anotado por escrito, cuidadosamente, fazendo-se o mesmo com relação ao outro ôlho.

"Tal é a primeira parte da prova. A segunda será feita um ano depois. Repetir exatamente a operação do ano anterior, colocando-se no mesmo local e em igual posição e observando os mesmos objetos. A seguir devem ser comparadas as duas notas escritas nessa segunda etapa da prova com as da anterior. Se há discre-

pância isso deve ser considerado como uma advertência". E, neste caso, é aconselhável visitar um especialista.

No segundo tipo de glaucoma a aptidão para ver costuma ser destruída tão depressa que a vítima requer a imediata intervenção do médico, a fim de tentar sua salvação. É o chamado "glaucoma agudo" e representa aproximadamente 25 por cento dos casos.

Sabe-se que êsse glaucoma agudo causou a cegueira total num lapso de 48 horas. Atacou, por exemplo, certo banqueiro norte-americano, quando o mesmo se encontrava caçando no Canadá. Quando pôde, finalmente, ser examinado por um oculista, já era tarde de mais.

Há vêzes em que êsses ataques agudos são precedidos de ataques de menor intensidade, que oferecem sintomas reconhecíveis. A pupila se dilata, a córnea se nubla, a vista fica empanada e a vítima vê halos vermelhos e verdes em tôrno de luzes. Também há a possibilidade de que venha a sofrer ligeiras dores de cabeça e dores nos olhos. Êstes primeiros ataques costumam desaparecer em pouco tempo, porém, à medida que o padecimento progride, tornam-se mais freqüentes e mais severos. No princípio é possível que passem meses entre um e outro; depois ocorrem com intervalos de semanas e, mais tarde, de dias apenas.

Com a repentina arremetida de um ataque sério e total, ao qual podem proceder sintomas ou não aparecer nem um só, a vítima experimenta um rápido enfraquecimento da visão, agudíssimas dores de cabeça e dos olhos e em muitos casos, náuseas. Estas últimas complicam o diagnóstico, já que, às vêzes, se acredita tratar-se de uma crise de apêndice ou qualquer outro transtôrno abdominal.

Dos estudos já realizados deduziram os especialistas que os ataques agudos de glaucoma costumam estar precedidos por alguma perturbação emotiva ou uma visita a algum quarto escuro. O mal pode ser uma forma de hipertensão, limitado ao globo ocular. De fato, há médicos que acreditam na possibilidade de alguma relação entre o glaucoma e a alta pressão arterial, porque foi comprovado nos enfermos de glaucoma certa tendência para a hipertensão arterial.

A única vantagem do glaucoma (se tal pode ser considerado uma vantagem) é que seu tratamento é fácil e tem êxito na maioria dos casos.

Quando se trata da forma simples, a visão pode ser salva em 70 por cento dos casos; em outros 20 por cento ainda é possível salvar o resto útil da vista, fracassando apenas uns dez por cento. Entretanto, se o glaucoma é agudo os resultados são menos alentadores, por mais que uma adequada e oportuna intervenção cirúrgica seja feita. Em tal caso a vista talvez possa ser conservada, embora bastante deteriorada.

Dizem os médicos que para atacar o mal o primeiro a fazer é contê-lo mediante



drogas chamadas "mióticas", tais como policarpina, eserina, fisostigmina, etc. São aplicadas em gôtas e determinam que a pupila se contraia, com o que deixam livre o conduto para o humor aquoso. O efeito de uma gôta dura várias horas.

Tal é o segrêdo para vencer o glaucoma: (1) o emprêgo constante de gôtas nos olhos, para aliviar a pressão interna no globo ocular e (2) exames periòdicos praticados por um oculista. Nisso se estriba freqüentemente a possibilidade de conservar uma boa visão.

Uma das drogas mais novas, entre as que estão sendo empregadas no tratamento do glaucoma é o fluoro fosfato de di-isopropilo (DFP). Durante a segunda guerra mundial vários químicos do exército norte-americano realizavam experiência com tal substância para apreciar suas propriedades como calmante dos nervos, sem que os resultados fôssem de todo satisfatórios. Um dia, um dêsses químicos, que aproximara a droga do rosto, para cheirá-la, olhou-se num espelho e notou, assombrado, que seus olhos se haviam apequenado, até parecer duas pontas de alfinête. Mediante provas, realizadas com cães e coelhos, ficou comprovado que uma gôta que contivesse ùnicamente 1/100 por cento da aludida substância, dissolvida em óleo de mani, bastava para manter contraída durante 21 dias a pupila de um ôlho são.

Na Escola de Medicina da Universidade de Pensilvânia descobriram que, enquanto com a pilocarpina e a sisostigmina se lograva conter a tensão em cêrca de 35 por cento dos olhos afetados pelo glaucoma, com o DFP se conseguiu o mesmo quase em 79 por cento dos casos. E enquanto que as gôtas das outras drogas tinham que ser pingadas três ou quatro vêzes por dia, as de DFP exigiam apenas uma aplicação cada dez dias.

Porém o DFP se acha ainda na etapa experimental e alguns dos especialistas duvidam de que seja tão eficaz como se acreditava a princípio.

Se os mióticos não dão alívio, a tensão persiste e a dor também. Então é necessária a intervenção cirúrgica. O cirurgião abre de novo o conduto por onde pode escapar o fluido. A operação tem êxito em oitenta por cento dos casos.

A Sociedade Nacional (norte-americana) Para a Prevenção da Cegueira formulou os seguintes sete conselhos para os atacados de glaucoma:

1 — Consulte sem demora seu oculista, se está vendo halos de várias côres em tôrno das luzes; se dóem os olhos ou se nota qualquer deficiência em sua visão.

2 — Evite, tanto quanto possível, tôda agitação de ânimo, acessos de cólera, preocupações, temor, depressão nervosa causado por decepções.

3 — Procure ativar a circulação do sangue. Se, pela índole do seu trabalho, é obrigado a permanecer sentado durante todo o dia, procure fazer um longo (embora não cansativo) passeio, antes e depois do trabalho.

4 — Evite usar roupa apertada.

5 — Evite tanto quanto possível permanecer em quartos escuros. No cinema veja, no máximo, um único filme e, se possível, evite os filmes de assunto deprimente. O mesmo deve ser observado quanto à Televisão.

6 — Não recorra a gôtas nem lavagens para os olhos sem autorização do seu oculista.

7 — Faça-se examinar totalmente cada ano.

O glaucoma é tão temível como o queira o enfêrmo. Os que pingam as gôtas mióticas com regularidade e se fazem examinar periòdicamente por um oculista, conservam a vista por muitos anos. Há outros, ao contrário, que consideram o tratamento coisa bastante desagradável e incômodo — e talvez muito caro — e o abandonam. Êstes estão condenados a viver o resto de sua vida em completa escuridão.



EXCENTE ESTRÉIA

APÓS duas semanas de serviço, como policial em Atlantic City, um guarda teve que apresentar o relatório a respeito do primeiro roubo que pôde descobrir: o de sua própria carteira, surrupiada por um ladrão desconhecido.

O DIÁRIO DE FELIX LANE

De NICHOLAS BLACKE

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Começa o «Diário de Feliz Lane» com a primeira página de seu livro de apontamentos, na data de 20 de junho de 1937, quando o autor anuncia que vai matar um homem que não conhece, nunca viu, ignorando tudo sôbre êle: nome, aspecto, profissão, etc. Mas vai tentar descobri-lo e matá-lo, porque êsse desconhecido, guiando um automóvel de marca e número ignorados, atropelou e matou seu filho único, de sete anos, com o qual se recolhera a uma casa de campo, após perder a espôsa. Na polícia não há indícios, nem nos arredores da aldeia onde o fato ocorreu. Por isso começa a raciocinar, a fim de descobrir como agiria, êle próprio, no lugar do atropelador. Indagando cautelosamente consegue saber, por um lavrador, que um automóvel foi lançado num pantanal, poucas horas depois do atropelamento de seu filho. Nêle iam um cavalheiro e uma conhecida atriz cinematográfica, Lena Lawson, seu companheiro se chama George. Decide então visitar o estúdio onde Lena trabalha, porém não antes de se transformar em Felix Lane, autor, para esconder sua identidade como Frank Cairnes. Consegue um cartão para visitar o estúdio e não tarda a conhecer Lena Lawson, a quem se apresenta como Felix Lane, anunciando sua intenção de escrever um argumento para cinema. Do seu contato com a atriz descobre outros indícios fortes de que está na pista certa. Suas relações se estreitam ràpidamente e ela confessa que seu cunhado (George) a perseguia com galanteios. Mais tarde, pretextando precisar repousar, Felix Lane propõe-se a levá-la a Severnbridge, em sua companhia. Assim conheceria George Rattery.

---

31 DE JULHO

Severnbridge. Aqui cheguei com Lena, esta tarde. Troquei meu velho automóvel por outro, novo, achando pouco indicado percorrer essa região com um número de matrícula do Gloucestershire. Eis-me na cidadela do inimigo, pronto para o ataque. O risco de ser reconhecido me parece insignificante; minha aldeia está situada na outra extremidade do condado e, além do mais, minha barba mudou bastante o meu aspecto. O mais difícil vai ser introduzir-me entre os Rattery e transformar-me num íntimo da casa. Deixei minha passageira e sua valise diante da porta e fui, a seguir, tomar um quarto no "Angler's Arms". Lena prefere usar um pouco de diplomacia com os seus parentes; por enquanto sou apenas um "amigo", que teve a gentileza de trazê-la de automóvel, desde Londres. Parece que ela não havia dado aviso de sua chegada. Receio de que George não a recebesse? Provàvelmente. Se eu partilhasse um segrêdo dessa gravidade com uma mulher, recearia uma crise de nervos por ocasião do primeiro encontro depois do acidente... A inquietação de Lena fica assim perfeitamente explicada.

Desfeita minha valise, pedi ao *groom* do hotel que me informasse onde encontraria a melhor garagem da região. "Rattery & Carfax" — respondeu êle, sem hesitar. "Aquela que se vê junto do rio?" — indaguei. "Exatamente, senhor. Fica dêste lado da ponte, para quem sobe a Grand Rue."

Eram dois novos fatôres contra George Rattery. Meu raciocínio me havia levado à conclusão de que sua garagem devia ser assaz importante para conter um estoque de peças sobressalentes e que provàvelmente estaria próxima de rio ou de espêssa mata.

Um chamado telefônico de Lena me interrompeu. Os Rattery me convidavam para jantar. Meu nervosismo me inquieta. Se a perspectiva de conhecer George Rattery me põe neste estado, que será no instante de matá-lo? Ora! Serei calmo como um monje, provàvelmente. Vou observar minha vítima com a perspicácia implacável da aversão; agirei sem pressa, procurando encher-me de ódio e de desprêzo, como o parasita que engorda a expensas do corpo em que se hospeda. Queira Deus que Lena não se mostre exageradamente demonstrativa, durante o jantar! Agora é hora de partir.

1 DE AGÔSTO

Um homem profundamente antipático. Um indivíduo soberanamente desagradável. Oh! Obrigado, meu Deus! Eu fingia não notar que meu corpo todo tremia ao pensar que George talvez pudesse ser homem simpático. Agora estou tranqüilo sôbre êsse ponto. Apagarei seu nome da lista dos vivos e o farei sem remorsos.

Fiquei convencido, ao entrar no salão, antes mesmo de que êle tivesse aberto a bôca. Fumava diante da chaminé, conservando o cigarro entre o indicador e o médio em posição forçada, com o cotovêlo erguido e o antebraço horizontal. A atitude de um homem imbuído de sua importância e que se esforça por afirmar a todos que é êle o senhor em sua casa. Estudou-me com olhar impertinente antes de caminhar ao meu encontro.

Fui apresentado a sua espôsa e a sua mãe; em seguida ofereceram-me um detestável coquetel e George, sem mais se importar comigo, continuou a conversação, interrompida pela minha chegada. Essa nova prova de má educação proporcionou-me, ao menos, excelente ocasião de o observar. Um homem corpulento, de crânio achatado, fronte baixa, um ar quase bestial; um bigode à gaulesa não chega a dissimular seus grossos lábios negróides. Aparentava estar entre quarenta e cinco e cinqüenta anos.

Minha descrição pode parecer uma caricatura, reconheço. Certas mulheres —a dêle, por exemplo — devem considerá-lo "um belo tipo de homem" e, na verdade, não sou um juiz imparcial. Mas, aquêle indivíduo pesadão, sensual e mal educado é seguramente um objeto de repulsa para os seus semelhantes, para os que sejam mais educados, bem entendido, e quer estejam ou não prevenidos contra êle.

Terminado o seu monólogo, George consultou seu relógio com ostentação.

— Atrasado, como sempre — rosnou.

Como ninguém comentasse sua observação, insistiu:

— Você falou com as criadas, Vi? Elas estão cada dia mais atrasadas com o serviço.

— Sim, meu caro — respondeu a espôsa. — Tenho reclamado, muitas vêzes.

Violet Rattery era uma pálida réplica de Lena. Uma criatura apagada, sempre alarmada e submissa a seu marido.

— Hum! Elas não parecem ligar muito ao que você diz. Eu mesmo falarei com essas descuidadas.

— Não, por favor, meu caro...

Violet Rattery corou fortemente e a seguir, acrescentou, com um sorriso tímido:

— Seríamos os mais prejudicados, se elas nos deixassem...

Seu olhar procurou o meu e, ao encontrá-lo corou mais ainda. Pobre mulher. Mas, sem dúvida, era a maior responsável pela própria infelicidade. George pertencia à categoria dos homens cuja maldade natural se repasta com a submissão dos que os cercam. Era um anacronismo vivo, na realidade. Por que não vivera na idade do ferro ou mesmo sob o reinado da Grande Elizabeth? Sem dúvida, teria chegado à notoriedade como corsário ou negreiro. Mas êstes últimos bárbaros não encontram mais lugar em nossa sociedade moderna (salvo em tempo de guerra) e suas qualidades não encontrando emprêgo justo fazem dêles os tiranos domésticos.

O ódio é um sentimento que nos dá uma perspicácia extraordinária. Conheço muito melhor êsse indivíduo, George, que outras pessoas com as quais lidei anos e anos. Enquanto o ouvia com polida atenção, pensava: "Eis o homem que matou Martie, como teria esmagado uma galinha ou um cão. O animal que sacrificou uma existência mil vêzes mais preciosa que a sua, que me privou do único alvo que restava para a minha imensa ternura. Oh! Dorme em paz, Martie! A hora dêle não tardará a soar!

Sentei-me entre Violet Rattery e a velha sra. Rattery. Lena ficou à minha frente; o olhar de George foi de um para outro, durante todo o jantar, como se procurasse penetrar o segrêdo de nossas relações. Não direi que êle estava ciumento, pois a idéia de que uma mulher pode preferir um outro homem não podia sequer roçar o pensamento de um fátuo tão completo, mas quero saber, visìvelmente, que esperava Lena do enigmático Felix Lane. Por sua parte afetava relativamente à jovem artista do cinema uma intimidade sob a qual transpirava um ar de proprietário. "George gosta de mim e persegue-me" — dissera Lena na noite da cena terrível entre nós dois. Teria ela escondido uma parte da verdade? A atitude de irmão mais velho, afetada por

George, poderia muito bem dissimular uma intimidade maior. Disse, a certa altura:

— Pelo que vejo, você adotou êsses horríveis cachos de caniche, Lena.

Desmanchou uma série de cachos de sua nuca, lançando-me um olhar de desafio, acompanhado por estas palavras:

— As mulheres são escravas da moda, não acha Lane? Se um auguro parisiense lhes dissesse que os crânios raspados vão fazer furor, elas não hesitariam em passar a navalha nos cabelos!

A sra. Rattery, anciã que era pessoa de poucas palavras, parecia reprovar o gesto e as palavras. Finalmente, não se contendo, falou:

— No meu tempo de moça, a cabeleira das mulheres era o seu mais belo ornamento. Tanto melhor se, afinal, renunciaram a êsse medonho penteado *à la garçonne*.

— É boa! Então é a senhora, minha mãe, quem defende a nova geração! — exclamou George, fingindo estar escandalizado. — Onde iremos parar?

— A nova geração tem alguns representantes bem armados para a vida... — replicou a velha dama.

A sra. Rattery olhava direito, para a frente, enquanto falava; mas eu tinha a impressão de que as suas palavras eram dirigidas a Violet. Secretamente, devia censurar o filho por haver escolhido uma espôsa de nível social inferior ao seu e daí os seus ares de grande dama condescendente relativamente a Violet e Lena. Como o filho, a velha sra. Rattery é pouco simpática.

As três mulheres se retiraram após o jantar e nos deixaram sós, George e eu, diante dos cálices de pôrto. Êle, imediatamente, recorreu às anedotas populares, para dissimular o mal-estar que lhe causava êsse convidado enigmático.

— Conhece a história da camponesa do Yorkshire e do organista? — perguntou, aproximando sua cadeira da minha.

Ouvi a história tôla e tratei de rir tanto quanto pude. George me impingiu seu repertório de anedotas e, depois, tendo rompido o gêlo à sua maneira, achou que a hora de satisfazer a sua curiosidade. Porém, eu conheço muito bem a história de Felix Lane e por isso suas perguntas não me perturbaram.

— Lena contou que o senhor escreve livros...?

— Sim. Romances policiais.

George pareceu aliviado de um certo pêso.

— Oh! Romances policiais — repetiu êle. — É diferente. Posso agora confessar... A idéia de receber em minha casa um autor chegou a me assustar um pouco. Receava que Lena nos trouxesse um dêsses escritores decadentes, dos quais fujo como da peste. A profissão é rendosa?

— Não é má. Tenho fortuna pessoal e, cada novo romance rende para o meu bôlso umas mil e quinhentas libras.

— Incrível!

Fitou-me quase com respeito.

— Isso significa que o senhor é um autor de grande popularidade.

— Não é bem isso. Apenas os romances policiais estão em grande moda... — respondi, com modéstia.

— Conhece Lena há muito tempo?

— Não. Há pouco mais de uma semana. Pretendo escrever um livro do qual será extraído um filme...

— É uma boa pequena... E nada tôla!

★

POIS CLARO!



— *Espero que não se esqueça de dizer a sua senhora que nos encontrou...*

— Sem dúvida. É uma moça encantadora, que tem muito espírito e boa dose de "sex-appeal".

Eu falara tôlamente. Uma expressão incrédula e mesmo de espanto, modificou sua fisionomia. Não teria tido outra, se descobrisse, repentinamente, uma víbora no bôlso do paletó. O contador de anedotas banais não tolera qualquer comentário *à la ligeira* com relação a um membro de sua família. Pelo menos aparentemente. Foi com certa rudeza que me convidou a ir ao encontro das "senhoras", no *living*.

Sou forçado a interromper para ir passear em automóvel com minha futura vítima e sua família.

2 DE AGÔSTO

Um pequeno incidente marcou a tarde de ontem. Descíamos os degraus do patamar, Lena, George, seu filho, Phil — um colegial de uns doze anos — e eu, quando isso ocorreu. Lena — quase poderia jurar — estava para perder os sentidos de horror. Deteve-se durante um curto instante e murmurou: "O mesmo automóvel?". George, que estava um pouco para trás, perguntou, com voz entre (assim me pareceu) amedrontada e ameaçadora: "Que quer você dizer?". Lena corou imperceptìvelmente, respondendo: "Você ainda conserva êsse velho automóvel?". "Velho? Você exagera, Lena!" — exclamou o outro. — "Só rodou dez mil milhas. Pensa, por acaso, que sou milionário?"

A cena foi extremamente rápida e pode ser interpretada de maneira perfeitamente natural. Subimos para o veículo, Lena e George, na parte da frente. Phil e eu, atrás. Como o garôto batesse a porta ao fechá-la, seu pai se voltou, furioso, exclamando: "Quantas vêzes já tenho dito para fechar as portas com mais cautela? Presta mais atenção!". "Desculpa, papai." — pediu Phil, com o ar de um menino que se vê censurado injustamente. George poderia já estar de mau-humor, antes de sairmos de casa; mas estou mais inclinado a acreditar que aquilo que havia dito Lena — ou dado a entender — era a causa verdadeira da irritação de George, da qual Phil foi a primeira vítima.

George dirigiu o veículo com grande rapidez. Não posso acusá-lo de haver praticado imprudências ontem à tarde, mas de fato abriu passagem na circulação dominical, como se tivesse direito de prioridade sôbre os demais veículos. Como um carro-pipa dos bombeiros, por exemplo. Encontramos vários grupos de ciclistas, pedalando lado a lado, aos três e aos quatro; George não os injuriou, como eu cheguei a esperar, mas simplesmente passou por êles, tirando "um fino", com o evidente desejo de ver os ciclistas, assustados, lançarem suas máquinas umas contra as outras, numa grande confusão de tombos. Perguntou-me, repentinamente, falando sôbre um ombro: "Conhecia êste cantinho do mundo, Lane?". "Não" — respondi. "Sempre desejei vir até cá... Nasci em Sawyer's Cross, no outro extremo do condado, sabia?". "Realmente? É um lugarzinho bem bonito. Já passei por lá umas duas ou três vêzes".

O miserável tem muito sangue frio. Observei seu perfil. Nem uma só contração do maxilar quando mencionei a aldeia em que êle esmagou Martie. Nada! Conseguirei, algum dia, arrancar-lhe a máscara? Lena olhava a estrada, à sua frente, mantendo as duas mãos cruzadas sôbre os joelhos, imóvel. Cometi uma grande imprudência, falando de Sawyer's Cross. Seria uma catástrofe, se George se lembrasse de efetuar sondagens a meu respeito, fôsse por desconfiança, fôsse por curiosidade... Mas, sem dúvida, não existiu nenhuma família Lane, em Sawyer's Cross, no correr dos últimos cinqüenta anos. O olhar de Lena evitou o meu, quando descemos do veículo; ficara silenciosa desde que eu mencionara o nome da aldeia. Mas, por mais surpreendente, êsse mutismo de Lena não podia ser apontado como um detalhe decisivo.

Ao retornarmos, pedi a George para me permitir examinar o veículo, cujo tipo me parecera bastante curioso. Assim, pude examiná-lo de perto. Os faróis estão protegidos por um gradeado metálico, como eu já esperava. Mas não notei qualquer diferença entre o pára-lamas da esquerda e o da direita, assim como no pára-choque, que não parecia mais novo

que o resto do veículo. Mas não era para surpreender. Depois de sete meses! Mas renunciemos à esperança de encontrar provas materiais do acidente. As únicas provas restantes estão escritas nas mentes de George e de Lena. Não. Na de Lena sòmente. George parece haver esquecido tudo. Duvido que sua consciência lhe censure por espaço tão longo um lamentável incidente de estrada.

Agora, dois pontos de interrogação se apresentam: como atingirei meus fins? E, pergunta imediata: que razão plausível poderei invocar para prolongar minha permanência aqui? Lena deve voltar a Londres amanhã. Talvez a inspiração chegue esta tarde? Ficou combinado que jogaremos tênis na residência dos Rattery.

3 de agôsto

Uma das dificuldades está aplainada. Aqui ficarei um mês inteiro — por convite mais ou menos formulado por George — o que deverá ser tempo suficiente. Mas respeitemos a ordem cronológica dos fatos.

Fui o primeiro a chegar à residência dos Rattery, ficando os demais convidados atrasados. George propôs uma partida de tênis com Lena e Phil. Esperamos um momento, já no *court*; depois, George começou a chamar Phil, que se achava dentro de casa, gritando sempre com mais fôrça. Seus gritos atraíram Violet, que tentou levar George para um canto e murmurou uma frase, da qual as palavras "recusa vir jogar" chegou aos meus ouvidos.

— Ora essa! Que tem êle? — exclamou George. — Não estou mais entendendo êsse garôto ùltimamente. Recusa jogar? Por quê? Pois está refugiado no seu quarto... Pois eu...

— Êle não está bem, George. Você brigou com êle, esta manhã, por causa das notas do colégio...

— Não diga tolices, Violet. Phil tem descuidado de maneira lamentável no último trimestre. Carruthers afirma que êle é inteligente, mas que não tem a mínima *chance* de entrar para o time de *rugby*, no ano próximo, se não tirar melhores notas nas provas finais. Você quer que êle seja um fracassado?

— Não, é claro... Mas...

— Neste caso, Phil tem que reagir. Não estou decidido a atirar o dinheiro fora, pagando seus estudos sem resultados apreciáveis. Se êle...

— Atenção! Você está com uma abelha nas costas! — exclamou Lena, com voz falsamente alarmada.

— Deixe-me em paz, Lena, por favor! — disse George, com maus modos.

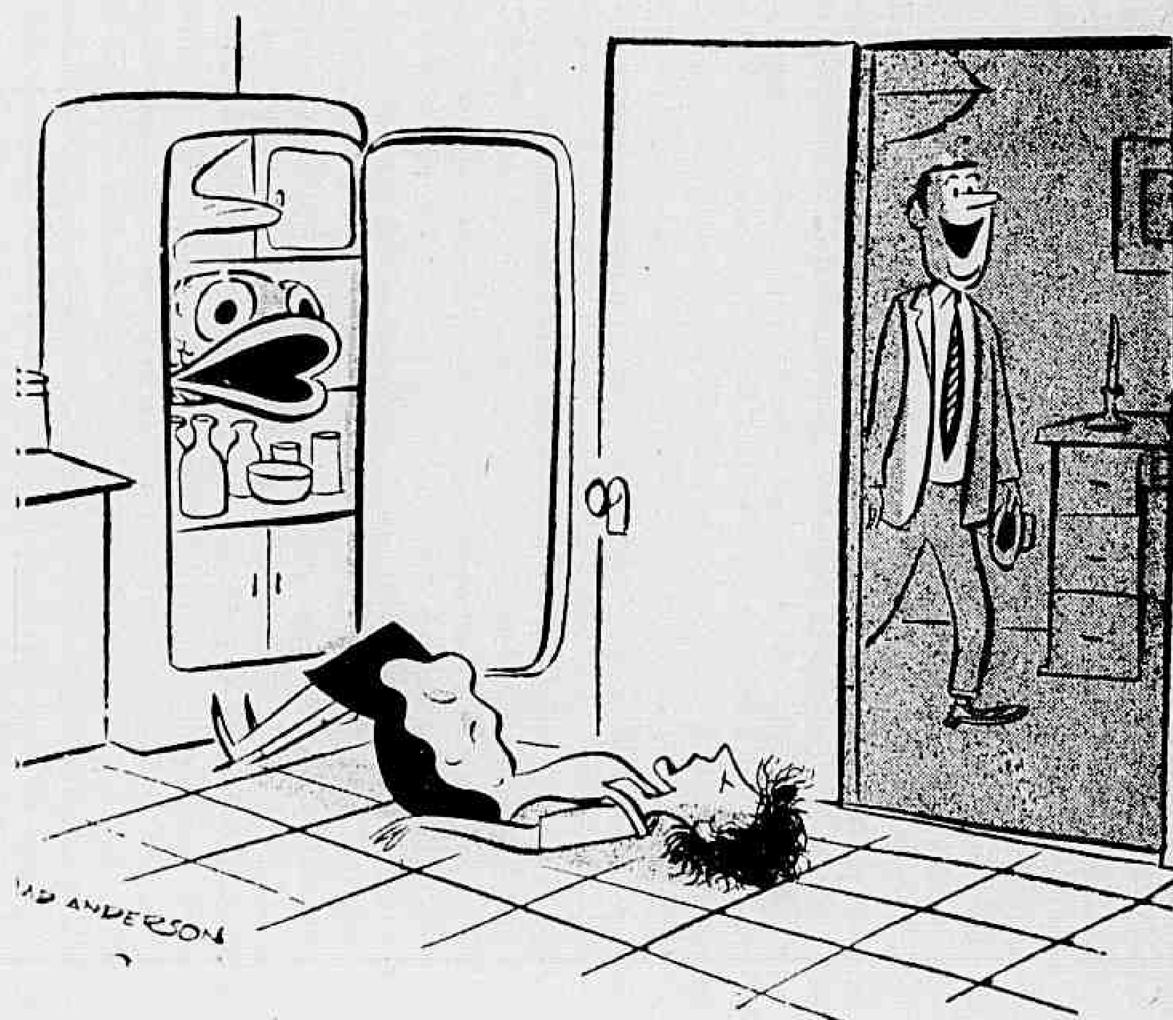
A ansiedade e uma certa piedade por Phil, que passaria um mau quarto de hora, caso seu pai o fôsse buscar em seu quarto, com a disposição que agora aparentava, levaram-me a intervir:

— Vou explicar a Phil que precisamos dêle como um quarto jogador.

George ficou imobilizado de espanto. Mas só dificilmente poderia impedir minha entrada na casa.

Encontrei o menino em seu quarto, com ar aborrecido e um tanto assustado. Mas abriu-se um pouco — no fundo era um bom menino — e tive apenas que ouvir suas confidências. Não se descuidara nos últimos meses de estudos, mas um de seus condiscípulos o tomara por alvo de suas implicâncias, impedindo que pudesse prestar tôda a atenção nos trabalhos de aula. Phil soluçava ao terminar. Por que a vista de suas lágrimas me lembrou o desespêro de Martie, no dia do massacre de minhas rosas? A verdade é que um movimento impulsivo me levou a propor a Phil dar-lhe algumas aulas particulares,

EM TEMPO



— *Viu o que pesquei esta madrugada, querida?*

durante as férias, a fim de que pudesse recuperar o tempo perdido.

A explosão de reconhecimento do pobre menino me deixou muito emocionado. Êle ainda repetia seus agradecimentos, quando compreendi que as aulas propostas a Phil me dariam um bom pretexto para permanecer em Severnbridge. Fazer o bem com uma intenção criminosa... Mas a supressão de um ser nefasto pode entrar na categoria dos "fins dolosos"? Esperei o momento favorável — George ganhou, felizmente, um *set* de tênis, o que lhe restituiu todo o bom-humor — para lhe dizer que contava permanecer em Severnbridge mais algumas semanas. A aldeia me inspirava e ali estaria melhor que em Londres para começar meu novo livro. Acabei propondo-me para "melhorar os estudos de Phil" durante as férias. A princípio, George não pareceu encantado com a idéia, mas aceitou meus serviços e chegou ao extremo de oferecer-me hospitalidade. Minha recusa, polida, porém firme, pareceu aliviá-lo. Eu não queria, por preço nenhum, ficar um mês sob o teto dos Rattery, não pelo escrúpulo de comer o pão do homem que vou matar, porém, mais prosaicamente, porque uma atmosfera de constantes discussões seria intolerável. Além do mais, creio que George é homem capaz de rebuscar as minhas coisas e não desejo que êste diário caia entre suas mãos. As lições quotidianas dadas a Phil reforçarão minha situação na casa.

Tudo combinado, continuei a partida de tênis durante uns momentos. O associado de George, Harrison Carfax, jogava com Violet contra George e a senhora Carfax, uma mulher alta, morena, do tipo boêmio. Tive a impressão de que ela podia ser uma das razões da feliz mudança de gênio de George; vi os dedos dêste esquecidos sôbre os de sua parceira, quando esta lhe entregava as bolas para o serviço e mesmo surpreendi alguns olhares apaixonados. A senhora Carfax era mais desculpável, dado que seu marido era um homenzinho sêco e insignificante.

Lena veio sentar-se ao meu lado um pouco distante dos outros convidados. Eu nunca a tinha visto tão linda, no seu uniforme de tenista, que lhe dava ares mais moços, cheios de graça e candura.

— Você joga muito bem — disse eu.

— Qual nada... Você deve dirigir seus elogios a Rhoda Carfax — respondeu ela, sem conseguir esconder sua satisfação.

— Oh! Deixo êsse cuidado para George...

— George? Não seja ridículo!...

Logo, porém, reprimiu seu movimento de impaciência e prosseguiu:

— Quase não tenho visto você desde que aqui estamos. Você anda com o olhar distante, como um homem atacado de amnésia ou que sofre de indigestão. Que há, Felix?

— Nada... Palavra! Os artistas e os escritores vivem nas nuvens. Isso é sabido.

— Poderia descer, lá de cima, de vez em quando, para beijar uma pobre moça?

Colou a bôca contra minha orelha, para acrescentar:

— Não é preciso esperar o retôrno a Londres para isso, meu bem.

Ninguém me acusará de faltar com o seguimento de minhas idéias criminosas. George me fêz esquecer meu interêsse por Lena. Eu lhe revelei, com cuidado, minha intenção de ali permanecer, enumerando minhas razões. Receava uma cena. Mas nada ocorreu. Lena recebeu muito bem a notícia e até sorriu para mim, quando a deixei para me dirigir ao *court*. Durante a partida, observei que ela conversava animadamente com Violet e quando delas me aproximei ouvi-a dizer a George esta frase, sem dúvida destinada aos meus ouvidos: "George, querido. Você gostaria se a sua cunhada aqui ficasse algum tempo? Terminei um filme horrível e acho que estou precisando de férias. Se você não faz objeção..."

Êle a examinou com olhar de negociante de escravas calculando o valor da mercadoria.

— Sim. Podemos suportar você por algum tempo mais... se Vi não opinar em contrário. Mas, afinal, por que essa repentina mudança de projetos?

— Para ser franca... eu morreria longe do meu namorado. Psiu! é um segrêdo.

— Namorado?

— O sr. Felix Lane... Entendeu?

George desatou a rir, com riso estúpido.

— Essa é sensacional, Lena! Quem diria que você... E logo por quem!

Êle sabia que eu tudo estava ouvindo. Foi bom, até, que não tivesse visto a expressão do meu rosto. Seu gracejo ficará gravado em minha memória. Mas que pensará Lena? Estaria gostando de me ridicularizar aos olhos de George? Ou estaria eu enganado, desde o início, a seu respeito? E enganado de maneira trágica e indesculpável?

5 DE AGÔSTO

Lição com Phil, esta manhã, como de hábito. Trata-se de um menino muito bem dotado. De quem herdou sua inteligência? Mistério — mas não estêve em sua melhor forma, esta manhã. Certas indicações — a inatenção de meu aluno e os olhos avermelhados de Violet, que comigo cruzara na escada, baixando a cabeça — fizeram-me desconfiar de um drama doméstico. Phil perguntou, repentinamente, no meio de um exercício de latim:

— O senhor é casado?

— Não, por quê?

Essa mentira me custou um certo esfôrço. Minto, porém, sem hesitar, para todos os demais membros da família.

— Acha que... que casamento seja uma boa coisa? — continuou êle, com voz ligeiramente contida.

Como a maioria dos filhos únicos, Phil está velho para a sua idade.

— Sim — respondi, observando-o atentamente. — Certas uniões são muito felizes.

— Tudo depende das pessoas. Eu não me casarei nunca. Receio escolher mal e ser infeliz. Se...

— Às vêzes, o amor torna o indivíduo infeliz, Phil. Pode parecer monstruoso o que digo; mas, infelizmente, é a verdade!

— Oh! O amor...

Uma pausa. Depois seu segrêdo escapou, quase sem sentir.

— Papai, às vêzes, bate em mamãe...

Não achei o que dizer ao pobre menino que tanto precisava de ser tranqüilizado. Como tôdas as almas sensíveis, o desgraçado sofre cruelmente com a desinteligência de seus pais... Tem a viva impressão de viver sôbre o flanco de um vulcão, longe de tôda segurança possível. Contive meu desejo instintivo de consolar o pobre menino, pois como observador tenho que conservar meu olhar fixado sôbre meu objetivo.

— Continuemos nosso exercício — disse eu, com frieza indesculpável.

Corei da minha covardia ao notar o reflexo de minha traição sôbre o rostinho de Phil.

6 DE AGÔSTO

Visitei a fundo a garagem Rattery-Carfax a pretexto, segundo expliquei a George, de enriquecer a documentação nunca vasta de um autor de romances policiais. Fiz um certo número de perguntas absurdas a meu guia para estimular seu zêlo de proprietário condescendente e chegar a meus fins. A garagem possui um importante estoque de peças sobressalentes para diferentes marcas de automóveis. Abstive-me de falar de pára-lamas e pára-choques, temendo despertar as suspeitas de George e levá-lo a desconfiar de que sou um policial disfarçado. Soube, por outro lado, que êle costumava, uma vez por outra, deixar seu automóvel ali mesmo, para a noite, embora tendo uma garagem em sua própria casa.

Saímos pela porta do fundo para um trecho de terreno vazio, que descia até

★

"REVEILLON"



— Realmente, não ficou "tão bom" como esperávamos...

o Severn. Um monte de ferragens atraiu minha atenção como um ímã, sem que eu suspeitasse George de ser tão imbecil para ter jogado ali o pára-lama amarrotado. Detive-me diante daquele material amontoado para dizer:

— Èsses destroços não enfeitam o ambiente.

— Que posso fazer? É preciso jogá-los em algum lugar, não acha? Não poderia enterrá-los, é claro!

George se irritara ligeiramente. Como é possível ser, ao mesmo tempo, tão orgulhoso e tão desatento? Decidi correr o risco de perguntar:

— Por que não atira tôda essa ferragem inútil no rio? Nunca se lembrou de fazer isso? Creio que seria um excelente meio de deixar o terreno limpo.

Sua resposta tardou um pouco. Assaltado por um tremor nervoso, tive que me aproximar do rio para fugir a um olhar agudo de meu companheiro.

— Essa idéia é simplesmente louca — disse êle, com sua rude franqueza. — Teria todo o conselho municipal contra mim, se jogasse essas coisas no rio, meu caro...

George se aproximou de mim, onde ficou calado, alguns instantes, antes de dizer:

— No rio! Essa foi muito boa! Vou mesmo contar a Carfax, sem lhe tirar uma vírgula. Além do mais, as margens têm pouco fundo, como pode ver...

Conselho inútil. Eu bem via o fundo do Severn. Mas via, também, a umas vinte braças, um pouco para a esquerda, um velho barco amarrado. Sim, George, os bordos são pouco profundos para dissimular objetos comprometedores; mas nada o impediria de desamarrar o barco e ir lançar as provas do crime no meio do rio!

— Não imaginava que o Severn fôsse tão largo aqui — disse eu. — Gostaria de fazer um passeio em barco a vela. Onde poderia encontrar um barco de aluguer?

— Provàvelmente — disse êle, em tom indiferente — poderá encontrar o que quer. Porém êsse gênero de navegação não interessa. Passar horas, sentado numa pôpa, com uma cordinha na mão, muitas vêzes sem avançar? Comigo não!

— Vejo que terei que levá-lo algum dia, com boa brisa. Verá, então, que delícia que é!

Eu já sabia o que desejara saber. O monte de ferragem não apresentava qualquer interêsse. Deixemo-lo em paz... com seus ratos. Tinha visto um dêsses roedores sair de sob aquela lataria. Deviam viver num paraíso, com o rio a dois passos. Na garagem encontrei Harrison Carfax e falei-lhe do meu desejo de velejar um pouco no Severn. Justamente, seu filho tinha um veleiro de quatro metros, que me emprestaria com prazer, pois que só se servia do mesmo aos sábados e domingos. Será uma agradável diversão. Poderei levar Phil comigo, uma vez por outra.

7 DE AGÔSTO

Estive a ponto de matar George Rattery. Faltou pouco. Estou exausto. Nenhuma emoção, mas uma dolorosa impressão de vazio, como se fôsse eu e não êle o beneficiário de um *sursis*... de um adiamento, embora curto, de execução, *mais exatamente*. Tudo foi de uma simplicidade infantil a maneira como a ocasião se apresentou a mim como a causa de sua salvação. Tornará a apresentar-se ocasião semelhante? Já passa de meia-noite e não posso expulsar a obsessão da cena. Talvez possa encontrar o sono quando a tenha passado para o meu diário...

George, Violet, Lena, Phil e eu, saímos cedo para uma excursão a Cotswolds. Pretendíamos visitar Bibury e fazer um piquenique em campo aberto. George me orientou em Bibury com ares de proprietário e procurei agir como se não conhecesse essa aldeia tanto quanto êle próprio. A seguir, atingimos as colinas. Lena se sentara no fundo do veículo, com Phil e eu. Muito terna, nessa manhã, apoiou-se em meu braço para saltar. Essas demonstrações teriam irritado a George? Qualquer coisa deve ter contrariado o homem, em todo caso, pois que não posso explicar de outra forma a cena terrível que surgiu repentinamente, quando paramos na orla de um bosque, para comer. Após haver estendido um cobertor sôbre a relva, Violet propôs que se acendesse uma fogueira para afastar as môscas e outros insetos.

(Continua no próximo número)


insinuante
A SAPATARIA
MAIS QUERIDA
da CIDADE
Sugere
UM PRESENTE
UTIL
AGRADAVEL
ECONOMICO
insinuante
DEVOLVE A IMPORTANCIA COM O MESMO SORRISO COM QUE LHE VENDE.
insinuante
CARIOCA, 46-48 - 7 de SETEMBRO, 199-201
AT. SEMOG

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

A gramática, por si só, jamais ensinou a escrever e a falar. Deve o ensino do idioma ser baseado, principalmente, nos exercícios de leitura e de composição.

JOSÉ RICARDO NETO



O ENSINO DO IDIOMA

Temos dito, e de repetir não nos cansamos: deve o ensino da língua assumir caráter eminentemente prático. Os estudos de gramática devem ser dirigidos de modo objetivo, em razão do texto e da composição. Quem estuda um idioma tem por objetivo falar e escrever êsse idioma. E as regras de gramática, ministradas como em geral o são, ao invés de contribuírem para êsse escopo, geram a monotonia e o aborrecimento, de maneira que o aluno logo sente ojeriza pelas aulas de português.

Transformemos tais aulas, irreverentemente apelidadas de aulas de gramática, em aulas de linguagem, através das quais a mocidade aprenda a falar e a escrever.

Leitura e composição devem constituir os exercícios principais.

Leitura bem escolhida, acompanhada de interpretação e de comentários gramaticais.

Composição periódica, devidamente corrigida e comentada.



CORRESPONDÊNCIA

A. F. (São Paulo) — Os têrmos que me enviou são de emprêgo regional, alguns de origem tupi.

Gapuiar significa apanhar peixe. É verbo de uso corrente no Pará e no Maranhão. Também nesses Estados se usa *popocar* (abrir com violência).

Apinchar significa lançar, arremessar. *Embiocar* significa entrar no buraco.



V. B. (Nesta) — Tem razão o consulente: o substantivo *flores* não leva acento circunflexo. E isso porque, sendo o verbo *florir* defectivo, não existe homonimia. É certo que, sôbre o assunto, há opiniões divergentes, mas o consenso geral, que adotamos, é êste.

O substantivo *fôlha* (pl. *fôlhas*) leva acento diferencial (existe *folha*, verbo *folhar*).

A expressão *saber de cor* é vestígio da mentalidade antiga, que fazia do coração a sede dos fenômenos afetivos e intelectuais (por isso ainda dizemos *ter bom coração*).

Cor, cordis é palavra latina que significa *coragem, coração*. Daí a expressão francesa *avoir du coeur* (ter coragem). E os inglêses têm a construção *by heart* (decorar, saber de cor). Também os franceses dizem *par coeur* (de memória).

Com a raiz de *cor*, temos *cordial, concordar, acôrdo, acordar, misericórdia*, etc.

JOSÉ RICARDO NETO

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM OUTUBRO DE 1954

1 — SEXTA-FEIRA: — Tropeça a Conferência de Londres com novo obstáculo, criado pela exigência da França de controlar a produção de armas da Alemanha. — Cresce a onda de escândalos nas altas esferas políticas e militares francesas, motivadas pela espionagem em favor de potência estrangeira. — Dezenas de mortes causadas pelas inundações nas costas mexicanas do Pacífico, onde são tremendos os furacões. — Considerado restabelecido o Papa Pio XII, da enfermidade gástrica que o atacou há quatro semanas.

2 — SÁBADO: — Histórico acôrdo final (em princípio) na Conferência de Londres, sôbre o restabelecimento da soberania alemã. — Acusado de alta traição e espionagem o secretário do Conselho de Defesa da França. — Nomeado diretor da Petrobrás o sr. Alfredo de Oliveira Figueiredo. — Descobertos ao largo da costa italiana de Orbetello os restos de uma cidade submersa. — Também na Suíça é descoberto petróleo, perto de Lucerna. — Greve geral no pôrto de Londres, paralisando os trabalhos nos 16 quilômetros de cais.

3 — DOMINGO: — Entusiasmado o presidente Eisenhower com o acôrdo de Londres sôbre a soberania alemã. — Espera-se para qualquer momento a comunicação oficial, em Roma e Belgrado, sôbre o definitivo acôrdo sôbre Trieste. — Iniciada em Ottawa a VI Reunião Anual do Comitê Consultivo do Plano de Colombo, destinado à reconstrução econômica da Ásia meridional e do sudeste da Ásia.

4 — SEGUNDA-FEIRA: — Nove potências ocidentais assinam acôrdo histórico sôbre o rearmamento da Alemanha Ocidental, tendo a França desistido de suas exigências. — Iniciado pelo Ministério dos Transportes da Grã-Bretanha o inquérito a respeito do desaparecimento do velho encouraçado brasileiro, "São Paulo", fato ocorrido no Atlântico, em plena tempestade, quando o navio era levado como ferro velho para estaleiros inglêses. — Agitação comunista na Guatemala e no Japão. — Novos vultos da política e do

O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

à venda nas boas perfumarias

Laboratórios VINDOBONA
R. Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Racé

Racé

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório "Racé".

NOME: ....
RUA: ....
CIDADE: ....
ESTADO: ....

Exército envolvidos nos escândalos da espionagem.

5 — TÊRÇA-FEIRA: — Assinado em Trieste o acôrdo que acaba com a longa disputa entre a Itália e a Iugoslávia, sôbre o território adriático de Trieste. — Chamado a depor no inquérito de espionagem, o ex-premier René Pleven. — Vinte e cinco mil trabalhadores do pôrto de New York entram em greve. — Nomeado diretor da Petrobrás o sr. Hélio Marcos Pena Beltrão. — Nova nota de protesto da Índia a Portugal relativa aos territórios lusos na Índia. — Conspiração comunista no Iraque sufocada pelo govêrno. — O marechal Montgomery treinará o novo exército alemão.

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O MAIS ANTIGO DO RIO DE JANEIRO

Capital .... Cr$ 90.000.000,00
Reservas .... Cr$ 83.000.000,00

Matriz:
RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Tel. 43-8966

AGÊNCIAS:

Distrito Federal:

COPACABANA — Av. Copacabana, 1.155
MÉIER — Rua 24 de Maio, 1.355
S. CRISTÓVÃO — Rua S. Luís Gonzaga, 45
TIJUCA — Praça Saenz Peña, 9
URUGUAIANA — Rua Uruguaiana, 7
RIACHUELO — Rua Riachuelo, 387
MADUREIRA — Est. Portela, 44-A

Estado de S. Paulo: S. PAULO — CAPITAL

TÔDAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS INCLUSIVE CÂMBIO

SEÇÕES ESPECIALIZADAS PARA GUARDA DE TÍTULOS E VALORES

6 — QUARTA-FEIRA: — Periga o acôrdo de Londres sôbre a Alemanha, com a ameaça de não ser aprovado pelo Parlamento francês. — Entra, finalmente, em Trieste um general italiano. — Israel propõe pactos de não agressão com seus vizinhos árabes. — Negocia o sr. Eugênio Gudin empréstimo de oitenta milhões de dólares para o Brasil. — A Rússia propõe a imediata retirada das fôrças de ocupação da Alemanha. — Os comunistas chineses, empregando aviões e submarinos russos, fazem um ensaio de assalto à ilha Quemoy, ocupada pela China Nacionalista.

7 — QUINTA-FEIRA: — Aprovado pelo Conselho Executivo da Iugoslávia o acôrdo de Trieste. — Entrega credenciais o novo ministro do Haiti no Brasil. — Terminado o inquérito sôbre a perda do "São Paulo", confirmando-se que o navio tinha boa estabilidade, mas que na coberta havia várias brechas que não foram conve-





Especialidade em Caramelos Nata Petrópolis
e Toffees de Luxo



OVOS
de
PÁSCOA

FÁBRICA DE CHOCOLATES PATRONE S. A.

Bonbonière:
Aeroporto Santos Dumont
Rio

Escritório e Depósito:
Rua da Lapa, 10-12
Rio

Fábrica:
Rua Coronel Veiga, 1.349
Petrópolis

nientemente fechadas e que o inesperado furacão causou o naufrágio do velho navio. — Greve estudantil nos Estados Unidos contra a licença dos alunos de côr freqüentarem as escolas dos brancos. — Novos incidentes entre patriotas indianos e autoridades portuguêsas em Damão.

8 — SEXTA-FEIRA: — Periga a posição de Mendes-France como chefe do govêrno francês, em conseqüência dos debates sôbre os acordos de Londres. — O premier Mario Scelba conquista um voto de confiança do parlamento italiano, relativo à questão de Trieste. — Consegue o Brasil um crédito de 160 milhões de dólares nos Estados Unidos. — Não será concedido o Prêmio Nobel da Paz, êste ano, podendo, em 1955, o Comitê Nobel do "Storting" conceder dois prêmios da paz. — Falece em Copenhague a sra. Assunta Goretti, que era a única mãe viva, no mundo, de uma santa católica. Sua filha, Maria Goretti foi canonizada no Ano Santo de 1950.

9 — SÁBADO: — Discursando no Congresso Conservador de Blackpool, declara Churchill que "enquanto viver defenderá a política de co-existência pacífica com a Rússia". — Realiza-se na Guatemala um plebiscito para saber se Castillo Armas continuará na presidência da República. — Hanoi é ocupada pelas fôrças do Viet-Minh; a cidade era governada pela França há 80 anos. — Navio grego recolhe sobreviventes do navio mercante Mormackite, que naufragou quando navegava de Buenos Aires para Baltimore. — Nomeado o sr. Helvécio Xavier Lopes, presidente do I.A.P.T.E.C.

10 — DOMINGO: — Realizadas eleições gerais em Honduras, estando à frente o Partido Liberal. — Na Guatemala, Castillo Armas vai ganhando o plebiscito. — Sérios distúrbios no Irã, havendo centenas de prisões. — Violento expurgo no govêrno comunista da Hungria, havendo várias condenações à morte. — O papa fala com voz firme e em cinco idiomas,

Casa Marques

Armarinho e Confecções

Especialista em meias, rendas, bordados, fitas e artigos para presentes.

Marques, Irmãos & Cia. Ltda.

Rua Arquias Cordeiro, 283

Telefone 29-2681
Meier

Teleg.: MARQUINHO
Rio de Janeiro

saudando 15.000 peregrinos que o visitaram em Castel Gandolfo.

11 — SEGUNDA-FEIRA: — Melhora a posição de Mendes-France na Assembléia Francesa, onde conquista o apoio dos socialistas. — Fracassa nova tentativa ocidental, na ONU, no sentido de conseguir o apoio da Rússia para um metódico desarmamento mundial. — Condenado à morte, no Irã, Hussein Fatemi, ex-ministro das Relações Exteriores no govêrno Mossadegh. Fatemi apelou. — Aposentado o diplomata Mário de Pimentel Brandão. — Visita o Brasil o sr. Katsuo Okasaki, ministro das Relações Exteriores do Japão. — Chega a êste pôrto a fragata inglêsa "Veryan Bay".

12 — TÊRÇA-FEIRA: — Aprovado, por larga margem, voto de confiança no govêrno Mendes-France. — Alarmados os círculos norte-americanos com a possível melhoria nos preços do café brasileiro. — Ordenada a evacuação do pessoal civil de Guantanamo, a maior das ilhas do Mar das Caraíbas, em virtude de avançar sôbre as Bahamas o furacão "Hazel". — Continua a greve no pôrto de Londres. — Noemado o dr. Alfredo Araújo, diretor da Agência Nacional.

13 — QUARTA-FEIRA: — O Canadá também quer conversar sôbre o desarmamento. — Mais alguns pontinhos no preço a favor do café, provoca alarma nos círculos comerciais norte-americanos, que vêem nisso uma ameaça de volta aos preços antigos. — O sul do Haiti quase totalmente arrasado pelo furacão "Hazel". — Descoberto vasto plano terrorista em Cuba, cuja finalidade era evitar as eleições de 1º de novembro. — Nomeado o sr. Samuel Puentes, juiz do Tribunal Eleitoral do Distrito Federal.

14 — QUINTA-FEIRA: — Otimismo em Londres relativamente a um próximo acôrdo anglo-egípcio. — O furacão "Hazel" continua em sua trajetória, arrasando cidades e ameaçando outras, dirigindo-se agora para a região nordeste dos Estados Unidos. — Entrega credenciais o novo ministro da Síria no Brasil. — Reiniciada em tôda a Rússia forte campanha contra a religião. — Chega a Londres, sendo recebido pela Rainha Elizabeth II, o imperador da Etiópia, Hailè Selassié.

15 — SEXTA-FEIRA: — O papa Pio XII adverte a polícia contra as prisões apressadas e os sistemas de interrogatório que por vêzes se convertem em "torturas piores que as praticadas no passado". — Cento e trinta e dois navios imobilizados no pôrto de Londres, devido à greve dos portuários. — O furacão "Hazel" aumenta de violência, com ventos de velocidade superior a 160 quilômetros por hora. — Instalado ambulatório médico no Palácio Monroe, com serviço de socorro urgente. — Instalados nesta capital os trabalhos da III Convenção da Indústria de Construção Civil.

16 — SÁBADO: — Investem os comunistas alemães contra os acordos de Londres, classificando-os de "golpe imperialista". — Também as companhias

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

DEPOSITE O SEU DINHEIRO
NA CAIXA ECONÔMICA
QUE E' O BANCO DO POVO



AGÊNCIAS EM TODOS OS BAIRROS DA CIDADE



MATRIZ: AV. 13 DE MAIO, 33/35

RIO DE JANEIRO

de ônibus, de Londres, entram em greve geral. — O furacão "Hazel", até agora, danificou dez mil edifícios, destruiu totalmente 4.600 casas e perturbou a vida de quatro milhões de pessoas nos Estados de Carolina do Sul, Carolina do Norte, Virgínia, Pennsylvania e New York. — Aposentado da Escola Nacional de Belas-Artes o professor catedrático de História da Arte, José Flexa Pinto Ribeiro. — Instalado nesta capital o 1º Congresso Brasileiro de Nutrição. — Falece nesta capital o senador Landulfo Alves.

17 — DOMINGO: — França e Alemanha iniciam conversações diretas para resolver seus eternos problemas comerciais e de fronteira. — Os comunistas declaram



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

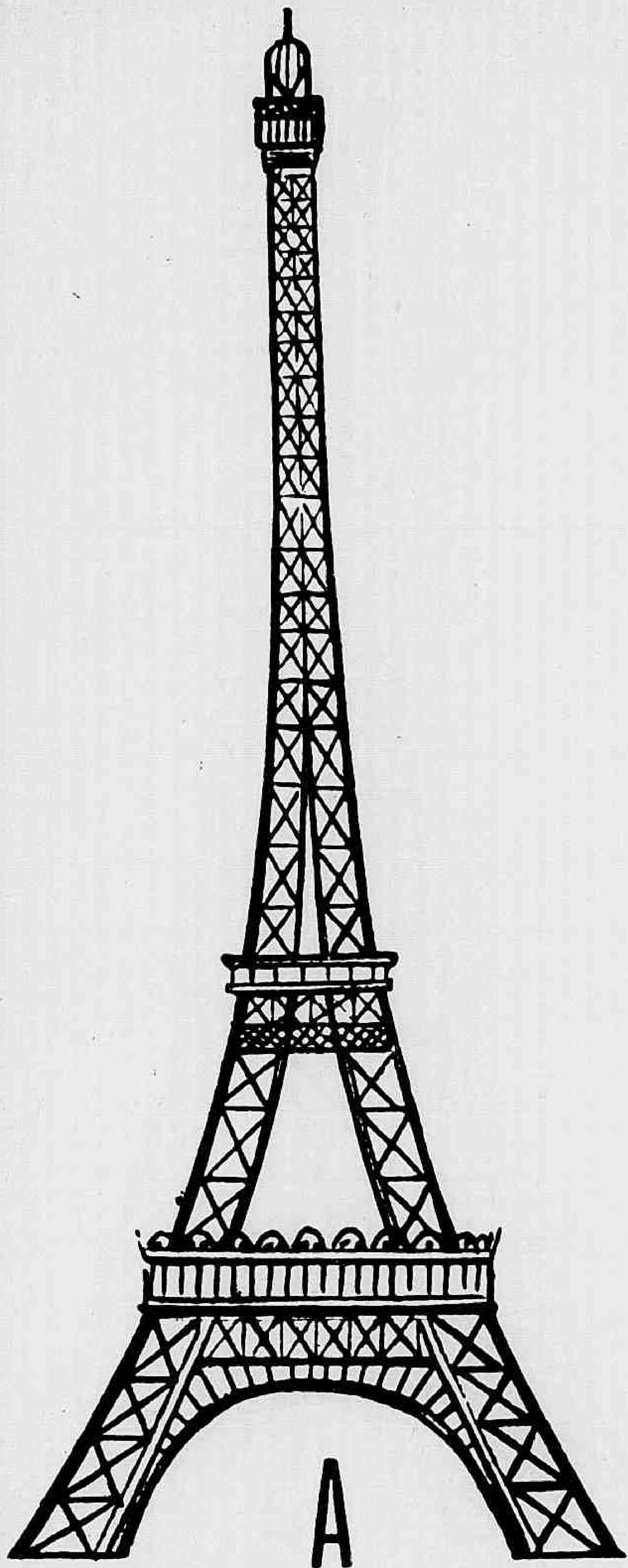
INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhaúma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO





que as últimas eleições na Alemanha Ocidental não passaram de uma farsa. — Falece nesta capital o prof. Edgard Roquette Pinto, da Academia Brasileira de Letras.

18 — SEGUNDA-FEIRA: — Considera-se em Londres que se fracassar a conferência franco-alemã, estará destruído todo o sistema de defesa do ocidente europeu. — O partido Conservador austríaco vence as eleições, derrotando os extremistas. — Revela o govêrno inglês que as greves que tão grandes prejuízos causam ao país são instigadas pelos comunistas. — Também o Canadá atingido pelo furacão "Hazel". — Falece nesta capital o general Polli Coelho. — Prosseguem os festejos da Semana da Asa.

19 — TÊRÇA - FEIRA: — Churchill declara que "ainda gostaria de conversar com o chefe do govêrno soviético". — Cento e quarenta navios e 27 mil estivadores continuam paralisados no pôrto de Londres. Também em Liverpool os portuários entram em greve. — Assinado o acôrdo anglo-egípcio. — Declaram os técnicos que os desastres com os aviões "Comet" eram causados por "rápida fadiga dêsses aparelhos". — Convocado o sr. Durval Neves, suplente do senador Landulfo Alves, recentemente falecido.

20 — QUARTA-FEIRA: — Declarado extinto o Estatuto de Ocupação da Alemanha Ocidental, tratando-se agora do ingresso dêsse país na aliança atlântica e na organização revisada do Pacto de Bruxelas. — Canadá e Itália também comparecerão à Conferência Econômica do Rio de Janeiro, que se realizará em novembro próximo, sob a orientação da O.N.U. — Estudantes egípcios festejam ruidosamente, nas ruas do Cairo, a evacuação inglêsa do Canal do Suez.

21 — QUINTA-FEIRA: — O prêmio Nobel de medicina é concedido aos drs. J. F. Enders, Thomas Weller e Frederick Robins, norte-americanos, pela descoberta do poder do vírus da poliomielite de se multiplicar nas culturas de

ALMEIDA COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE FERRO Ltda.

Sucessora de L. B. de Almeida & Cia.

DISTRIBUIDORES DA CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL — CIA. SIDERÚRGICA BELGO MINEIRA E OUTRAS USINAS NACIONAIS.

FUNDIÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS

Oficina mecânica em geral — Fogões à gás e lenha, marca «Progresso» — Prensas para ladrilhos e escritório.

Bancos para jardim — Colunas de ferro fundido para iluminação de jardins.

IMPORTADORES DE

Chapas de ferro pretas, galvanizadas e corrugadas para portas — Ferro em barras — Vergalhões — Cantoneiras — T — U e eixos para transmissões — Tubos de ferro galvanizados, pretos, vermelhos e de aço para caldeira.

COMUNICAM A SUA NOVA RÊDE DE TELEFONES, A SABER:

MESA TRONCO	52-2104	SECÇÃO TÉCNICA	52-2103
SECÇÃO DE VENDAS	52-2102	CONTABILIDADE	22-1342
SECÇÃO DE VENDAS	22-0409	GERÊNCIA	22-2549
EXPEDIÇÃO	22-1584		

RUA DOS ARCOS, 28-42

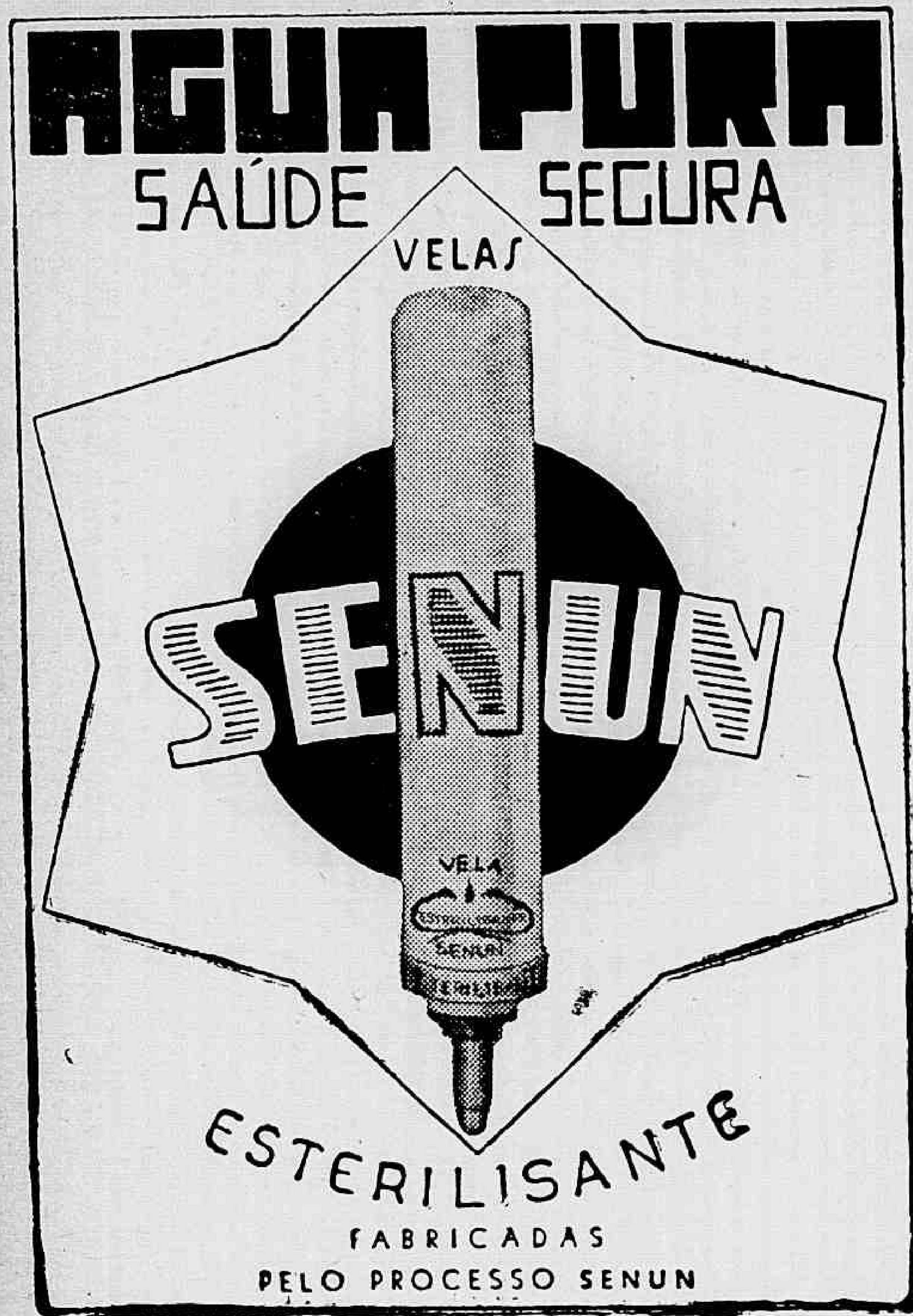
RIO DE JANEIRO

diversos tecidos. — Falece em Roma o cardeal Domênico Jório, abrindo a quarta vaga no Colégio dos Cardeais, que se compõe de setenta príncipes da igreja. — Entrega credenciais o novo embaixador de Honduras no Brasil. — Falece nesta capital o contra-almirante Gastão Mota, chefe do Serviço de Intendência da Marinha. — Falece nesta capital o sr. Robert M. Dithgow, 3º secretário da Embaixada do Canadá.

22 — SEXTA-FEIRA: — Os ministros do Exterior da Inglaterra, França, Estados Unidos e Alemanha Ocidental aprovam todos os documentos relativos à soberania da República Federal Alemã e o fim da ocupação aliada. Também aprovado o ingresso da Alemanha na OTAN. — Distribuídos os prêmios Maria Cabot de 1954 destinados a distinguir esforços em favor de um melhor entendimento internacional. Entre os recependiários está o sr. Danton Jobim, diretor do "Diário Carioca". — Eleito presidente da Confederação Nacional do Comércio o sr. João de Vasconcelos.

23 — SÁBADO: — A Rússia apresenta proposta para o restabelecimento da unidade alemã, que nada mais é senão um último esfôrço contra o rearmamento alemão. — O papa Pio XII implora à Virgem Maria que "olhe com olhos de piedade para seus inocentes e atormentados filhos perseguidos nos países da Cortina-de-Ferro". Anuncia, igualmente, numa encíclica, a decisão pontifícia de criar o "Reino de Maria", a 31 de maio. — Falece em São Paulo o ilustre escritor e poeta Oswald de Andrade. — Tem início a Semana Anti-Alcoólica. — Revela-se que no Paraná estão entrando 150.000 estrangeiros por ano.

24 — DOMINGO: — Regressa a Washington o secretário Foster Dulles, entusiasmado com os bons resultados alcançados em favor da Alemanha e da segurança do ocidente europeu. — Segundo o chanceler português é de "tensão permanente" a situação em Goa. — Numerosas prisões na Hungria, onde se anuncia novo expurgo entre os altos comissários comunistas.



25 — SEGUNDA-FEIRA: — O marechal Tito reafirma a vontade da Iugoslávia de cooperar com as potências signatárias do Pacto de Bruxelas. — Baixam novamente em New York os preços do café. — Mais quatro oficiais do exército condenados à morte por "traição", no Irã. — Começam os estivadores londrinos a voltar ao trabalho, embora em pequeno número.

26 — TÊRÇA-FEIRA: — Segundo já se esperava, Churchill rejeita a proposta russa para uma conferência sôbre a unificação da Alemanha. — Diminui para 2.700.000 o número de desempregados nos Estados Unidos, sendo êsse o ponto mais baixo do ano e um milhão menos que na fase mais crítica. — Ainda não descoberto o verdadeiro autor do atentado contra o chefe do govêrno militar egípcio. — Ruidosas manifestações populares em Trieste com a chegada das primeiras tropas italianas nos têrmos do tratado recentemente assinado. — Chuvas torrenciais causam grandes devastações entre Nápoles e Salerno, na Itália.

27 — QUARTA-FEIRA: — Pretendem os Estados Unidos empreender política financeira, comercial e técnica, na conferência do Rio de Janeiro, que poderá ter um efeito "formidável" nos países latino-americanos. — Duzentas e quarenta e cinco pessoas morreram na Itália, em conseqüência das inundações em Salerno e Nápoles. A lama, nas ruas, atinge uma altura de 70 centímetros. — Assinatura do Tratado de Intercâmbio Comercial com a Espanha, no Itamarati. — Grave incidente diplomático em Moscou, sendo prêsas as espôsas de dois funcionários da embaixada inglêsa.

28 — QUINTA-FEIRA: — A Casa Branca considera o acôrdo realizado entre os governos da França e da Alemanha "como um progresso particularmente encorajador para uma paz durável no continente europeu". — O povo de Salerno inicia o sepultamento em massa das vítimas das inundações. — Considerado "desaparecido" o príncipe Ali Reza, irmão do Xá e herdeiro presuntivo da coroa iraniana, considerado perdido com o avião em que viajava. — O prêmio Nobel de Literatura é concedido a Ernest Hemingway. — Entrega credenciais o novo embaixador da República Dominicana.

29 — SEXTA-FEIRA: — Resolvido, amigàvelmente, o incidente com familiares de funcionários da embaixada britânica em Moscou, segundo informa Londres. — A crise de habitação na França obriga o govêrno de Mendes-France a imediatas medidas no sentido de auxiliar a construção de residências para funcionários públicos. — São maiores do que se julgava as cifras relativas a mortos, feridos e desaparecidos em conseqüência das inundações em Salerno e cidades italianas vizinhas. — Chega a esta capital o sr. Neftali Ponce, novo embaixador do Equador no Brasil. — Quase resolvida a greve dos portuários de Londres e Liverpool. — Regressa a Tóquio o chanceler do Japão. — Constituído novo gabinete Sírio. — Democratas e Republicanos empenhados, nos Estados Unidos, na última batalha de propaganda visando as eleições para

governadores, senadores e deputados a realizar-se na têrça-feira próxima.

30 — SÁBADO: — Áustria e Dinamarca gostariam de beber mais café brasileiro "desde que o preço fôsse mais acessível". — O Senado italiano recebe um apêlo do sr. Mario Scelba para aprovar urgentemente os acordos de Paris. — Partem do Japão mais 490 emigrantes japonêses para o Brasil. — Prêso, no Cairo, Hausan El Hodelbi, guia supremo dos Irmãos Muçulmanos, acusado de ser mandante principal do atentado com o chefe do govêrno egípcio. — Chega a New York o chanceler Adenauer, da Alemanha Ocidental. — Descobertos nas escavações da passagem subterrânea da Central do Brasil, nesta capital, restos do "Chafariz das Lavadeiras", ali existente há mais de cem anos. — Encerrada nesta capital a Semana Anti-Alcoólica.

31 — DOMINGO: — Democratas encerram sua encarniçada campanha eleitoral. — Em conseqüêlcia da repetição de ataques a cidadãos e soldados franceses, o sr. Mendes-France envia para a Argélia 3 batalhões de pára-quedistas e 3 companhias de assalto para essa possessão africana. — O papa Pio XII coroa solenemente a Virgem Maria "Rainha do Céu e da Terra".





"Era"... mas acontece que passei a fazer o regime Eno diariamente - "Sal de Fructa" Eno ao deitar e ao levantar. A irritabilidade e o nervosismo provindos de má digestão, de prisão de ventre, de acidez, cessaram. Hoje posso dar e vender bom humor. Não seja "do contra" tome ENO laxante, antiácido e estomacal.

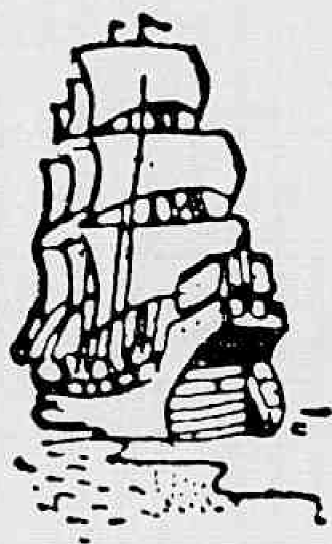
"Sal de Fructa"
ENO



Alívio rápido para
HEMORROIDES

Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroidas
Pomada ManZan
Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

CONFEITARIA COLOMBO



A COLOMBO caracteriza a vida social do Rio de Janeiro na sua expressão de fina e requintada elegância. Os seus salões de almôço, chás, lunchs, e "cocktaills" acolhem diàriamente o escol da sociedade carioca para os sutís prazeres do espírito, do coração e do paladar.

LÍQUIDOS, COMESTÍVEIS FINOS E FRUTAS — FABRICANTES DAS AFAMADAS FARINHAS ALIMENTÍCIAS MARCA "COLOMBO" — ESPECIALIDADE EM DOCES, GELÉIAS, ETC. ETC.



MATRIZ:

RUA GONÇALVES DIAS, 32/36
ANEXO À RUA 7 DE SETEMBRO, 94/96

FILIAL:

AVENIDA N. S. COPACABANA, 890

FÁBRICA:

RUA LIVRAMENTO, 174/184
Fone: 43-6925
RIO

FRANÇA & CIA. LTDA.

QUEBRA CABEÇAS

DR. LAVRUD
DIRETOR

DR. LAVRUDINHO
SECRETÁRIO

ANO XXXVIII — N.º 7 — DEZEMBRO — 1954
DICIONÁRIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRASILEIRO — 9.ª EDIÇÃO — DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS — DE LIDACI — MONOSSÍLABOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PROVÉRBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVÉRBIOS DE LAMENZA.

SENDO ESTA SEÇÃO DE DIFUSÃO DO CHARADISMO, NÃO PUBLICA TRABALHOS DIFÍCEIS.

4.º TORNEIO — OUTUBRO, NOVEMBRO E DEZEMBRO



LOGOGRIFO

— 113 —

Quem é **rico** pode usar —
5-6-7-4-2
O que há de mais perfeito,
Mas o pobre há-de comprar
Objetos com **defeito** —
3-7-5-2

Com seu vasto recebimento
O rico compra à vontade
O pobre compra o sustento
Em **pequena quantidade** —
1-4-5-2
Traço planos, há uma semana
— 1-4-3-2
P'ra comprar à prestação
Um **vaso de porcelana**
Decorada do Japão

Tonnew - Cascadura

CHARADAS NOVÍSSIMAS

114 — Duas — duas — Dizia o malandro: quando **apanho** uma **bofetada** respondo logo com um **tabefe**.

Antomar - (João Pessoa)

115 — Uma — duas — A **situação** não me permite comprar aquêle **barco de pesca**, apesar da **vantagem** do preço.

Beatriz Cardoso - C.E.P. - São Paulo

116 — Uma — três — É de real **vantagem** para o açougueiro abater **boi gordo**.

Cysneirense - Muriaé

117 — Três — três — É **falta de juízo** ou é **lisonja** valorizar tanto a **margem argilosa** de **certos rios**.

Dr. Legnar - Urupês, S. P.

118 — Três — uma — Os **vaidosos** vivem com **ar afetado**.

Dr. Zinho - S. Paulo

119 — Duas — uma — Coisa **medonha** é lidar com **homem velhaco** e aturar a sua **impertinência**.

Emidlej - A.C.C.B. - D.S.P. - Pôrto Alegre

120 — Duas — uma — **A fidalguia engolfa-se** com **prazer** no ócio. Gente **leviana**.

Gomes Júnior - C.E.C. - Maceió

121 — Duas — uma — Com o salário que recebe êle **faz esmola** e segue **viagem** por **terra**.

H. França - Recife

Academia de Acordeon
MASCARENHAS
A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

122 — Duas — três — Perdeu o **domínio** da razão quando verificou que ao comprar louça **trincada**, fôra vítima de uma **tramoia**.

Florentino - João Pessoa

123 — Duas — uma — Quem recebe **dentada, aplica dentada**.

José Coelho Vieira - Maceió

124 — Duas — uma — **Pessoa que fala muito faz** sempre muito **barulho**.

Laranjense - Aracaju

125 — Três — duas — **Sofro em segrêdo a sorte** que não me **estimula o apetite** a trabalhar.

Malba Tantan - P.S. - Santos

126 — Três — duas — **Perdi o amor a** construção, derrubei a **cimalha** e aleguei um simples **descuido**.

Oarcim

127 — Duas — uma — Conta **o que dá origem a tua** vida, **figurão!**

Pompeu Júnior - Botucatu

128 — Três — duas — **Amoleci** tal tumor usando certa **substância vegetal que abranda uma inflamação**.

Seamsa - Santos

129 — Duas — uma — A **opressão deu ensejo à sapatada.**

Santorum - Rio

130 — Duas — duas — **Gole de vinho dá mais ardor ao indivíduo valentão.**

Tartarin - Itajubá

ENIGMAS

— 131 —

"Diga ligeiro seu moço
Sem a linguinha imbolá:
Quem a paca cara compra
Paca cara pagará"

Um **biltre** ensinou-me isso
Onde eu fui veranear.
Francamente, que tropiço,
Não pude, mesmo, acertar.
Onde?

Asil - A.C.C.B.

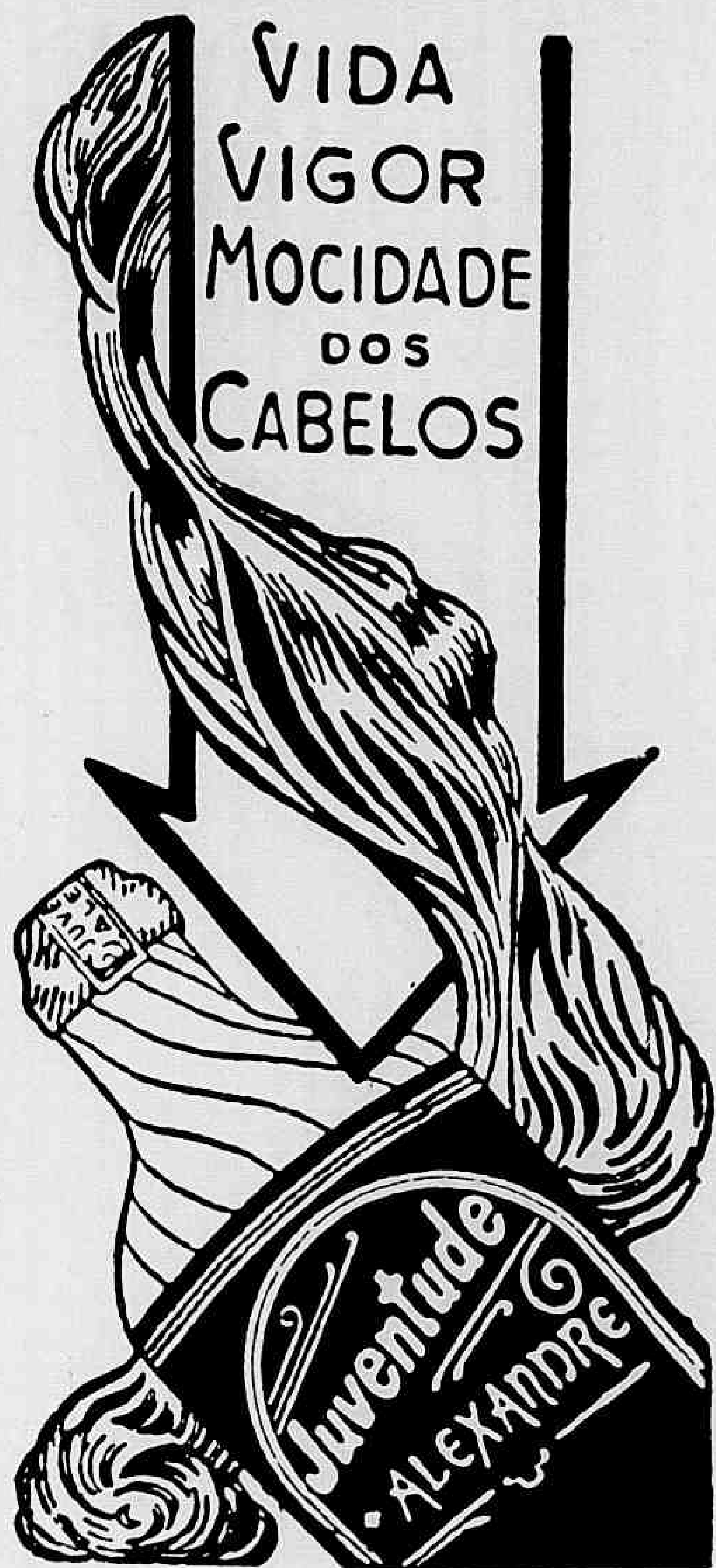
— 132 —

Se o velhaco tem ensejo,
Para boas coisas pensar...
É porque sempre o vejo,
No **santuário** à rezar...

P. Del Debbio - CEP - S. Paulo



JUVENTUDE
ALEXANDRE



— 133 —

Na mais ruidosa alegria,
Num parque, ao lado da mata,
Todo mundo se exibia
Com colarinho e gravata.

Mas, em meio ao borborinho,
Se exibia de blusão,
Sem gravata e colarinho,
Certo rapaz **fanfarrão**.

Gil Vírio - Andradina

— 134 —

Só você que mora em frente
À capela do arraial,
Pode ser **assíduo** às missas,
Em hora tão matinal.

Sertanejo II - Lavras

— 135 —

Ao insigne Ego-Ipsi com o meu abraço

Você dá no modo insinuante de [dizer,
A impressão de uma séria cala- [midade
Causada pela grande **enchente**, [quero crer,
Que agora acaba de inundar [nossa cidade.

Uedath - Fonseca, Niterói

CHARADAS CASAIS

136 — Cinco — Quase todo **mestiço** é pessoa **pouco leal**.

Bisilva - Manaus

137 — Quatro — Depois que se **torna experiente** é dever do charadista decifrar com **correção**.

Bereco - G.C.N. - Recife

138 — Duas — Subi ao alto do **Corcovado** para ver a **mulher velha e corcunda**.

Beatriz Cardoso - C.E.P. - S.P.

139 — Quatro — **Persuadido** estou que a mulher não deve ser **presunçosa**.

Conde de la Fère - Salvador

140 — Cinco — Tive o ensejo de presenciar o casamento dêste rapaz **presumido** com aquela moça **janota**.

Cysneirense Júnior

141 — Três — A qualquer indivíduo você **aborrece** com esta **maçada**.

Cysneirense Júnior

142 — Duas

Cachaça não é peçonha,
Veneno igual à maconha,
Como afirma tanta gente.
Quem tal mentira afirmou
Por certo que não provou
O "Tira-gôsto" **Inocente**.

Dr. Barreto Cardoso - G.C.N. - C.E.S. - Maceió, Al.

143 — Quatro — Qualquer um fica **mal humorado** quando tem que lidar com uma mulher **caprichosa**. . .

Edur G. Monteiro - Cuiabá

144 — Cinco — **Vestida com roupa de passeio** ela esperava agradar o namorado **casquilho**.

Ecebê - Maceió

145 — Três — Com um modo **elegante** e fino êle conduzia o **facho que se emprega na pesca noturna**.

Fiote - Cuiabá

146 — Duas — Eis uma **frase** muito comum: a **ocasião** faz o ladrão.

Gil Vírio - Andradina

147 — Quatro — O cavaleiro cumprimenta com tanto **exagêro** a namorada que descuida-se e **cai do cavalo**.

Heron Sílpes - Canavieiras

148 — Quatro — **A confusão** no tráfego **desarranja** nossos nervos.

Jovaniro - Rio

149 — Três — Para mulher casadoura que aspira riquezas, todo **sujeito endinheirado** é pessoa **bonita**.

José Coelho Vieira - Maceió

A Heron Sílpes, agradecendo e respondendo

150 — Quatro — O charadismo é um **passa-tempo agradável** que nos **diverte instruindo**.

Sertanejo II - Lavras

CHARADAS SINCOPADAS

151 — Três (duas) — Meu caro Conde de la Fère, a **escassez** de cabelos faz ficar **extraordinária** a sua bela careca.

Asil - A.C.C.B. - Salvador

152 — Três (duas) — **Indireta** sempre **destrói** amizades.

Antomar - João Pessoa

153 — Três (duas) — Um **menino** bem educado não diz **mentira**. . .

Conde de la Fère - A.C.C.B. - Salvador

154 — Três (duas) — Na primeira **partida de jôgo** ganhamos **coisa pouca**.

Cysneirense - Muriaé



DORES nas JUNTAS

A tortura das juntas rijas e inchadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que êstes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, sem fôrças para o trabalho ou disposição para gozar a vida.

Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pílulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pílulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças á sua magnífica ação tonificante.

Pilulas DEWITT
Para os Rins e a Bexiga

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo.

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO
Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo
Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDERÊÇO ....
CIDADE .... ESTADO ....

ALÔ!... ALÔ!... CONSUMIDORES DO "ÓLEO DE CEDRO" — O melhor para os móveis



Comecem a guardar o maior número possível de vidros vazios do "ÓLEO DE CEDRO".

Dentro de algum tempo, será lançado o mais sensacional Concurso: com distribuição de 33 prêmios, em Auditório. Cada vidro dará direito a uma participação. Prêmios de Cr$ 50,00, Cr$ 100,00, Cr$ 200,00, Cr$ 500,00, Cr$ 1.000,00 e Cr$ 5.000,00.

No Concurso não poderá deixar de sair todos os prêmios. Tudo será feito às vistas do participante, de maneira a mais original.

Aguardem o sensacional Concurso do "ÓLEO DE CEDRO", o melhor para os móveis.

Com antecedência serão dadas as bases do Concurso. Entretanto, terá mais possibilidades quem tiver maior número de vidros vazios.

Algum dia a senhora dirá: — Concurso igual a êste nunca se viu!...

"ÓLEO DE CEDRO" — O melhor para os móveis

155 — Três (duas)
Cabelo **encarapinhado**
Não tem você, minha negra!
A exceção confirma a **regra**,
Conforme reza o ditado.
Dr. Barreto Cardoso - G.C.N. - C.E.S. - Maceió, Al.

———

156 — Três (duas) — **Monte sobranceiro** é o título do sonêto daquele poeta **tolo**.

Dr. Legnar - Urupês

———

157 — Três (duas) — Sou homem **sincero**, de **ação** definida.

Emidlej - A.C.C.B. - D.S.P. Pôrto Alegre

———

158 — Três (duas)
O rapazinho atrevido
Que não guardar compostura
No xadrez ver-se-á detido
Mesmo que **arrote bravura**.
Gomes Júnior - C.E.C. - Maceió

———

159 — Três (duas) — Uma vez que eu aqui **permaneço**, é porque estou **quase** acostumado com o lugar.

Gil Vírio - Andradina

160 — Três (duas) — O **recruta** deu tiro na **parte posterior** do **cachaço** do **boi**.

H. França - Recife

161 — Três (duas) — A **sacerdotisa** de **Apolo** não gostava de **alimento muito salgado**.

Irahydes - Rio

———

162 — Três (duas)
Onde há grande **porção**.
De gente alcoolizada
Ou sai bacafuzada
Ou grande **agitação** — 3-2
Jàsbar - Tem - Belo Horizonte

———

163 — Três (duas) — **Talvez** encontre algo na **bôlsa**.

Florentino - João Pessoa

———

164 — Três (duas) — De quem te faz **elogios**, receio **tenhas**.

Jovaniro - Rio

———

165 — Três (duas) — **Notável** é o teu **destino**!

Pompeu Júnior - Botucatu

———

166 — Três (duas) — Por causa de um **guarda chuva velho** e **ordinário**, houve muita **parlapatice**.

P. Del Debbio - C.E.P. - S. P.

———

167 — Três (duas) — Vinho **bom** de **tonel** velho.

Zigomar - T.E.M. - B. Horizonte



AGORA
elegantes
modêlos
em sola
fina

Calçado
SOUTO

Confôrto
máximo
Garantia
absoluta

ENIGMA FIGURADO — 168



Zigomar - T.E.M. - Belo Horizonte

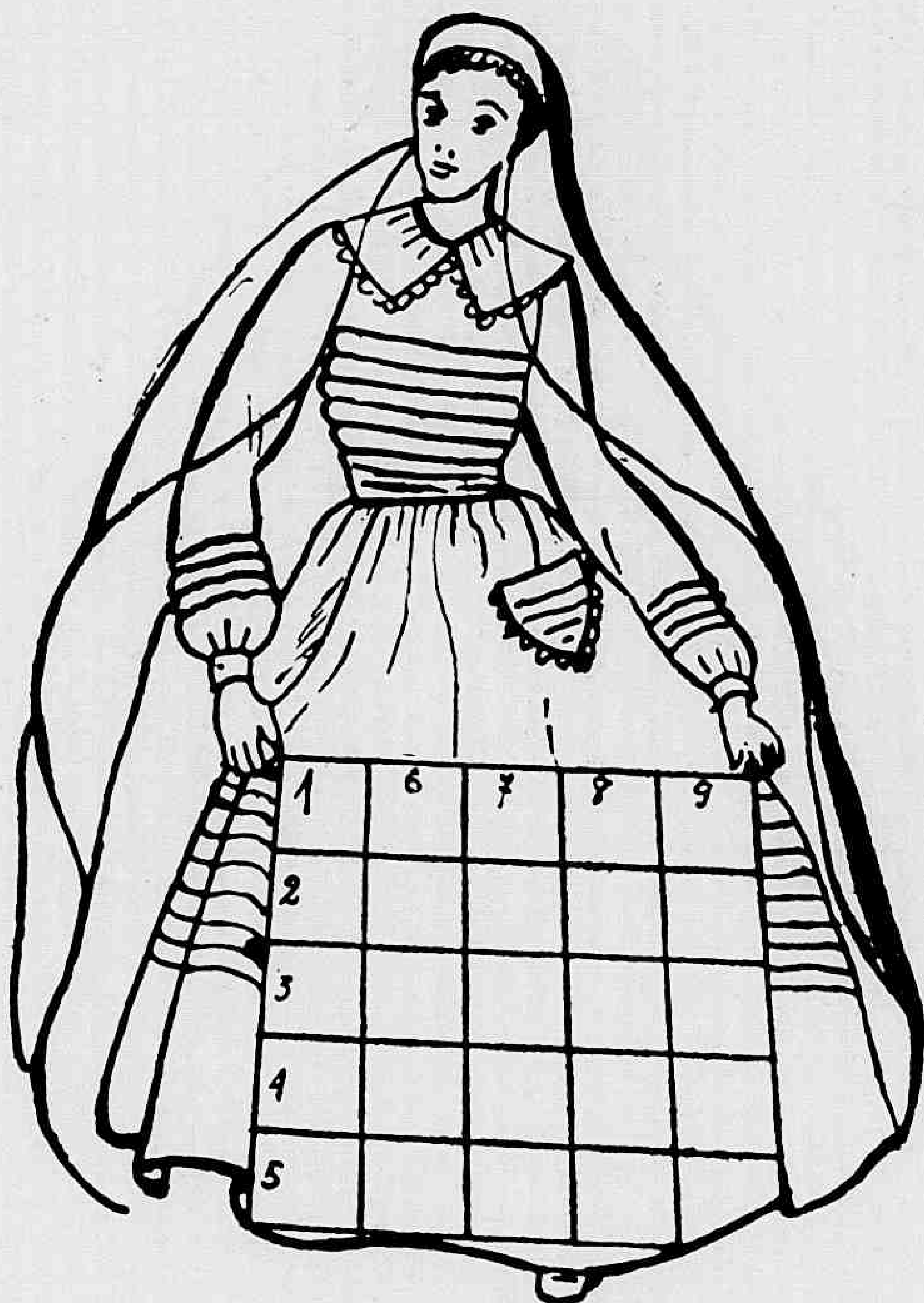
ENIGMA FIGURADO — 169



Trica - Rio

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 5

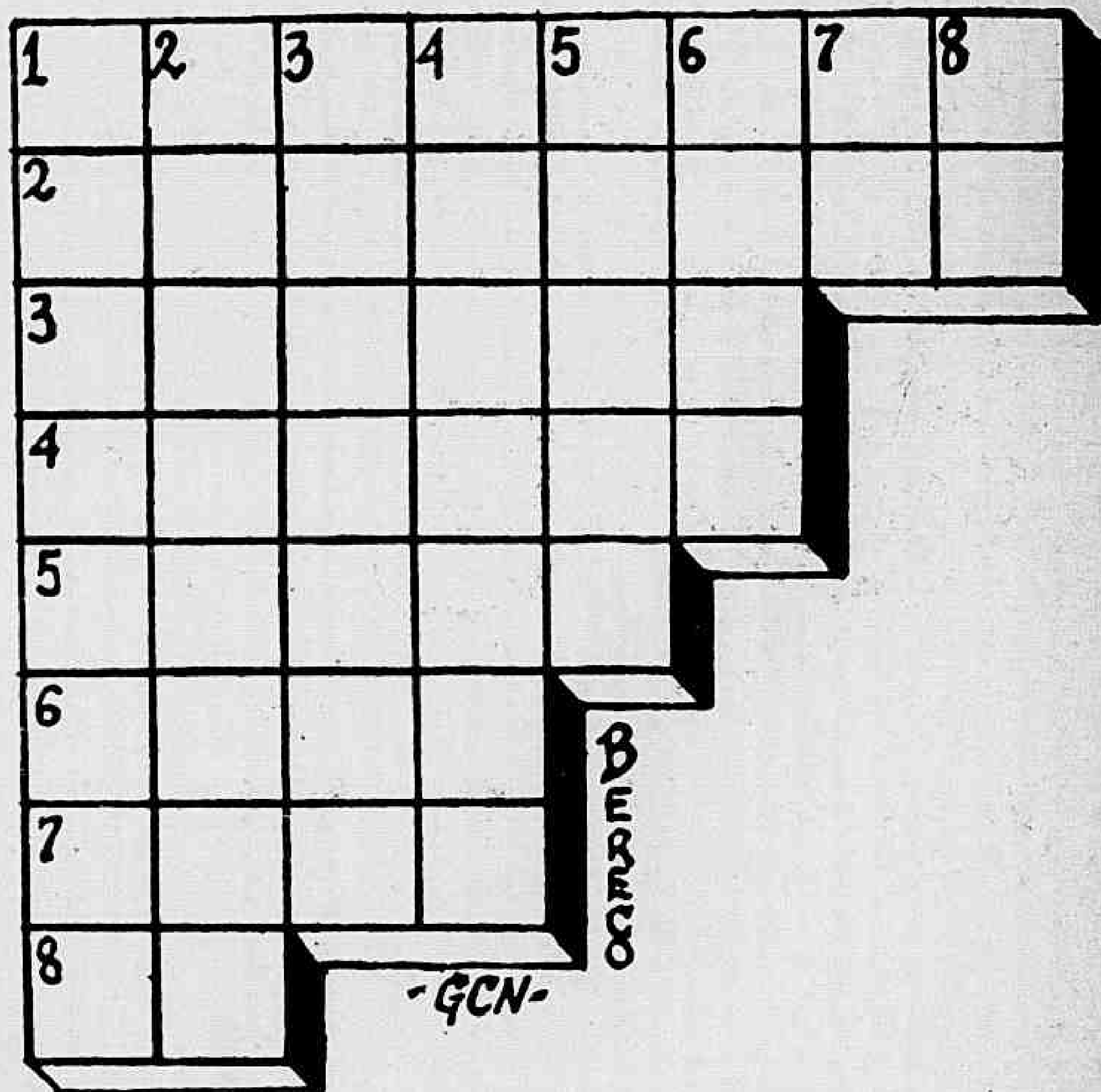


Roama - São Paulo

Horizontais — 1 — Carapinha de negro; 2 — Espécie de olmeiro ou chopo; 3 — Côcho. 4 — Esclarece com comentários; 5 — Morada de família nobre e antiga.

Verticais — 1 — As velas grandes dos navios; 6 — Cavaleiro armado de lança; 7 — Grande depósito de aguardente; 8 — Imóvel; 9 — Brando.

Problema n.º 6



Bereco - G.C.N. - Recife

Horizontais e verticais

1 — Imbituba; 2 — Espantalhos; 3 — Suja; 4 — Metes na mala. 5 — Integras; 6 — Pedras; 8 — Art. feminino plural.

PARAÍBA ENIGMÍSTICA

Merece registro especial o aparecimento desta revista, órgão do Grêmio Charadístico Euclides Vilar, em João Pessoa — Paraíba. Bem impresso e melhor colaborada **Paraíba Enigmística** promete propagar o charadismo no norte, pois tem a sua frente dois competentes charadistas nossos colaboradores: **Alexis** (Gumercindo Leite) e **Jotapê** (José Pinto da Silva).

Minha esposa é para mim como uma noiva...





A sua vivacidade, a sua alegria permanente, tornaram-na a creatura mais adoravel do mundo. E ela diz sempre: - "Devo minha alegria contagiante á saúde perfeita e a saúde á Emulsão de Scott". Em minha casa todos fazem uso da Emulsão de Scott, do mais puro óleo de figado de bacalhau, rica em vitaminas, cálcio e fósforo, o tônico ideal para crianças, moços e velhos



EMULSÃO DE SCOTT

TÔNICO DAS GERAÇÕES

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

——//——

À Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Cabe aqui noticiar a diretoria do Grêmio para o período 1954-1955:

Presidente de honra — Dr. Apolônio Vilar; Presidente — Bertino do Carmo Lima (Barcarli); 1.º Secretário — Dr. João Navarro Filho (Míster Moto); 2.º Secretário — Gumercindo Leite (Alexis); Tesoureiro — Gerson Gomes dos Santos (Nosreg). Conselho Deliberativo: Mário do Rêgo Neto (X. Neto), Dr. Agrícola Montenegro (Agrimonte) e Arnóbio Falcão (Falção).

ALMANAQUE DE SELEÇÕES RECREATIVAS

Sob a direção de Sílvio Alves apareceu o do ano de 1955.

A parte charadística está entregue ao confrade tenente Derthys Agrícola e a parte artística ao nosso velho confrade e amigo Ernesto Acevray.

É uma bela coleção de trabalhos charadísticos ao alcance de todos; a parte literária muito variada — Edição da Livraria Tupã.

ENCICLOPÉDIA GRIZ

Fomos informados que brevemente aparecerá o primeiro volume desta enciclopédia de autoria do nosso confrade **Zaratustra** (Artur Griz) — É o primeiro de uma série de cinco, que contarão 350.000 verbetes.

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 5 de novembro.

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo

A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

Seu Gunele (Pôrto Alegre) — Inscrito com muito prazer.

Jorela (Curitiba) — Inscrito para todos efeitos. A colaboração que mandou foi feita por dicionários não adotados nesta seção. Mande outra.

Trica (Rio) — Gratos pela colaboração.

Pompeu Júnior (Botucatu) — Muito gratos pela gentileza.

R. Kurban (São Paulo) — Estamos sentindo a falta de sua colaboração.

Ralvo Ilvas (?) — O diploma relativo ao seu prêmio foi devolvido de Cabo Frio; mande o seu novo enderêço.

Alvasco (Recife) — Escrevemos pelo correio.

Violeta (Recife) — Não temos recebido suas listas de decifrações, nem colaboração. Estaremos esquecidos?

PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Maranguape, 15 e endereçada ao diretor desta seção.

DR. LAVRUD

Óleo de Peroba

Conserve o encanto dos seus MÓVEIS usando o insuperavel Óleo de peroba



TRABALHOS GRÁFICOS

★ LIVROS
★ FOLHETOS
★ PROSPECTOS
★ BULAS
★ RÓTULOS
★ CARTAZES

E QUALQUER SERVIÇO DO RAMO GRÁFICO
TRABALHO RÁPIDO E LIMPO

Cia. Editôra Americana

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — TEL. 22-8647 — RIO

REFLEXÕES DE UMA CONTEMPORÂNEA: "POR QUÊ?"

— OLÁ, Beatriz. Como vai?

— Bem; e você? Há quantos anos não tenho o prazer de estar com você, Maria. Que tem feito?

— Bem... Como você sabe, casei-me, tenho dois filhos e mal me sobra tempo...

— Como você ocupa o seu tempo, fora as crianças, Maria?

— Ora, Beatriz; fora as crianças — e graças a Deus, tenho uma ótima "babá", que toma conta delas cem por cento — tenho jôgo na casa da Vera. Você se lembra da Vera, heim? Aquela pequena loura e alta, que estava sempre prestes a levar "bomba"? Pois é; imagina que a Vera casou — e muito bem — com o Heitor, filho daquele banqueiro, que, por sinal, não dá a mínima bola para ela; mas, como você sabe que inteligência ela não tem muita, segue a sua vida bem calma e cada vez mais bela e bonita, com fãs para dar e vender. Pois é; como estava dizendo: temos um joguinho lá, três vêzes por semana. Fora isso, vou à costureira e, por falar em costureira, até que enfim arranjei uma formidável! Imagine que ela costurava em Paris, para a alta sociedade, e ainda não descobriu que vale muito mais do que está cobrando. Você gosta dêste modêlo? Pois é, eu...

— E o seu marido? Que faz êle?

— Bem. Não sei dizer, ao certo. Só sei que êle trabalha até bem tarde, e que faz ótimos negócios, pois volta e meia me traz jóias lindas...

— Mas, querida, você nem sabe qual é o ramo de negócio dêle?

— Ora, Beatriz, para que me preocupar com isso? Contanto que êle me traga os níqueis...

— Oh, sim... Foi um prazer estar com você, e vê-la tão bem disposta, mas vai desculpar, porém tenho hora marcada, e vou ver se tomo êste *lotação*.

E Maria, depois de trocar beijos com sua ex-colega, pensa que Beatriz é ainda um tanto retraída; alçando os ombros, segue o seu caminho. Enquanto isso, Beatriz, após conseguir o seu lugar no lotação, começa a pensar, recordando os tempos de colégio.

Sente-se realmente triste por ter encontrado a Maria, pois não era preciso continuar a conversar com ela para saber que dali só sairia futilidade; e mais uma vez constatou uma triste verdade: Que, em sua grande maioria, a mulher brasileira inteligente, satisfazia-se com ser apenas uma mulher bela, e não uma mulher bela *e inteligente*. O exemplo da Maria era típico de tantas e tantas de suas colegas com quem se encontrava de tempos a tempos; porém, desta vez, era mais impressionante. Nem saber sequer em que ramo de negócio o marido trabalhava — e Maria tinha sido, sempre, durante mais de cinco anos, a primeira da classe *em tudo*. Não só em Matemática, porém em Artes — dava gôsto ouvi-la recitar aquêles poemas de Racine e Molière, todinhos de cor — dava gôsto ouvi-la discutir inteligentemente a influência sofrida e exercida pelos diversos povos nas épocas de guerra ou outras circunstâncias. Maria estava sempre à frente de qualquer debate, quer fôsse sob o ponto de vista espiritual, quer sob o ponto de vista realista e material; e, no entanto, quem era Maria, hoje? Era de provocar lágrimas, ver tanta inteligência completamente desperdiçada. E, sendo assim, não podia surpreender que o nosso país estivesse na situação atual. Se a mulher não tinha tempo sequer para saber em que o marido trabalhava, então por que cargas dágua haveria ela de se interessar por outras questões de importância na vida de uma nação? Muitas pessoas com quem ela havia falado, quando dizia que a mulher brasileira era indiretamente responsável pelo estado em que o Brasil se encontrava, achavam ser ela exagerada — porém acreditavam piamente que, se as mulheres brasileiras conversassem mais a miúdo com os maridos, se procurassem interessar-se pelos seus assuntos, começariam em primeiro lugar por desfazer a idéia errônea de que *mulher só serve para ficar em casa, ser bonito enfeite, e objeto de ostentação do sucesso material do marido*. E, uma vez desfeita essa idéia, seria muito natural que um homem, ao atravessar momentos difíceis da vida, se voltasse para aquela que escolheu para ser sua companheira e não apenas a sua dona de casa.

Beatriz sabia que esta tese de ver a mulher brasileira usando seus dons espirituais em conjunto com os naturais, talvez não fôsse realizado durante sua vida, porém, "água mole em pedra dura..." — se ela procurasse discutir suas idéias com o maior número de pessoas possível, quem sabe se o seu *"Por quê?"* não teria um dia uma resposta. — *AUDREY*

VISÃO MUNDIAL

(*Cont. da pág.* 61)

superando assim o Império Russo com as suas fronteiras asiáticas. Daí nasceu a teoria inglêsa, de que o único meio de liquidar o Império Germânico, consistiria na destruição das suas colônias européias, bases de matérias primas e soldados.

Intitulavam de colônias estratégicas da Alemanha, as nações tributárias do Reichstag, a Hungria, a Áustria, a Bulgária e a Turquia. Em setembro de 1917, proclamava abertamente o conde de Fels, que a demolição da hegemonia alemã só poderia ser efetuada, com o aniquilamento da liga austro-turco-búlgara.

Império essencialmente heterogêneo, fundado sob as felonias diplomáticas, a monarquia balcânica retirava a sua potência aos povos fracos, esfacelados pelos ódios raciais e logo que deflagraram as hostilidades mundiais, todos previram o desmembramento do império dualista, cuja única unidade provinha do absolutismo e que se desfaria com a militarização dos povos em combate.

A Inglaterra advogava a independência dos Estados Balcânicos, vendo nesses povos eternamente hostis, uma barreira à corrida dos alemães e dos russos sôbre o Estreito dos Dardanelos.

Entregues às suas represálias particulares, as populações balcânicas procuraram restabelecer no tumulto militar da Primeira Guerra Mundial, os seus direitos históricos e as suas reivindicações de fronteiras. Só uma contenda generalizada poderia refazer as imposturas dos pactos secretos e a antropofagia diplomática dos fortes sôbre os fracos.

A aplicação do princípio das nacionalidades, desafiava a argúcia dos diplomatas em satisfazer tantas aspirações geográficas e tantas fronteiras raciais. Procuravam os inglêses e franceses, bem como os norte-americanos, evitar que outra grande potência da Europa Central tentasse colonizar estratègicamente a península balcânica. Ruíram os Hohenzollerns e os Habsburgos, mas perduraram os litígios das minorias balcânicas. A invasão da Grécia pelos italianos na Segunda Guerra Mundial reconfirmou a importância secular dos Balcãs.

Outras ligas militares, estratégicas e comerciais tentaram no passado diluir os antagonismos hereditários e fracassaram politicamente. A recente Tríplice Aliança greco-turgo-iugoslava visa superar a irrupção de novas hostilidades nos Balcãs, península por onde transitam as ambições das potências, em direção da Ásia, do Oriente Médio e do Oceano Pacífico.



MUITO MAIS PERIGOSA!



AQUI temos Barbara Kendrick, funcionária do supremo comando do exército americano. Entre os dedos da mão esquerda têm uma novíssima arma: uma simples peça de aço, modelada em forma de bomba, com quatro centímetros de altura e chamada com muita propriedade de «cão danado». Ficou provado que uma dessas bombas minúsculas, precipitada de uma altura de 2.000 metros adquire fôrça de penetração superior à de um projétil de fuzil de guerra (que é exibido na mão direita). Durante um ataque aéreo seriam suficientes alguns milhares dêsses «cães danados», lançados de altura conveniente, para aniquilar tôda a tropa adversária, com uma chuva mortal.



COISAS DA VIDA...

O reverendo Louis Evans, pastor presbiteriano, que desempenhou seu ministério em Hollywood por dez anos, disse, num sermão em Oklahoma:

— Não é verdade que Hollywood seja, como muitos dizem, um lugar de pecado. Em Hollywood vi mais respeito pelas leis de Deus que em qualquer outro lugar onde já estive.

O PRESENTE

(*Conclusão da página* 53)

Não a levei a sério. Eu ainda pensava que era tolice nós contarmos a verdade a meu pai. Observei-a, no jantar, com espanto e confusão. Meu pai não poderia ter dúvidas de que ela gostara do conjunto.

Mas, minha mãe jamais esqueceu o que realmente queria. Quando meu pai não estava presente, fazia críticas acerbas ao velho móvel.

FITEI minha mãe, e sorri: — A metade é mais do que um têrço! — falei, deixando-a intrigada. Mas eu sabia o que queria dizer. Eu aprendera minha lição sôbre homens e mulheres e sôbre *dar* e *receber*. Agora, eu compreendia!

— Êle nunca saberá que eu realmente desejo um relógio! Nunca mais mencionarei a palavra "relógio" em minha vida. Talvez eu possa comprar um, com minhas economias...

Minha mãe acrescentou:

— Você, possìvelmente, já tem uma idéia do tipo que prefere. Falta-lhe só comprar um e...

E começamos, ambas, a rir como loucas.



A VIDA HUMANA VEIO DE OUTRO PLANÊTA?

(*Conclusão da página* 28)

sabe..." — escreveu Lull, em sua "Evolução da Terra".

Mas, se admitirmos que os dinosauros foram deliberadamente destruídos para "abrir espaço" e preparar ambiente para a colonização de humanóides do espaço interestelar, então as coisas ficam mais facilitadas.

A repentina aparição dos mamíferos de tipo moderno na terra, na época eocena (relativamente recente em história geológica). E, novamente segundo Lull, êles apereceram "simultâneamente na América do Norte e na Europa". Eram formas inteiramente novas e — no caso particular do Homem — sem qualquer elo com os precedentes.

A inexplicável aparição do próprio Homem, cujo antepassado os sábios não conseguem encontrar nem compreender.

Relíquias de tipos humanóides de grande antiguidade; moedas, utensílios, tabletes e outros objetos feitos com metais desconhecidos e ligas indecifráveis, alguns dos quais foram encontrados em rochas sólidas com 30 metros e mesmo mais de espessura. A queda ocasional de objetos artificiais, do céu, como por exemplo o famoso Meteorito de Carlton, cuja liga é tão dura que desafia qualquer análise; os vestígios de pré-históricas fortalezas feitas com material que "parece ser vidro", e encontradas em muitas regiões da Europa, geralmente no alto de colinas; minúsculos túmulos encontrados numa caverna, na Irlanda do Norte, etc., etc.

Seriam, também, verdadeiras as afirmações de algumas pessoas, que declararam ter encontrado os corpos inanimados de homens com oitenta centímetros de altura, entre os destroços de estranha máquina, semelhante a um disco-voador, numa elevada montanha do Chile? Pertenceriam à mesma raça daquelas humanóides cujos túmulos foram encontrados na Irlanda?

Quem pode responder?

E há mais: há também a lenda de criaturas gigantescas. Senão vejamos: dentes humanos perfeitos, seis vêzes maiores que os nossos, foram encontrados na China. Os chineses do século XIV vendiam êsses dentes a pêso de ouro, como portadores de miraculosos efeitos, entre êles o da fôrça invencível.

E, agora mesmo, insistentes notícias revelam a existência de homens gigantescos nos mais altos cumes do Himalaia e também nas montanhas da Colúmbia Britânica, muito acima da linha das neves eternas. Conhecidos no Canadá como "Sasquatch" e no Tibet como "Abominável Homem das Neves", têm sido objeto de muitas expedições científicas.

Talvez possam ser marcianos, que precisam, para viver, de uma atmosfera rarefícada e extremamente fria, para alcançar uma vida confortável. Dessas bases altíssimas podem estar explorando a nossa vida e sondando os nossos progressos por meio de discos-voadores.

Sòmente a existência de uma civilização de vasto escôpo científico pode explicar a destruição dos atlantes numa "espantosa

explosão que destruiu todo um continente, há uns nove mil anos, deixando em seu lugar um abismo oceânico."

Teriam os atlantes vindo de outro planêta?

A resposta tende mais para a afirmativa. Talvez todos nós — ou muitos de nós — sejamos descendentes dos atlantes.

A melhor conclusão científica é a de que a vida não se originou na Terra, tendo vindo para cá, pouco a pouco, por meio de colonizadores de outros planêtas. Talvez tenham havido muitas expedições colonizadoras — e de mundos diferentes... Uma delas está, certamente, visitando a Terra, hoje. E, senão, como expilcar êste nosso brusco e tremendo avanço nos conhecimentos científicos?

Há três gerações não possuíamos fôrça elétrica, nem automóveis, nem aviões, nem telefone, nem rádio, nem televisão, nem radar, nem energia atômica. Hoje, porém, temos tudo isso. Em setenta e cinco anos progrediremos muito mais que nos precedentes 10.000!

A única explicação plausível é a de que recente infiltração de humanóides de algum outro mundo, de civilização muito mais avançada do que a nossa, tenha ocorrido entre nós, sem que nada notássemos. Todos êsses recentes e prodigiosos progressos não são devidos a nós mesmos, mas sim a êles!

O seu vizinho mais próximo pode ser um dêles, segundo afirma o astrônomo Heuer, que os chama de "planetarianos". Da mesma forma o leitor pode ser, também, um dêles... ou seu descendente!

Aquêle estranho indivíduo, avistado na Alemanha seria, talvez, um tipo extremo. Aliás, todos os extraterrenos existentes na Terra, na atualidade, têm — provàvelmente — aparência tão humana como a do leitor. Têm que ser assim *porque representam, simplesmente, uma das nossas muitas raças-parentes, existentes em outros mundos.*

QUANTO VALE O BEIJO NA ESPÔSA?

UM mineiro inglês, de 45 anos, Bill Jones, acaba de receber 3.070 libras esterlinas como indenização «por não poder mais dar à espôsa um beijo **matinal**" (sic), por haver perdido, num desastre, o lábio superior. O sr. Jones, há tempos, montado em sua motocicleta, seguia para a mina onde trabalhava, quando, zás, foi atropelado por um automóvel, guiado por um certo Albert Webster.

No acidente, Jones perdeu o lábio superior.

No tribunal, alegou que o aspecto grave do seu infortúnio estava no fato de não poder mais beijar a espôsa, pela manhã, antes de seguir para o trabalho, como era seu hábito.

O juiz Finnemore, homem de 64 anos, confessou não ser «muito competente» para estabelecer o valor de um beijo conjugal, mas acrescentou que achava o pedido justo, acabando por condenar o sr. Webster a pagar as 3.070 libras exigidas.

Com isto ficamos sabendo que o beijo conjugal, aos 45 anos de idade, vale muito (aproximadamente 160 contos).



SÃO COISAS DA VIDA...

UM AUTOMÓVEL, guiado por um menino de quatro anos, se espatifou contra um poste, em Vedje (Copenhague). O menino foi levado, ferido, para um hospital. O proprietário do veículo, Harald Nielsen sofreu apenas ligeiras escoriações. Confessou que solicitara o auxílio do garôto, que encontrara numa estrada, a fim de conduzi-lo à cidade mais próxima, porque êle próprio, sentindo-se doente, não estava em condições de guiar o automóvel.

O SR. WILLIE WRIGHT, de Macon (Geórgia), foi prêso em estado de embriaguês. No dia seguinte, levado ao tribunal para ser julgado, apareceu novamente embriagado. A polícia o processou por êsse segundo delito. O homem, porém, defendeu-se, sustentando que estava «embriagado» com água. Contou, de fato, que ao beber água àquela manhã, havia sentido «reavivar-se» o efeito do uísque ingerido na véspera. O juiz aceitou sua defesa, condenando-o apenas pelo primeiro delito.

A SENHORA MINNIE McCOMB, de Hackensack (New Jersey), obteve o divórcio porque o marido a deixou só na primeira semana do casamento. Contou que, logo após a cerimônia nupcial, o marido foi levado por amigos para um hotel, de onde sòmente saiu uma semana depois.

EU SEI TUDO

Nº 451 — Ano XXVIII Nº 7 — Dezembro — 1954

SUMÁRIO:

A arte de esquivar 3
Para ler sossegado 3
A Mentira (Conto) 7
Não verá publicado o seu livro 11
Conselhos de uma quituteira 12
O coração artificial 14
A Ceia de Natal (Conto de João Luso) 17
Novas técnicas, novos acidentes 21
Gigante de 11 anos 22
A arte de escrever 22
Vantagens do método antigo 22
Contrôle do nascimento 22
Para gavetas que emperram 22
Trabalho macio 23
Relíquia 23
Nunca desespere, mas.. se isto acontecer... Trabalhe desesperadamente!... 23
A vida humana veio de outro planêta? (Viverão entre nós homens de outros planêtas? — Seremos, todos nós, refugiados de uma civilização perdida?) ... 24
O trem perdido (Novela de Conan Doyle) 29
Coisas da vida infantil 37
Para ornamentar a casa, no Natal 38
A fôrça de um juramento (Romance-continuação) 39
O Presente (Conto) 47
S.O.S. para o seu lar 54
O labirinto da aliança balcânica. Falta espaço para a soberania dos povos? 55
A voz humana já não tem segredos 62
"Mate" em seis lances (Conto de Alfredo de Macedo) 65
O sonho de Schweitzer 70
Tinha tôda razão 70
Estampas norte-americanas: "Boy-Friends", noivos e namorados 72
O'Brien apaga um incêndio (Episódio real) 76
O raio justiceiro (Episódio real) 77
A "boa resposta" do mês 77
O moço lá da minha terra (Conto de Florence Jane Soman, tradução de Sílvia Jambeiro) 78
Bom recurso 80
Resolva os seus problemas 82
Estará você ficando cego? 82
Excelente Estréia 86
O diário de Felix Lane (Romance-continuação) ... 87
Nos domínios da gramática 96
Memento EU SEI TUDO — Olhando o mundo há sessenta dias 97
Charadas — Quebra-Cabeças 107
Por quê? (Reflexões de uma contemporânea) 114

CORRESPONDÊNCIA

Maria José Lessa (Campestre (?) — Ao contrário, sempre temos respondido. Infelizmente, nada podemos informar sôbre a edição do romance, em livro, havendo quase que a certeza de que não será feito. Relativamente à Esfera de Ouro, não está editada em livro. Foi publicado por nós e vamos verificar se existem os números correspondentes ao mesmo romance, dando resposta aqui mesmo, nesta coluna, pois jamais tivemos o seu enderêço completo. Combinado?

Dieno Castanho (São Paulo) — Lamentàvelmente, devido à ausência forçada da pessoa encarregada da decisão a respeito dos dois artigos, sòmente hoje podemos responder. E infelizmente não é a melhor resposta, pois, por motivos de ordem interna, não podem ser publicados. Vamos remetê-lo, imediatamente, pelo correio. Gratos por suas atenções.

Raul Burgos Lopes (São Paulo, capital) — Tem razão, o amigo. O que houve foi apenas isto: ao ser preparada a página, na montagem, houve a inversão do clichê, ocorrência sem dúvida lamentável, mas comum na feitura de uma revista. Gratos.

A CAPA: Aí está o Natal, outra vez! E com o Natal chegam os sonhos para o futuro e as recordações dos dias vividos. É o instante da grande emoção, do grande encontro com a realidade que está no fundo de cada um de nós e que aparece, inteira, para um exame profundo. Mas é, acima de tudo, o momento da boa-vontade, da ânsia de ser bom, gentil, magnânimo... e poder, enfim, ser totalmente feliz, favorecendo a felicidade de todos os que nos cercam. E, a propósito, um feliz Natal para você, leitor amigo.